

O U S A D I A (S) 2 0 2 0

ESPECTÁCULOS
INSTALAÇÕES
OFICINAS
EXPOSIÇÕES

1 – 15
MARÇO
2020



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

WWW.UC.PT/SEMANACULTURAL | AGENDA.UC.PT



revista
da reitoria
da universidade
de coimbra
número 54
março 2020

OU S A D I A (S)
RUA LARGA

RUA LARGA

será produzido um
único volume anual,
que se destaque como
ícone de cultura
com marca UC e de
reflexão metacultural
aberta ao país e à
intervenção de agentes
culturais de relevância
internacional.
A publicação coincidirá
com a Semana Cultural
de cada ano.

O u s a d a O b j e t i v a

Abre-se esta Galeria de Imagem com o rosto, hoje capa [RL#54], numa vestibular visitação de leitura à: *Companhia* (2019), de Luis Felipe Ortega (*Anozero*, 19) que, depurando, fez por comungar a arquitetura do convento de Santa Clara-a-Nova com as palavras de Samuel Becket, T. S. Eliot e Roni Horn.

A esta, outras imagens sucedem contaminadas pelo desenho da letra O, de *Ousadia(s)*, letra que num itinerário convulso convoca o Olhar para os desígnios gerados pelo *espaço_lugar*. Tão plurais.

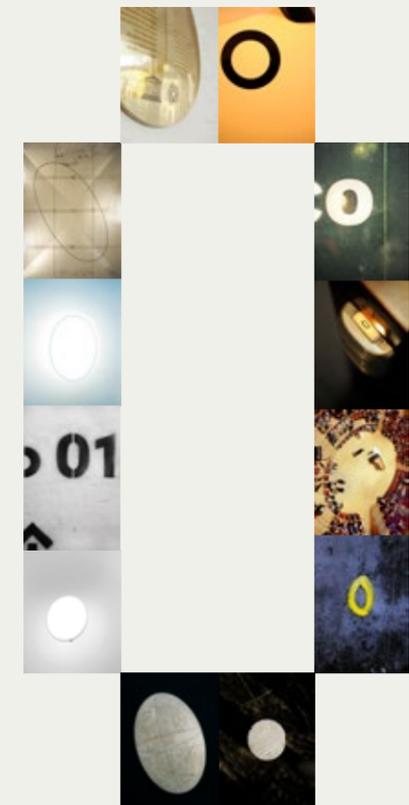
De uma constelação de imagens colhidas ao quotidiano vivenciado — ganhas pelo Olho posto na *Objetiva* trazida pelo bom *Ofício* do fotógrafo, João Armando Ribeiro —, editam-se avulsos tempos que convidam a entrar para dentro da letra, da palavra, do texto. De cada texto, fruindo das suas *Ousadia(s)*. Dia a dia. *Ousadia(s)* sadia(s).

Toda uma escrita também *visualista*, não ilustrativa, mas anti-normativa e inventiva, procurando contribuir para um repensamento da própria escrita nos diferentes lugares em que ela opera e gera comunhão conjugada, como devem, e esperam, os espaços da univers[al]idade.

A Universidade de Coimbra contempla-nos com a letra O. *Ousadia* de *Ousadia(s)*.

Circular letra de *Alfabeto*. Ascensional coroa circular. Caminho infinito. Com volta, em volta, numa coreografia planetária.

Paul Valéry *ficaria contente*.



RUA LARGA O U S A D I A (S)

PROPRIEDADE

Universidade de Coimbra

DIRETOR

Amílcar Falcão

DIRETOR-ADJUNTO

Delfim Leão

EDITORA

Marta Poiares • rua.larga.uc@gmail.com

DIREÇÃO ARTÍSTICA

António Barros

FOTOGRAFIA

João Armando Ribeiro

INFOGRAFIA

Henrique Patrício

Sara Baptista

Francisco Elias

PRODUÇÃO

Teresa Baptista

Inês Coelho

EDIÇÃO

Imprensa da Universidade de Coimbra

Rua da Ilha, 1

3000-214 COIMBRA • PORTUGAL

Telef./Fax.: 239 247 170

Email: imprensauc@uc.pt

IMPRESSÃO

Rainho & Neves, Lda.

TIRAGEM

1500 ex.

ISSN

1 6 4 5 – 7 6 5 x • Anotado no ICS

CAPA

Companhia, Luis Felipe Ortega,

Bienal Anozero, CAPC, 2019

www.uc.pt/rualarga

rualarga@uc.pt • Tel. 239 859 823

PONTOS DE VENDA

Loja UC

Livraria Virtual: <http://tinyurl.com/potg4o7>

EDITORIAL

Ousar a neutralidade carbónica em 2030 – P.05

Amílcar Falcão

REITORIA EM MOVIMENTO

Ousadias – P.10

Luís Neves

Favorecer a ousadia – P.13

Delfim Leão

Investigação na Universidade de Coimbra – Criar equipas. Produzir conhecimento. Compreender o mundo e construir o futuro – P.16

Cláudia Cavadas

Património UC – Desafio da preservação e conservação – P.18

Alfredo Dias

Qualidade – P.20

António Figueiredo

Pensar por si mesmo e compreender o mundo. Os baluartes de uma universidade de valor(es) – P.22

Cristina Albuquerque

Portugal e a Universidade de Coimbra na nova ordem global – P.24

João Nuno Calvão

Ousadia(s)... ou sadias – P.28

José Pedro Figueiredo

Planeamento – P.30

Patrícia Pereira da Silva

OFICINA DOS SABERES

RETROVISOR

O milagre médico do século XX – P.36

Alfredo Mota

A memória remota de um fado subversivo – P.41

Rui Vieira Nery

IPN – a mais antiga incubadora portuguesa e o seu papel na inovação – P.44

Teresa Mendes

RIBALTA

Alterações climáticas: atuar com rapidez e ousadia – P.50

Helena Freitas

A favor de todas as expectativas ou a possibilidade do erro – P.52

Carlos Antunes

João Gabriel Silva

Manuel Machado

CIÊNCIA REFLETIDA

Vida saudável e

envelhecimento ativo:

a Rede Ageing@Coimbra – P.60

João O. Malva

ÁGORA

A génese de uma ideia – P.67

Fernando Seabra Santos

Uma nova biblioteca para Coimbra – P.70

Carlos Fiolhais

Ousar a paridade – P.72

Cristina Robalo Cordeiro

A «Crise da Universidade» – P.75

Luís Reis Torgal

Os desafios impossíveis – P.78

João Ramalho-Santos

2010–2020: dez anos de

Materialidades da Literatura – P.81

Manuel Portela

A ousadia de valorizar pelo desporto – P.84

Mário Santos

Coimbra como destino académico internacional de topo – P.86

Joaquim Ramos de Carvalho

Dizer os 700+30 anos da Universidade de Coimbra, património do mundo, entre 7 de 70 ou Sadias – P.90

António Barros

Luxos de outros tempos – P.99

João Pedro Pereira

PATRIMÓNIOS

Museu da Ciência: um grande museu, uma nova estratégia – P.102

Luís Simões da Silva

Paulo Trincão

Património(s) da UC: conhecer o passado. Construir o futuro. – P.104

Sónia Filipe

AO LARGO

ENTREVISTA

Gonçalo Quadros

Prémio UC 2019 – P.111

Marta Poiares

CRÓNICA

Cinquenta anos de uma maravilhosa ousadia na Universidade de Coimbra (1970-2020) – P.120

João Gouveia Monteiro

CRIAÇÃO LITERÁRIA

Serão – P.124

António Gregório

LUGARDOS LIVROS

Prémio Joaquim de Carvalho 2019 – P.130

Delfim Leão

Imprensa da Universidade de Coimbra – P.130

A escola filosófica de Coimbra – P.132

Mário Santiago de Carvalho

Concluídas as obras pioneiras da cultura portuguesa – P.133

Carlos Fiolhais

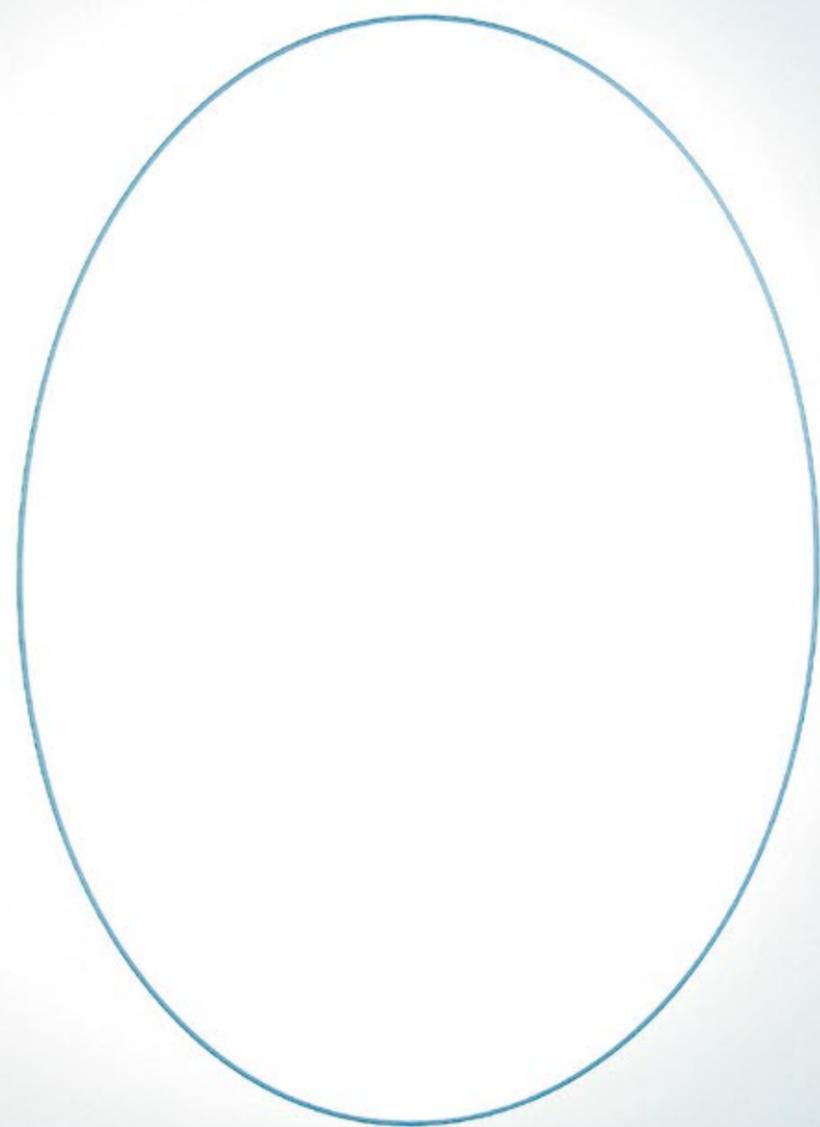
Eduardo Franco



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



AMÍLCAR FALCÃO *

OUSAR
A NEUTRALIDADE
CARBÓNICA EM
2030

Durante 730 anos de existência, a Universidade de Coimbra (UC) demonstrou sempre ser uma instituição à frente do seu tempo. Só se poderia esperar isso de quem produz novo conhecimento e consegue resistir à erosão secular. Antiguidade não é sinónimo de velhice e, prova disso, foi precisamente a expressão pública da ambição de nos tornarmos no primeiro estabelecimento de ensino superior público português a atingir a neutralidade carbónica até 2030. Cada dia que passa perdemos tempo precioso para a aplicação de medidas preventivas e corretivas nesta área: os jovens protestam por uma mudança efetiva nas políticas ambientais; as comunidades científicas nacionais e internacionais apontam, de forma consensual e inequívoca, para todos os riscos em que a humanidade incorre ao degradar de forma tão insensata o seu próprio *habitat* natural; e as principais lideranças mundiais — com especial destaque para a Organização das Nações Unidas (ONU) — escolhem como prioridade máxima para os próximos anos a ação climática. Na verdade, a sociedade debate de forma intensa esta emergência, mas, infelizmente, as medidas imprescindíveis conducentes ao equilíbrio que temos obrigatoriamente de alcançar são ainda incipientes na forma e no ritmo. E é no espaço da ciência, da tecnologia e do ensino mais avançado que somos convocados a construir pensamento e a procurar soluções para um mundo melhor. Sobretudo, quando nos deparamos com a ausência de um rumo coletivo definido e estruturado.

As universidades não podem ficar indiferentes perante as emergências. Não podem constituir-se como estruturas imobilizadas e estagnadas no tempo, incapazes de reagir aos desafios sociais. Não podem censurar medidas potencialmente reformadoras por serem inconvenientes ou suscetíveis ao comentário depreciativo. O inconformismo, a crítica construtiva e a reivindicação baseada em dados factuais é o que nos deve mover, por muita agitação social que isso possa originar quando confrontamos mentalidades instituídas, tendo sempre como propósito uma atitude pedagógica associada à difusão do conhecimento.

A UC, com 730 anos de vida, tem uma responsabilidade acrescida perante uma ameaça séria e real como é o caso das alterações climáticas, tendo de sacudir lógicas dominantes — com especial incidência para as que estão dependentes dos dirigentes políticos — em prol do futuro das novas gerações. As conclusões mais recentes da ONU, cientificamente comprovadas por um painel de especialistas independentes na área das alterações climáticas, são aterradoras: estima-se que a

atividade humana é responsável pela subida de aproximadamente 1.0° C no aquecimento global, tendo como termo de comparação o nível pré-industrial, e que é provável o seu crescimento até 1.5° C entre 2030 e 2052, mantendo-se as atuais condições; este aumento provocará grandes disparidades nos climas das diferentes regiões e a extinção de inúmeras espécies; as emissões geradas por ação humana irão persistir durante séculos, ou mesmo milénios, continuando a impactar o sistema climático no longo prazo; e os riscos relacionados com o ambiente aumentarão drasticamente, afetando a saúde, a segurança alimentar, o fornecimento de água e, por inerência, o próprio crescimento económico dos países, empurrando os grupos mais desfavorecidos para condições ainda piores e inaceitáveis.

Enquanto a ciência demonstra um cenário vindouro tenebroso — mas verdadeiro e objetivo —, revela também que está ao nosso alcance reverter este horizonte, se nos empenharmos globalmente. Se tivéssemos começado a eliminar e/ou a limitar as emissões de CO₂ provocadas pela espécie humana desde 2010, verificaríamos um declínio global das emissões em 45% até 2030 e um balanço nulo até 2050. Contudo, este panorama só seria possível com uma transição célere e abrangente relativamente à utilização de energia, solos, transportes, edifícios e sistemas industriais, à luz dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) fixados pela ONU na sua Agenda 2030, procurando capacitar as entidades governativas, a sociedade civil, as comunidades locais e o sector privado, numa cooperação internacional estreita e efetiva. Hoje já é tarde para todo o trabalho que temos pela frente para salvar a própria espécie humana.

Em função destas evidências, uma universidade prestigiada tem de encarar o futuro de forma reformadora e moderna, estando sempre um passo à frente. Ousámos integrar um núcleo ainda restrito (mas espero, em breve, de base alargada) de instituições públicas que querem ser exemplos no que diz respeito à neutralidade carbónica. Enquanto universidade, fomos a primeira — e até ver, a única — a assumi-lo de forma pública e inequívoca.

Aproveitando o trabalho desenvolvido nos últimos anos, queremos incentivar a discussão crítica, a criação de novas ideias e a avaliação das medidas existentes, envolvendo os investigadores das inúmeras vertentes da ação climática, de modo a posicionar estrategicamente a UC na vanguarda no contexto nacional e internacional, a par das maiores referências nas políticas de sustentabilidade, possibilitando a constituição de colaborações e consórcios com entidades externas para partilha de experiências. É com esta capacidade

inovadora instalada que tem de ser nosso objetivo tornarmo-nos, em Portugal, a plataforma central de discussão científica, aberta a toda a sociedade e sob a chancela da ONU, das grandes causas das alterações climáticas e respetivas ações a tomar na defesa do meio ambiente. Não apenas na componente informativa, mas acima de tudo como veículo de promoção de propostas credíveis e fundamentadas para todos os agentes de mudança. E, sem sombra de dúvida, devem ser os estudantes os principais aliados e porta-vozes destes projetos disruptivos, na promoção dos ODS.

Contudo, uma universidade de investigação como a nossa tem a obrigação de mitigar o seu próprio impacto ambiental, promovendo, dinamizando e acompanhando ações desenvolvidas no seio da Academia: está ao nosso alcance estimular a reflorestação local e regional de zonas afetadas por fenómenos extremos — e, infelizmente, cada vez mais frequentes —, como incêndios ou tempestades, estabelecendo colaborações junto das entidades responsáveis pela conservação da natureza; constituir e preservar um cada vez maior número de espaços verdes e de lazer no perímetro universitário, proporcionando uma ligação forte e conciliadora entre comunidade académica e o meio envolvente, e tornando os espaços mais aprazíveis; eliminar totalmente os produtos de plástico de uso único das instalações universitárias, recorrendo a matérias-primas naturais e biodegradáveis; promover a desmaterialização de procedimentos e arquivos suportados no consumo de papel para plataformas digitais; fomentar a cultura de combate ao desperdício de recursos alimentares, promovendo a sua eficiência e monitorizando os índices de desaproveitamento, revendo igualmente as ementas servidas para enriquecer a oferta de pratos ambientalmente sustentáveis; potenciar a eficiência energética e as energias renováveis nas nossas infraestruturas, reduzindo os consumos de eletricidade, água e gás; e diminuir o trânsito na zona histórica da UC, viabilizando a crescente utilização de uma rede de veículos elétricos, que descongestione e proteja o património e o ambiente.

E é através da celebração dos 730 anos da UC que pretendemos ter os olhos postos num amanhã em que seremos capazes de fazer acontecer este plano para a ação climática, se nos empenharmos coletivamente. A neutralidade carbónica em 2030 na UC está ao nosso alcance.

Pelo planeta, pelos jovens, pela humanidade!

* Reitor da Universidade de Coimbra

ousadias

LUÍS NEVES *

A Universidade de Coimbra (UC) faz, em breve, 730 anos. As sucessivas gerações que nos precederam foram capazes de a elevar a universidade de referência mundial, com um papel especialmente marcante nos países de língua portuguesa. Mais de sete séculos de desafios superados com sucesso trazem uma grande responsabilidade às gerações atuais, no sentido de manterem a relevância da nossa Universidade num mundo cada vez mais competitivo e global, onde o apoio do Estado vai sendo progressivamente mais ténue. Todos somos necessários para este efeito! Não surpreende, assim, que a principal prioridade estabelecida para a área dos recursos humanos e financeiros consista na valorização das pessoas. Cremos que uma comunidade motivada, feliz e participativa é essencial para dar resposta aos múltiplos desafios com que somos confrontados. Num segundo plano, é essencial que o tempo e esforço dos nossos docentes, investigadores, técnicos e bolseiros seja canalizado para tarefas produtivas e relevantes, o que implica melhorar a eficiência de diversos processos internos.

O ano de 2020 inicia-se sob os auspícios de um novo acordo de legislatura, recentemente assinado entre o governo e as Instituições de Ensino Superior (IES). Este acordo permitir-nos-á agir num quadro de estabilidade financeira, aspeto de grande relevância para a instituição. Contudo, à semelhança do acordo anterior, que terminou em 2019, os meios financeiros que disponibiliza são insuficientes para os compromissos obrigatórios com pessoal a que as IES estarão vinculadas nos próximos quatro anos. Sem surpresa, a UC terá de prosseguir o seu próprio caminho, potenciando receitas próprias para enfrentar o insuficiente financiamento do Estado. Tal não impede, no entanto, que dentro dos recursos disponíveis sejam desenhadas políticas que permitam evoluir no sentido das prioridades anteriormente enunciadas.

O orçamento da UC para 2020 traduz estas prioridades num significativo acréscimo da despesa alocada a pessoal. Uma parte deste acréscimo decorre de medidas legais que se saúdam, como o descongelamento das progressões remuneratórias, plenamente concluído no início de 2020, das quais irão ainda beneficiar com efeitos retroativos os elementos do corpo técnico que tiveram entretanto concluídos os seus processos de avaliação por ponderação curricular de ciclos antigos; bem como os docentes, por via da conclusão de um novo ciclo avaliativo (2016/2019). Acresce, no caso dos docentes, a abertura, no final de 2018, de mais de centena e meia de lugares de professor auxiliar, associado e catedrático, com materialização parcial ao longo do ano de 2019, bem como a decisão de abertura, no final de 2019, de mais 65 lugares de professor associado, ao abrigo do novo mecanismo legal de promoção interna. Tendo em conta o elevadíssimo número de professores auxiliares existentes na UC com um tempo de carreira muito longo, cremos que a abertura destes lugares não colocará em causa o mérito como critério primordial de progressão.

Em relação ao pessoal técnico, verificam-se também desenvolvimentos significativos, com a colocação de mais de sete dezenas de novos colaboradores por via de concursos competitivos, bem como para os colaboradores já existentes que reuniam as habilitações legais e o mérito necessários, através da utilização do mecanismo da mobilidade intercarreiras para os repositonar em funções mais complexas (53 casos). Em paralelo, foram reativadas várias modalidades de formação geral e específica para o pessoal técnico, destacando-se, pelo formato inovador e pelo sucesso de que se revestiu, a semana de formação/*team building* designada por «Upgrade UC Team». Também em 2020, será iniciada a vigência de um novo regulamento de

duração e organização do tempo de trabalho que, cremos, trará mais flexibilidade na gestão do tempo aos serviços e aos trabalhadores.

Aproveitando as oportunidades de financiamento externo, a UC procedeu ao recrutamento, ou recebeu enquanto instituição de acolhimento, mais de duas centenas de investigadores, estando prevista a abertura de mais algumas dezenas de lugares em 2020. É muito positiva a existência de vínculos contratuais estáveis no domínio da investigação, com reflexo positivo para o desempenho da instituição. Por forma a ser possível recrutar os melhores investigadores, deliberou o Conselho de Gestão da UC isentar os custos do reconhecimento de grau aos candidatos que vençam concursos na instituição e que necessitem desse requisito legal. A UC continuará a assegurar a estabilidade da investigação que se produz na instituição, em particular a nível financeiro, suprimindo os enormes atrasos que a FCT vem acumulando relativamente aos pedidos de pagamento de projetos e unidades de I&D.

Uma palavra final sobre a questão da eficiência dos processos internos, abordada no início do texto. Encontram-se em execução ou preparação diversas iniciativas que irão trazer significativos ganhos de eficiência e com as quais contamos para libertar tempo aos nossos docentes, investigadores e técnicos para tarefas mais produtivas. A título de exemplo, encontra-se já parcialmente operacional uma plataforma informática de apoio a procedimentos concursais (Apply.UC), que trará significativos ganhos de tempo a candidatos, gestores de procedimento e membros de júri, com reflexo positivo na qualidade dos processos; decorre o concurso para instalação de um processo de automatização de parte significativa das compras efetuadas pela UC, designadamente no que diz respeito à contratação para investigação, o que permitirá encurtar drasticamente os prazos de aquisição de bens e serviços; preparam-se novidades relativas a deslocações e alojamentos, bem como uma nova plataforma de assiduidade, que permitirá informatizar a gestão de tempos e a marcação de férias; e estuda-se a introdução da assinatura digital em alguns processos internos. Muitas destas melhorias vão igualmente ao encontro de critérios de sustentabilidade, desmaterializando procedimentos que representam elevados consumos de papel e obviando à circulação interna de documentos físicos.

A toda a comunidade da UC os desejos de bom trabalho e um excelente 2020!

* Vice-Reitor da Universidade de Coimbra para as Finanças e Recursos Humanos



favorecer a ousadia

DELFIN F. LEÃO *

Que a ousadia corresponde um impulso criador que deve ser acarinhado é um conceito milenar que já os Romanos (com a sua singular habilidade para verbalizar noções lapidares) haviam traduzido na expressão *audaces fortuna juvat*: «A fortuna ajuda os audazes.», «A fortuna favorece os que ousam.» Uma expressão próxima desta foi usada pelo poeta Virgílio, quase a encerrar a grande epopeia latina (*Eneida*, 10.284), e foi popularizada, desde então, por inúmeras instituições que procuram associar à sua atividade e missão a ideia de «valentia», «coragem». Em suma, a «ousadia» necessária para ir mais além. Que esse impulso criador não está isento de riscos, mostra-o a preocupação de associar ao conceito as boas graças da Fortuna, escrita em letra maiúscula quando nela se identificam os traços delidos de uma deusa de vontade tão poderosa quanto caprichosa: a «Sorte», o «Acaso» são outras formas de lhe traduzir a identidade, mas também o seu reverso, a «Má Sorte», a «Desdita», o «Azar». «Fortuna» e «ousadia» caminham assim, lado a lado, sustentando com o seu impulso criador caracteres e desígnios de exceção, porque não cederam perante o risco, não desistiram diante da incerteza, não capitularam perante o peso da dúvida.

Em 2020, a Universidade de Coimbra (UC) celebra 730 anos de existência, um marco de longevidade e de resiliência que só foi possível pela capacidade que a instituição teve de, durante a sua história secular,

saber «ousar» para ir mais longe, para antecipar soluções e olhar além de barreiras contextuais. O tema da XXII Semana Cultural — *Ousadia(s)* — procura precisamente estimular a revisitação dos momentos em que artistas, personalidades, movimentos e a própria UC «ousaram» questionar e inovar no seu tempo, abrindo novas sendas de ação e de pensamento. A essa revisitação de «ousadias» várias que marcaram o curso da história, pretende-se juntar a «ousadia» maior de construir e antecipar o futuro, de nutrir o impulso largo e perene da inovação.

Ousadia(s) é assim o mote que agrega e motiva os vários contributos deste novo número anual da *Rua Larga*, aprofundando a sua natureza de *momentum* catalisador de ação programática com marca UC e de reflexão metacultural aberta à intervenção de agentes culturais de relevância internacional. É igualmente este o lema que subjaz à reorganização do ano cultural, que em 2020 se apresenta renovado em conceito, duração e ambição internacional.

A Semana Cultural decorre entre 1 e 15 de março, congregando cerca de 30 iniciativas de forte intensidade artística e de claro recorte identitário. Potencia, de forma deliberada e programática, as ligações entre a Academia, a Cidade e a Região, robustecendo a sua projeção externa. A essa temporada de manifestação artística transversal, juntam-se, este ano, dois novos Ciclos direcionados para vertentes culturais mais



específicas, para potenciar a especialização, a qualidade e, como consequência, a capacidade para atrair parceiros mais fortes, aumentando o seu valor e impacto no meio artístico internacional: o Ciclo de Teatro e Artes Performativas — *Mimesis* (18 de maio a 18 de junho) e o Ciclo de Música — *Orphika* (8 de novembro a 8 de dezembro). Com eles se articula outro ponto alto na celebração dos 730 anos: o espetáculo *73 Harpas no Mondego*, dirigido por Nuno Feist.

Assiste a estas iniciativas culturais estruturantes, promovidas diretamente pela Reitoria, uma tríplice motivação: a vertente *formativa*, porque se integram numa instituição que tem entre os seus pilares a missão de formar estudantes, instruir públicos e criar cidadãos com capacidade analítica; a *investigação*, porque as Artes constituem um bem comum e transversal, mas são igualmente objeto de pesquisa altamente especializada numa universidade com as responsabilidades históricas e culturais da UC; e a dimensão *performativa*, que constitui o natural corolário das duas anteriores, por lhe estimularem a qualidade, lhe acentuarem o sentido crítico e, por fim, lhe sustentarem a ambição de se medir com os seus pares, sem preconceitos, no amplo espaço global. A ninguém aproveita o encómio de si mesmo, a ninguém pode bastar o conforto dos trilhos conhecidos ou a evocação dos tempos dourados de antanho, porque filtrados pelo crivo benévolo da nostalgia. A todos beneficia o ensaio de lucidez que é

a exposição consciente, o confronto com a realidade «outra» — esse *pathos* que é sofrimento artístico e enriquecimento existencial.

Não se avançará aqui qualquer tentativa para elencar todas as atividades previstas, nem todos os agentes nelas envolvidos, porque melhor do que isso será estimular a curiosidade de quem desejar «ver com atenção» — o *spectare* de cada fruição estética. Impõe-se, ainda assim, uma referência, mesmo que breve, à 37.^a cerimónia promovida pelo World Cultural Council, que decorrerá em Coimbra, entre 4 e 5 de novembro de 2020. Pela primeira vez, uma instituição portuguesa foi escolhida para acolher a cerimónia que atribui distinções de grande relevância internacional: o Prémio Mundial de Ciências Albert Einstein, o Prémio Mundial de Educação José Vasconcelos e o Prémio Mundial de Artes Leonardo da Vinci. Ao ser escolhida, a UC insere-se assim numa galeria de ilustres anfitriões, onde figuram instituições como o Massachusetts Institute of Technology, a Universidade de Oxford ou a Universidade de Princeton. A «Fortuna» de ser escolhida decorreu de ter sabido «ousar» no passado e de saber que, na «abertura à ousadia», na Arte e na Ciência, residirá a melhor garantia do seu futuro.

* Vice-Reitor da Universidade de Coimbra
para a Cultura e Ciência Aberta

Na Universidade de Coimbra (UC), a investigação científica desenvolve-se em diversas áreas, como reflexo da sua história e da organização e empenho das pessoas (docentes, investigadores, estudantes de doutoramento, gestores de ciência), sendo maioritariamente dinamizada por 37 Unidades de Investigação e Desenvolvimento, em articulação com as Unidades Orgânicas, que incluem perto de 4300 investigadores (doutorados e não doutorados). Além disso, os programas de pós-graduação (Mestrado e Doutoramento), organizados e promovidos por essas Unidades Orgânicas, fazem parte da dinâmica da investigação da Universidade como fonte dinamizadora de recrutamento de novos investigadores e de produção de conhecimento. A investigação científica está ainda relacionada com o processo de inovação e transferência de conhecimento, e atividades e estruturas de divulgação de conhecimento (Museu da Ciência, Centro Ciência Viva Rómulo, o Exploratório, o Observatório), que potenciam e promovem o seu impacto académico e social.

A dinâmica de todo o ecossistema de investigação científica constitui um pilar essencial para a afirmação da UC como instituição de referência nacional e internacional na produção de conhecimento. No entanto, se por um lado consiste no motor diferenciador de uma universidade, manter e potenciar a investigação científica é um desafio para qualquer instituição de ensino superior.

O desenvolvimento e fortalecimento da investigação científica da UC depende de recursos (financeiros, humanos e infraestruturais), organização, parcerias estratégicas e internacionalização. Assim como tem sido desenvolvido noutras instituições de referência, a UC iniciou um processo de potenciação da investigação científica, com a definição de áreas estratégicas segundo a sua *expertise* no ecossistema científico e tecnológico na Universidade, e respondendo aos desafios regionais, nacionais e internacionais. Pretende-se que estas áreas potenciem a formação de equipas multidisciplinares e a investigação interdisciplinar de excelência, e que venham a ser consideradas uma forma eficaz de reforçar a investigação e projetar a UC num patamar relevante em contexto nacional e internacional.

Pela sua missão e objetivos, o Instituto de Investigação Interdisciplinar fará a dinamização das áreas estratégicas de que estará a cargo, mas sempre com o contributo e envolvimento das Unidades I&D, dos seus investigadores e de todas as estruturas do ecossistema da investigação científica da UC.

A investigação científica de qualidade está dependente de vários fatores, mas a capacidade de atrair investigadores com elevado potencial e de estudantes de doutoramentos é de extrema relevância. No ano letivo 2018/2019, estavam inscritos na UC cerca de 2900 estudantes de doutoramento, provenientes de 65 nacionalidades diferentes, com idades compreendidas entre 20 e 75 anos. Durante os últimos três anos, em cada ano letivo, 250 estudantes terminaram a sua tese de doutoramento, distribuídos por cerca de 70 cursos nas nove unidades orgânicas. Além de formação científica robusta e de excelência na área de conhecimento específica, os estudantes de doutoramento deverão desenvolver conhecimentos e competências científicas transversais e de gestão de ciência (ciência aberta, tratamento e gestão de dados de investigação, ética e integridade científica, comunicação de ciência para públicos diversos, etc.) No final da sua formação, é ainda expectável que os novos doutorados tenham desenvolvido ou reforçado as suas competências gerais, nomeadamente pensamento crítico, análise e resolução de problemas, comunicação, capacidade de colaboração, etc. A diversidade de áreas científicas e de formação de base dos estudantes de doutoramento, a experiência profissional prévia e as suas expectativas em relação ao programa de doutoramento e respetivo grau são muito relevantes para o enriquecimento da instituição, mas constituem também um desafio. Assim, é necessário reforçar a eficácia da UC no que diz respeito aos Programas de Doutoramento, nomeadamente na formação dos estudantes nas competências científicas transversais, com partilha de recursos. Neste âmbito, serão instituídas Escolas Doutorais temáticas, alinhadas com as áreas estratégicas de investigação, privilegiando sempre o diálogo e a colaboração entre Unidades I&D e Unidades Orgânicas, e potenciando a colaboração com outras instituições internacionais de referência.

Estas são apenas algumas formas agregadoras de organizar as atividades da investigação científica, e assim potenciar o conhecimento gerado na UC, que, sem dúvida, contribuirá para levar à compreensão do mundo e construção do futuro.

* Vice-Reitora da Universidade de Coimbra para a Investigação e o 3.º Ciclo



PATRIMÓNIO UC DESAFIO DA PRESERVAÇÃO E CONSERVAÇÃO

ALFREDO DIAS *

A Universidade de Coimbra (UC), uma das mais antigas da Europa, distingue-se em múltiplos aspetos, sendo um dos mais relevantes o seu património de elevadíssimo interesse histórico e inquestionável valor, que soube aumentar e estimar ao longo de 730 anos de história. Trata-se de um património diverso, criado desde a época de construção, no final do século X até à atualidade, ou de localização, com núcleos importantes dispersos por locais estratégicos da cidade de Coimbra — da Quinta de Santa Comba, junto aos Hospitais da Universidade de Coimbra (Polo 3), às imediações do rio Mondego, na Zona da Quinta da Portela (Polo 2). Uma parte importante desse património está classificada, sendo de destacar a incluída na área Património Mundial da UNESCO — Universidade de Coimbra: Alta e Sofia —, cuja classificação ocorreu em 2013. Esta situação assume ainda maior excecionalidade por se tratar de uma universidade, considerando que esta é, por excelência, um local de mudança e inovação, e sendo isso particularmente verdade na UC, a inovar há 730 anos. A preservação deste património exige um significativo e constante esforço de adaptação, requalificação, renovação e conservação. Esta tarefa é particularmente complexa, pois tem de garantir uma adequada compatibilidade com a necessidade de garantir espaços de qualidade para o desenvolvimento das funções centrais de uma universidade, como a produção e transmissão de conhecimento. Tal é particularmente sensível e complexo nos edifícios históricos, pensados e construídos noutras épocas, para utilizações bastante distintas, recorrendo a soluções construtivas adaptadas às realidades desses momentos e desses usos.

Estar-se em presença de Património Classificado da Humanidade deve, adicionalmente, motivar uma busca por meios que permitam o usufruto desse mesmo bem pela comunidade externa à academia — pela humanidade. O que exige, claro, um significativo esforço e sensibilidade, pois tem de se garantir, à partida, que a utilização dos espaços por todos os que os demandam, sejam universitários ou pessoas exteriores à Universidade — agora em número reforçado, com

a nova onda de visitantes que vêm, de todo o mundo, conhecer o bem classificado) — seja feita sem pôr em causa a sua preservação.

Atingir esses objetivos requer um esforço amplo e significativo, que tem de ser assessorado por um conjunto de soluções e ferramentas de ordem variada, nomeadamente, técnica, legal ou financeira. Neste contexto, o dinamismo que se espera nos próximos tempos na UC, associado a uma crescente pressão turística a que o país, e em particular Coimbra, estarão sujeitos, constituem um fator de exigência adicional. Infelizmente, nem todas estas soluções e ferramentas estão disponíveis, sendo um bom exemplo as relacionadas com fatores financeiros ou de enquadramento legal. No contexto financeiro, será necessário a Universidade encontrar internamente uma base sólida de recursos, complementada com um robusto pacote externo, que permita responder aos desafios em causa. No contexto legal, os constrangimentos derivam, em grande medida, da insuficiência das ferramentas disponíveis para a gestão e conservação de Património Classificado. Neste particular, o ajuste e o detalhe do referido enquadramento legal é um processo essencial que urge concluir com sucesso, por forma a garantir a preservação do património em perfeita compatibilidade com a agilidade que se exige.

Por todas estas razões, o uso e a preservação de tão valioso bem só serão possíveis com um trabalho profundo de grande rigor, que permita usar as ferramentas disponíveis ao limite e desenvolver outras que se afiguram essenciais para uma resposta à sua altura. Para este fim, somos todos convocados, em particular a comunidade académica — não só pelo uso e usufruto que tem deste mesmo património, mas também pelas responsabilidades que tem no desenvolvimento e demonstração de soluções inovadoras em todas as áreas em causa.

* Vice-Reitor da Universidade de Coimbra para o Património, Edificado e Infraestruturas



QUALIDADE

ANTÓNIO FIGUEIREDO *

O Sistema de Gestão da Qualidade da Universidade de Coimbra (UC) engloba um conjunto articulado de processos, documentos, sistemas de informação e outros instrumentos de apoio ao planeamento, execução, monitorização, avaliação, análise e melhoria das atividades desenvolvidas, tendo como principal objetivo a excelência da UC em todas as áreas de atuação.

Este sistema foi concebido no início da década e evoluiu de forma a se afirmar gradualmente como o sistema de suporte à gestão estratégica e operacional da UC, sendo por isso transversal a todas as estruturas da Universidade e encontrando-se alinhado com os requisitos das principais normas nacionais e internacionais, em especial nos processos de apoio ao governo da UC.

A aplicação e consequente gestão de um sistema como este impõe a necessidade de transpor, para toda a comunidade da universidade, a ideia de que a construção de um ambiente promotor de qualidade é uma obrigatoriedade a que as Instituições de Ensino Superior (IES) estão subordinadas. Para a prossecução deste desiderato é absolutamente fundamental que se interiorize a ideia de que não se trata de uma qualquer disposição aleatória da UC, mas sim da constituição de uma práxis baseada em pressupostos que levam à otimização dos processos e procedimentos, logo, à melhoria da resposta da UC mediante as necessidades daqueles que recorrem aos seus serviços.

Como impulso desta ideia, será importante a perceção de que a pertença a uma universidade secular como a UC pode ser, de forma intensa, um catalisador para a inovação. A consciência de que 730 anos de história só são possíveis à custa de uma extraordinária capacidade para se reinventar e inovar, permitem que, mimeticamente, exista uma predisposição para a inovação e para a assunção de práticas, muitas vezes disruptivas, que permitem encontrar novos caminhos (ou redirecionar os já existentes) para a excelência.

No entanto, muitos desafios se colocarão no futuro próximo. Com efeito, a imposição e verificação, pela tutela, da demonstração de boas práticas indutoras de um adequado enquadramento procedimental, têm-se centrado no *ensino*. Iremos enfrentar, já durante este ano, a necessidade de estender esta atuação aos domínios da *investigação* e dos *desafios sociais*, abrangendo-se, assim, os principais pilares em que assenta a missão da nossa universidade. Neste sentido, está já o recentemente criado Gabinete de Promoção da Qualidade (que agregou as anteriores Divisão de Avaliação e Melhoria Contínua e Gabinete de Auditoria e Controlo Interno) a desenvolver as estratégias que conduzirão às evidências de atuação da UC nestas áreas.

DESPORTO

A aposta estratégica da UC no Desporto é incontornável. Nos últimos anos, tem-se vindo a desenvolver uma política de apoio e fomento da prática desportiva que começa a dar os devidos frutos. O investimento que se tem verificado, por parte da nossa universidade, tem acontecido em diversas formas. Se por um lado tem existido a preocupação de enquadrar regulamentarmente a prática desportiva, cativando cada vez mais estudantes para a mesma, por outro tem-se conseguido dotar a Universidade, fundamentalmente o seu Estádio Universitário, de um conjunto de melhorias infraestruturais que em muito beneficiam as condições e motivação para essa mesma prática. É necessário não esquecer aqui a decisão de descentrar o acesso à prática, razão pela qual se irá, muito em breve, disponibilizar espaços espalhados pelos vários polos da UC, inclusivamente no polo I. Ainda no âmbito do incremento da atividade física e bem-estar dos corpos docente e técnico da UC, procurar-se-á desenvolver a muito breve trecho uma experiência-piloto de atividade física laboral, situação que se pretenderá, certamente, alargar a toda a UC com a maior brevidade possível.

Assumindo-se que a topografia da cidade não é a mais «amigável» a meios de deslocação pedonais ou bicicletas convencionais, procuraremos avançar, em breve, com a disponibilização de bicicletas elétricas para a comunidade da UC. Com isto promover-se-á a atividade física, ao mesmo tempo que se procurará suavizar a concentração de automóveis nos diferentes polos, em particular no polo I. No entanto, esta ação terá de acontecer de forma faseada, dado o investimento que acarreta para a UC.

Este ano de 2019/2020 trouxe a confirmação, e expansão, do sucesso dos Jogos da Universidade de Coimbra (JUC). Com as suas quatro ligas (Académica, Minerva, *Alumni* e 2 I's) foram já registadas cerca de 1800 inscrições, demonstrando o enorme interesse que a comunidade UC tem em relação à prática desportiva, assim como a excelente atuação do Gabinete de Desporto da UC na captação e operacionalização desse mesmo interesse.

* Vice-Reitor da Universidade de Coimbra para a Qualidade e Desporto



PENSAR
POR SI MESMO
E COMPREENDER
O MUNDO

OS BALUARTE DE UMA
UNIVERSIDADE DE VALOR(ES)

CRISTINA ALBUQUERQUE *

A UC, refletindo-se no espelho da História com a autoridade magistral de uma experiência secular e de uma sabedoria sem tempo, tem demonstrado a capacidade de se reinventar continuamente sem descaracterizar o que tem de essencial, numa mera contemplação narcísica dos seus feitos ou na adoção acrítica de retóricas conjunturais. Em vários momentos do seu percurso, afirmou, sem pudores, o arrojo de um pensamento distinto e liberto de amarras e de uma nova forma de compreender o mundo. Desafiando-se continuamente nas exigências do tempo presente e na prospeção do tempo futuro, abriu-se a novos objetos de conhecimento e à edificação dos pilares iluministas que fundaram a universidade moderna. Congrega hoje, por isso, toda a responsabilidade do longo caminho percorrido e as possibilidades de reafirmação renovada de uma matriz identitária assente nos pilares do que permanece, como aprendizado da maturidade, e do que urge transformar ou atualizar, como fruto da capacidade de se questionar continuamente e de se engrandecer nesse processo.

Ousar pensar por si mesmo — *sapere aude* — e compreender o mundo constituem-se, assim, como baluartes de uma universidade de excelência e de valores. São a expressão da vontade humana de querer saber mais e de compreender a essencialidade das coisas e a tessitura dos fenómenos. São o alicerce de uma liberdade assumida de forma consciente e esclarecida, alimentada pela reflexividade crítica, pela curiosidade maiêutica e pela afirmação autotélica da ciência como guia fundamental da progressão do saber e das «revoluções» paradigmáticas. A UC afirma-se hoje, sob este prisma, como uma universidade de investigação que não se dissocia do ensino e dos desafios sociais.

«Pensar por si mesmo» é, na verdade, a própria razão de ser do ensino universitário. É por isso crucial a construção contínua de condições para a reflexão fundamentada em argumentos plausíveis e para um ensino atento às transformações em curso: nos contextos, nas expectativas e nas vivências dos/as estudantes atuais, provenientes de diferentes partes do mundo e transportando, em si, distintos universos de referência axiológica e cultural. Uma multiplicidade de pertenças e de condições que proporciona à UC a riqueza fundamental da partilha, criatividade e pluralidade, mas também, o desafio contínuo de construção do comum e do diverso, como duas faces de um mesmo plano. A UC assume, assim, a importância de um currículo internacionalizado e do combate a todas as formas de discriminação.

Num mundo saturado de sentidos, informações, imediatismo e relativismo, um dos grandes desafios que se colocam hoje ao ensino universitário relaciona-se com a determinação não somente do que ensinar e porquê, mas também, e sobretudo, de como fazê-lo. Não se aprende da mesma maneira antes e depois do digital, como sublinhou Michel Serres.

A percepção do professor como aquele que encerra em si a sabedoria fundamental num dado domínio de conhecimento e que, como tal, se coloca num patamar de referência ou reverência, mudou. O/a estudante é hoje sujeito central na construção de um saber progressivamente maturado e falsificável. O acesso facilitado a grandes volumes de informação, por via digital e mediática, transforma a conceção e a substância da própria aprendizagem. Verdades e pseudoverdades podem coexistir sem referencial crítico de triagem.

O processo de ensino-aprendizagem tem, pois, de assumir a ousadia de se renovar, sem ceder a simplismos incautos. Neste contexto, o professor universitário é, num universo confuso de sentidos, o guia de um saber ético e cientificamente fundado, formando cidadãos capazes de tomarem decisões livres, responsáveis e solidárias, e de se adaptarem a condições em rápida mutação. Já não lhe compete somente identificar e transmitir conhecimentos basilares necessários à estruturação de um pensamento esclarecido, mas sobretudo, gerar, com os/as estudantes, as bases da sabedoria, que suplanta a mera acumulação de informações, integrando-as continuamente num filtro de sagacidade e de prudência. A compreensão da pertença a um coletivo e da coerência entre áreas de saber distintas, a capacidade de questionar crítica e fundamentadamente, mesmo o que é apresentado como inquestionável, a assunção de um olhar curioso e cooperativo sobre o mundo, compreendendo-o à luz da razão e da análise caleidoscópica de perspetivas e geografias diversas, a adoção de um padrão ético de respeito, dignidade e liberdade na relação com os outros e consigo mesmo constituem-se, assim, como os referenciais de sabedoria que a UC assume como fundamentais e que norteiam uma perspetiva inovadora no ensino universitário do presente e do futuro, usando as ferramentas tecnológicas e digitais como meios, em prol do contributo para uma sociedade mais sustentável e mais justa. Em suma, a assunção de uma sabedoria ancorada na ousadia prudencial que só é possível quando se compreende de onde se veio e onde — e como — se quer chegar.

* Vice-Reitora da Universidade de Coimbra para os Assuntos Académicos e Serviços de Ação Social

Portugal e a Universidade de Coimbra na nova ordem global

JOÃO NUNO CALVÃO *

1. POLÍTICA EXTERNA DE PORTUGAL: BREVE NOTA

Naturalmente, os dois grandes eixos de ação da política externa portuguesa são a Comunidade dos Países de Língua Oficial Portuguesa (CPLP), com especial ênfase, atendendo à sua dimensão, para o Brasil, e o espaço da União Europeia. Como uma das línguas mais faladas no mundo, Portugal consegue, através do português, ter um estatuto geoestratégico que transcende em muito a sua pequenez geográfica: Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Guiné Bissau, Timor Leste e Macau conferem ao nosso país uma dimensão muito relevante no panorama global.

Por outro lado, ser membro da União Europeia, organização internacional de matriz integracionista singular no mundo, permite participar num projeto político de envergadura assinalável e usufruir das vantagens de um Mercado Interno de grande relevância económico-financeira no plano mundial.

Na nova ordem global, porém, não podemos deixar de assinalar a particular importância que recentemente a China tem assumido (para o nosso país). Talvez as relações sino-lusófonas nunca tenham sido tão fortes como nos tempos que vivemos, conforme, aliás, foi salientado nas visitas presidenciais de Xi Jinping a Portugal, em 2018, e de Marcelo Rebelo de Sousa à República Popular da China (RPC), em 2019.

Na verdade, no período difícil de 2011/2015, com Portugal a obter financiamento externo apenas através de um programa de ajustamento definido e aplicado pela Comissão Europeia, pelo Banco Central Europeu e pelo Fundo Monetário Internacional (a famigerada *troika*), a RPC investiu fortemente em sectores (estratégicos) da vida económico-social lusa (v.g., eletricidade, seguradoras, órgãos de comunicação social, saúde).

Por outro lado, a Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) é um exemplo importante para a RPC de cumprimento do Direito Internacional Público e garantia de transição pacífica da administração de um território sob mãos estrangeiras (Portugal) para a soberania chinesa, no quadro do princípio geral «Um país, dois sistemas».

2. INTERNACIONALIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA (UC)

Enquanto Universidade mais antiga (730 anos) e prestigiada de Portugal, a UC não pode deixar de refletir no plano das relações internacionais muito do que é a política externa portuguesa, razão pela qual destacaremos três vetores fundamentais que acabam por nortear a ação do atual Reitorado: espaço lusófono, União Europeia e RPC.

2.1. ESPAÇO LUSÓFONO: VALORIZAÇÃO DO PORTUGUÊS COMO MAIS VALIA FUNDAMENTAL

Não obstante termos de reconhecer que o reforço da oferta formativa em inglês constitui aposta determinante para o recrutamento de estudantes em inúmeras partes do mundo e para assim reforçarmos a internacionalização da UC, o ensino em português é a marca de água da instituição, uma das sete Universidades UNESCO também pela dimensão histórica e cultural.

Por outro lado, orgulhamo-nos de ser «a maior Universidade brasileira fora do Brasil» no que se refere ao número de estudantes brasileiros (aproximadamente 3000) que nos procuram pelo prestígio da marca UC no nosso

país irmão e pela oportunidade que aqui dispõem de estudar na nossa língua.

Desta sorte, a intensificação dos laços com o Brasil será sempre uma prioridade: os laços linguísticos e culturais, a influência determinante na formatação do ordenamento jurídico e, por essa via, na estruturação económico-social brasileira impõem essa aposta estratégica na internacionalização da UC.

No atual Reitorado, a celebração do prestigioso protocolo de cooperação com o Conselho Superior do Ministério Público do Brasil — destinado a assegurar a formação dos magistrados brasileiros do MP e a envolver a Faculdade de Direito e a Academia Sino-Lusófona da UC, a renovação de convénios com prestigiadas Universidades em diversas áreas do saber (*v.g.* em Direito, Farmácia e Psicologia e Ciências de Educação com a Universidade Federal do Piauí) e o reforço da participação em relevantes redes internacionais com forte presença no Brasil (Associação das Universidades de Língua Portuguesa, Grupo de Coimbra das Universidades Brasileiras, Rede de Tordesilhas ou Forges, por exemplo) constituem pequenos sinais de grandiosas ambições que temos no próximo triénio para a nossa UC em Terras de Vera Cruz. *Naturaliter*, não podemos olvidar a relevância estratégica da conclusão dos acordos com o Ministério da Justiça de Timor Leste, a envolver o ensino de português (na Faculdade de Letras) e de Direito timorense (na Faculdade de Direito) a magistrados judiciais e defensores públicos mauberes. Além da honrosa presença do ministro da Justiça de Timor na UC, esta cooperação simboliza na perfeição a centralidade que a UC, através da lusofonia, assume no mundo. Mesmo quando os *rankings* não captam (devidamente) estas métricas (intangíveis) de prestígio...

É ainda de salientar o incremento da participação da UC na ONG G7 mais, fundada pelo nosso *Honoris Causa* Xanana Gusmão e liderada em Portugal pelo prestigiado Luís Amado, a demonstrar que a UC cumpre a missão social de contribuir para a construção do Estado de Direito em todos os cantos do mundo.

Por último, estamos certos de que, em breve, o aprofundamento da cooperação com países como Angola ou São Tomé e Príncipe traduzir-se-á em acordos concretos importantes para o reforço das relações da UC (e de Portugal) com a África lusófona; o reforço das relações com os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, com o contributo inesquecível da presença do presidente Joaquim Chissano, (outro) nosso *Honoris Causa*, no lançamento oficial da Academia Sino Lusófona, ou a abertura do ciclo de « Conversas na Casa da Lusofonia» pelo Embaixador de Angola em Portugal, é absolutamente decisiva para a UC ser (cada vez mais) uma Universidade que ombreia com as mais referenciadas instituições de ensino superior do mundo e suscita o interesse de Estados cada vez mais relevantes na nova ordem global, como a China.

2.2. ESPAÇO DA UNIÃO EUROPEIA: EM ESPECIAL, O PROJETO DE CAMPUS EUROPEU (EC2U)

No contexto europeu, além da necessária adaptação, articuladamente com a Embaixada britânica e as entidades comunitárias, às vicissitudes decorrentes do Brexit, assume especial relevo o denominado projeto EC2U, candidatura conjunta da UC com mais seis prestigiadas Universidades europeias: Poitiers (França), Pádua (Itália), Salamanca (Espanha), Iasi (Roménia), Turku (Finlândia) e Jena (Alemanha).

Trata-se, no fundo, de projeto de *campus* europeu, ideia política e simbolicamente importante apresentada pelo presidente Emmanuel Macron, com o escopo de desenvolvimento cada vez maior do ideal da cidadania europeia, também no âmbito do ensino superior do Velho Continente. Mais do que a importância do financiamento comunitário envolvido e do reforço da mobilidade estudantil, o sucesso nesta segunda fase de candidaturas representará estarmos na linha da frente do aprofundamento da integração europeia, sinal de prestígio da UC e contributo importante para a sobrevivência e rejuvenescimento do importante projeto da União.

2.3. CHINA: EM ESPECIAL, DA ACADEMIA SINO-LUSÓFONA

São ancestrais as relações sino-lusófonas, cumprindo aqui salientar o papel histórico da UC, em especial da Faculdade de Direito, na delimitação do Direito da hoje denominada Região Administrativa Especial de Macau (RAEM).

No respeitante à RAEM, é urgente reassumir o protagonismo nas relações com a Universidade de Macau, com as demais instituições de ensino superior macaenses e outros organismos relevantes como o Instituto Português do Oriente (IPOR). Não podemos descansar à sombra do histórico das relações ou da relevância de tantos *Alumni* e Amigos de Coimbra, é urgente sermos (mais) proativos, porque só assim perpetuaremos o nosso protagonismo em tão importante porta de entrada para a China Continental. Ator incontornável na hodierna ordem global, a RPC tem forçosamente de constituir aposta estratégica na internacionalização da UC: elo a todo o mundo de língua portuguesa, com 730 anos de prestígio, a UC, ao apostar nas relações sino-lusófonas, dispõe de condições únicas para assumir-se como instituição de ensino superior de referência à escala mundial.

Desta sorte, além do *marketing* internacional específico desenvolvido pelo *desk* China na Divisão de Relações Internacionais da UC e do apoio do Reitorado a um dos mais dinâmicos Institutos Confúcio do mundo, em junho de 2019, foi inaugurada oficialmente a Academia Sino-Lusófona (ASL), com sede no Colégio da Trindade, um dos mais bonitos espaços da nossa Universidade.

Através da ASL, a UC tem desenvolvido uma impressionante rede de cooperação com as maiores instituições chinesas (*v.g.* PKU, de Pequim, Fudan, de Xangai), tendo mesmo sido criados dois centros de estudos chineses conjuntamente com a Academia de Ciências Sociais (CASS) e a Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim (BFSU). Além da realização de diversos congressos, *workshops*, cursos breves de formação e do intercâmbio de investigadores em várias áreas do saber, a ASL prepara-se em breve

para lançar publicações e formalizar projetos verdadeiramente estruturantes para o desenvolvimento das relações entre a RPC e o mundo lusófono.

3. BREVE REFLEXÃO FINAL: 730 ANOS DA UC, UMA UNIVERSIDADE CADA VEZ MAIS GLOBAL

No ano em que comemoramos o 730.º aniversário, a UC, com 25 mil estudantes — cinco mil dos quais, estudantes internacionais —, orgulha-se do seu trajeto e do presente, a permitir adivinhar um futuro sustentável e brilhante, mesmo num contexto cada vez mais global e competitivo. Destarte, além das prioridades estratégicas acima traçadas, não olvidamos a importância de alargar as nossas relações noutras latitudes, nomeadamente:

1) com países islâmicos moderados (*v.g.* Qatar, Emiratos Árabes Unidos) — numa perspetiva, por exemplo, de criação de um Centro de Estudos Islâmico, espaço de reflexão académica que contribua para o diálogo de civilizações e para a paz mundial;

2) com a Índia, gigante asiático, cujo imenso potencial tentamos desbravar através da nossa influência em Goa (Damão e Diu) — as conferências na ASL com o Cônsul de Portugal em Goa e a Embaixadora da Índia em Portugal, bem como a inauguração da exposição alusiva à comemoração dos 150 anos de vigência do Código Civil de Seabranesses territórios, abrem as melhores perspetivas relativamente à cooperação académica, científica e empresarial. Para sonhar com uma UC cada vez mais forte nos próximos 730 anos, as nossas Redes de Antigos Estudantes, em geral os nossos *Alumni*, espalhados pelo país e por todos os cantos do mundo, constituem mais-valia decisiva. Cabe ao atual Reitorado a complexa missão de aglutinar a rede de afetos de toda a diáspora coimbrã, potenciando esse património humano de valor incalculável.

* Vice-Reitor da Universidade de Coimbra para as Relações Externas e *Alumni*

Ousadia(s)...

ou sadias

JOSÉ PEDRO FIGUEIREDO *

Sadia UC tem de ser a ousadia!

Nos temas relacionados com a saúde, uma das mais recentes e interessantes ousadias é a promoção do que se decidiu chamar «Saúde Global»: um vasto conjunto de temas e abordagens que, em comum, têm como objetivo a obtenção de uma comunidade humana mais sadia, mais saudável.

A Saúde Global parte da ideia de que os avanços tecnológicos e científicos das sociedades ocidentais desenvolvidas constituem uma mais-valia e permitem ganhos coletivos de saúde para as populações. Porém, paradoxalmente, esses avanços podem caracterizar-se por incrementos significativos dos custos com a saúde, tornando-os — por óbvia impossibilidade financeira — inacessíveis às populações dos países pobres ou menos desenvolvidos. Quer dizer, uma parte da Humanidade prospera e avança e, por não ter condições financeiras para tal, outra parte fica privada de aceder aos avanços científicos, tecnológicos, médicos, farmacológicos.

A Saúde Global reinterpreta os ganhos em Saúde e considera que eles só são realmente proveitosos e úteis se forem tornados acessíveis a todos os povos e nações, independentemente da sua capacidade financeira.

Parece uma generosa ideia, firmemente ancorada nos melhores valores de defesa da solidariedade e da cidadania coletiva: e é!

E acresce uma fantástica circunstância: é que hoje, na sociedade global, as doenças não têm fronteiras e são rapidamente disseminadas por todo o planeta, de avião, de barco, por terra, em materiais e em bens de consumo de expansão planetária. Assim, torna-se clara a excelência da ideia de que as doenças emergentes nos países menos desenvolvidos devem ser tratadas na origem, para prevenir a sua disseminação e o crescimento do número de casos a tal volume que se tornem um problema de dimensões epidémicas globais.

Cá está: a Saúde Global passa a ter um escopo de intervenção à escala planetária e assume uma responsabilidade supra e transnacional, transcontinental, no respeito dos melhores valores éticos de cidadania.

A ousadia de pretender intervir em todo o mundo ao mesmo tempo é a sadia ideia a que a UC deu acolhimento entusiasmado com a sua intensa participação na M8 Alliance, através da entidade Coimbra Health (uma parceria paritária da UC com o Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra — CHUC), desde 2015.

Importa alguns esclarecimentos adicionais para completa compreensão do valor desta opção:

— a M8 Alliance é hoje uma coligação de 28 membros hospitalares e universidades de todo o mundo, em 19 países localizados em todos os continentes e irmanados no projeto de promover a Saúde Global, à qual se acede por exigente candidatura, após raro convite; inclui instituições tão prestigiadas como Charité de Berlim, Johns Hopkins de Baltimore, Karolinska de Estocolmo, Imperial College de Londres, Université de Montréal, Universidade de São Paulo, Monash University de Melbourne, Sapienza de Roma... e Coimbra Health (UC-CHUC);

— a M8 Alliance promove a realização das Cimeiras Mundiais da Saúde (todos os anos, em outubro, em Berlim) e das Cimeiras Regionais da Saúde (todos os anos, em abril, em diferente país). Reuniões de peritos de todo o mundo, decorrem em ligação direta comum com as autoridades de saúde, representadas ao mais alto nível, incluindo ministros e chefes de Estado ou de governo. Quer isto dizer que o sonho fantástico dos médicos, dos cientistas e dos peritos, de influenciarem diretamente as políticas de saúde materializa-se duas vezes por ano, com aplicação de compromissos concretos assumidos pelos Estados e pelos peritos, através de declarações escritas conjuntas, as M8 Declarations;

— A parceria Coimbra Health coloca Coimbra no palco das grandes decisões internacionais sobre políticas de saúde para o mundo e proporciona à M8 Alliance uma via privilegiada de intervenção ativa nos países lusófonos de África; de facto, por direito e por mérito, a Coimbra Health já organizou em Coimbra, em 2018, a Cimeira Regional da Saúde, participa no Executive Board da M8 Alliance e em todas as cimeiras mundiais e regionais da saúde, organizou a primeira *Summer School* da M8 Alliance e promoveu o primeiro Women Health Forum, ambos em Coimbra, em 2019, e comprometeu-se já com a realização do primeiro M8 Alliance Expert Meeting on Women Health em Coimbra, em 2021. A UC e o CHUC, juntos na Coimbra Health, projetam Coimbra e Portugal no campo da Saúde Global, assumem o protagonismo da exposição mundial dos seus investigadores, médicos, técnicos e peritos nos mais diversos temas, ligam o mundo desenvolvido e os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, e contribuem para o incremento do valor global do investimento da Humanidade em saúde.

Na Saúde Global, cuida-se de intervir nas fases iniciais de doenças infecciosas emergentes, no controlo de doenças crónicas de grande expressão epidemiológica, e no estudo de novas intervenções terapêuticas de grande escala (como são, por exemplo, a vacinação de vastas populações ou a prevenção da malária ou o tratamento da cegueira-dos-rios).

Mais recentemente, a Saúde Global detetou, destacou e decidiu mobilizar a intervenção da mulher na saúde: as organizações internacionais dedicam hoje uma atenção específica e especial ao envolvimento das mulheres na saúde, como formadoras ou cuidadoras. No mundo, cerca de 75% das pessoas que trabalham em saúde são mulheres e as suas mobilização e melhoria de habilitação em saúde são cruciais para o alcance de um dos objetivos de Desenvolvimento Sustentável da OMS para 2030 — Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 3: *Good Health and Well-Being*, no seu item 3.8: *Achieve Universal Health Coverage*.

Eis, pois, em traços gerais, como a UC segue esta sadia ousadia de, pelo Coimbra Health, estar no palco do mundo da Saúde Global. Com entusiasmo e com sucesso!

* Pró-Reitor da Universidade de Coimbra para a Saúde e Bioética

Estratégia e Planeamento

PATRÍCIA PEREIRA DA SILVA *



Em *Managing oneself*¹, Peter F. Drucker, guru da gestão do séc. XX, relembra que os grandes conquistadores da História — como Napoleão, Da Vinci, Mozart, entre outros — sempre tiveram a força de se autogerirem. Esta força constituiu, em grande medida, um predicado que os tornou sedutores. Eles foram exceções *sui generis*, quer pelos seus talentos singulares, quer pelos feitos que cometeram, os quais lhes permitiram ultrapassar a fronteira vulgar da existência humana. Segundo este ponto de vista, muitos de nós, mesmo que apenas detentores de singelas capacidades, terão de aprender a autogerir-se, terão de se posicionar onde melhor puderem concretizar a sua participação na sociedade.

Entendeu o Reitor da Universidade de Coimbra (UC), incumbir-me da tarefa de conduzir os trabalhos do *Planeamento* da nossa Universidade. Assim, desde o dia 1 de março de 2019, em contínuo processo de autoaprendizagem, venho desenvolvendo a minha função, ciente da imensa distância que me separa dos grandes gestores, mas afortunadamente, rodeada de uma equipa empenhada e diligente².

Hoje, vivem-se tempos desafiantes para as instituições portuguesas de ensino superior (e não só) a que naturalmente a UC não está alheia. Pressões externas de natureza diversa, impulsionadas pela incerteza financeira e por reestruturações sectoriais, fazem do planeamento estratégico, *de per se* importante, uma peça indispensável

à gestão da Universidade. A concorrência crescente, de par com a minguagem da população escolar por ordens de razão demográfica, tem um impacto assaz percecionado, que nos compele a ser mais introspetivos e analíticos aquando da tomada de decisões com efeitos de médio e longo prazo. Qualquer organização que pretenda ombrear com as melhores do seu sector tem de definir prioridades e desenvolver estratégias, ultrapassando eventual inércia institucional e assumindo opções de longo alcance, sobretudo. O planeamento estratégico constitui, de tal sorte, um exercício de capital reflexão e ponderada orientação que possibilita à UC estabelecer um quadro concetual de quesitos e parâmetros finamente determinados. Não ignoro, porém, a existência de cétricos acerca dos moldes de elaboração deste tipo de documento, se não do próprio documento. Não obstante, já em 1965, Ansoff³, questionava: sem uma estratégia materializada num plano, qual seria o rumo, qual seria a alternativa? Sem um Plano Estratégico (PE) a Universidade desabaria no descontentamento da agência de acreditação e do órgão de tutela — para não falar dos próprios estudantes, professores, investigadores, corpo técnico e demais membros que corporizam o ecossistema UC. Para enfatizar que reside sobremaneira nas *peessoas* e no trabalho de equipa a força da UC, nasceu a divisa «O Futuro da UC nas nossas mãos».

A efeméride 730.º aniversário da UC, que se avizinha, propicia um instante privilegiado para visitar a missão fundamental da UC, com o fito de a reestruturar e atualizar. Este objetivo entronca afinal na sua origem, que remonta a um passado longínquo e secular com

¹ Drucker, Peter F. (1999). *Managing oneself*, Harvard Business Review Classics, Boston, USA.

² Um agradecimento sentido à Divisão de Planeamento Gestão e Desenvolvimento (DPGD), cúmplice nesta missão, nas pessoas de Ana Quental, Dora Lontro, Mariana Correia, Nicolas Oliveira, Paula Ferreira, Raquel Belo e Sónia Fonseca, sob a liderança de Filipe Rocha.

³ H. Igor Ansoff foi pioneiro a concetualizar a Estratégia enquanto disciplina, na sua obra *Corporate Strategy: An Analytic Approach to Business Policy for Growth and Expansion*, 1965, McGraw-Hill, 1965.



profundas raízes provedoras de firmes alicerces para a sua constante renovação e, principalmente, geradoras de energia para impulsionar a experimentação e a inovação. O PE assume que a riqueza acumulada de *know-how* e experiência deve ser constantemente protegida e melhorada, explorando possíveis aberturas num mundo em mudança.

O pelouro do Planeamento permitiu-me testemunhar, agora mais de perto, algo que havia vivenciado enquanto antiga aluna e atual docente desta Casa, mormente que as atividades da UC podem (devem) ter impacto significativo na sociedade, tanto direta como indiretamente, seja em âmbito local, regional, nacional ou internacional, e que o sucesso de cada ação depende, mais do que nunca, da nossa capacidade em trabalhar em equipa. Deste modo, para melhor influenciar o espaço que nos acolhe, pretende-se que a UC interaja continuamente com as comunidades locais da cidade, da região e do país, ponha forte enfoque nos variados programas de intercâmbio internacional, colabore com centenas de universidades pelo mundo fora e promova valores fundamentais da investigação e do ensino, como resposta aos desafios sociais mais prementes.

Atendendo à referida importância do envolvimento e alinhamento das pessoas, a elaboração do PE foi precedida de uma abordagem participativa alargada, transversal e multicultural. Foram criados espaços e momentos de encontro para diagnóstico, reflexão e debate. Foi encetado um intenso e alargado período de auscultação de todas as partes interessadas (*stakeholders*, no jargão da Gestão). A comunidade revelou-se, a cada passo, mais exigente e ávida de contribuir para uma UC igualmente hodierna, inovadora, socialmente responsável, inclusiva e comprometida com o desenvolvimento sustentável. Envovemos em sessões de trabalho presencial docentes e investigadores, estudantes nacionais, estudantes internacionais, pessoal técnico, unidades de I&D, *start-ups* e *spin-offs*, empresas e empregadores. Através de questionários *online*, pusemo-nos em contacto com os antigos *Alumni*. Com sessões dedicadas a parceiros estratégicos, como o Grupo de Coimbra das Universidade Europeias, a Câmara Municipal de Coimbra, a Comunidade Intermunicipal da Região de Coimbra, a Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro, o Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra, abrimos a porta à reflexão, à inquietação e à vontade de superação, o que muito contribuiu, no seu conjunto, para uma previsão mais clara do futuro e de formas,

as mais convenientes, para o alcançar. Recorremos à análise prospetiva e à construção de cenários, de molde a introduzir na nossa estratégia a componente de análise de risco. A adoção desta metodologia contribuiu para iluminar o presente, de olho no futuro, e auxiliar na eleição de opções e alternativas adequadas a cada momento.

Uma súmula, em números: de nove sessões presenciais, duas auscultações por questionário, 10 questionários suplementares, 128 contributos avulso, fomos brindados com 1780 participantes, geraram-se 1971 ideias, propuseram-se 658 ações, e obtivemos uma taxa de satisfação global de 93,1%.⁴

Após vários meses de trabalho coletivo, o «Plano Estratégico 2019-2023» foi aprovado pelo Conselho Geral, órgão de Governo da Universidade ao qual compete aprovar os planos estratégicos de médio prazo e o plano de ação para o quadriénio do mandato do Reitor, conforme é preceituado nos estatutos da UC.

Uma palavra especial para os alunos. O papel central desempenhado pelos estudantes está incorporado no nosso ADN. Fundaram a *Alma Mater* nos tempos medievais e hoje, como sempre, continuam a ser os verdadeiros protagonistas da vida universitária. O ensino dos jovens é, destarte, um objetivo-chave que a Universidade persegue com determinação, não só para transferir e partilhar conhecimento, mas sobretudo para desenvolver uma visão que vai além de *o presente* para antecipar *o amanhã*. Por conseguinte, contribuir sem reservas para o desenvolvimento sustentável, investir no ensino, na formação e na investigação ligada às necessidades sociais constituem ações que conformam uma prioridade, se quisermos que a UC transmita conhecimento e, mais importante, desenvolva uma antevisão plena e abrangente do futuro.

Para finalizar, acredito que a verdadeira ousadia do plano está no processo, e não no produto acabado. Não se pode parar de comunicar apenas porque está publicado. O plano será monitorizado, revisitado e melhorado ao longo do quadriénio, sendo, tão-só, um farol que aponta o caminho futuro.

* Pró-Reitora da Universidade de Coimbra
para o Planeamento

⁴ Maiores detalhes poderão ser acompanhados em <https://www.uc.pt/planeamento>.

Imagem: Cortesia de Alfredo Moia



O MILAGRE MÉDICO DO SÉCULO XX

ALFREDO MOTA *

Em 20 de julho de 2019, comemoraram-se os 50 anos do primeiro transplante de um órgão vital em Portugal. Foi nesse dia, de 1969, que o professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra Alexandre Linhares Furtado escreveu uma das páginas mais brilhantes da medicina portuguesa, ao realizar, nos Hospitais da Universidade de Coimbra (HUC), o primeiro transplante renal no nosso país. Foi um transplante renal de dador vivo, realizado entre dois irmãos, sendo a dadora do rim a irmã e o recetor o irmão. O acontecimento, verdadeiramente excepcional, colocou a medicina portuguesa ao nível da dos países medicamente mais desenvolvidos. Tudo se deveu à inteligência, à coragem, à arte e às competências técnico-científicas desse notável mestre da cirurgia e da urologia portuguesas que, desta forma, introduziu no nosso país o maior progresso da medicina dos últimos 60 anos. Para melhor compreendermos a importância da epopeia da transplantação e deste extraordinário feito de Linhares Furtado, é preciso conhecer um pouco da sua história. A cura ou a melhoria de determinadas doenças por meio da substituição de órgãos doentes por outros saudáveis sempre foi uma velha aspiração do Homem, como o atestam lendas e milagres retratados e narrados de maneiras mais ou menos fantasiosas. No Velho Testamento, o profeta Ezequiel sugeria a substituição do coração: «Dou-te um novo coração e porei um novo espírito dentro de ti; e levarei para longe o teu coração doente sem sangue e dar-te-ei um coração com sangue.» No século III, o arcebispo de Génova descreveu o milagre de São Cosme e São Damião, que Fra Angelico e outros pintores transpuseram para as suas telas. Nelas se representa a cura de um doente com uma

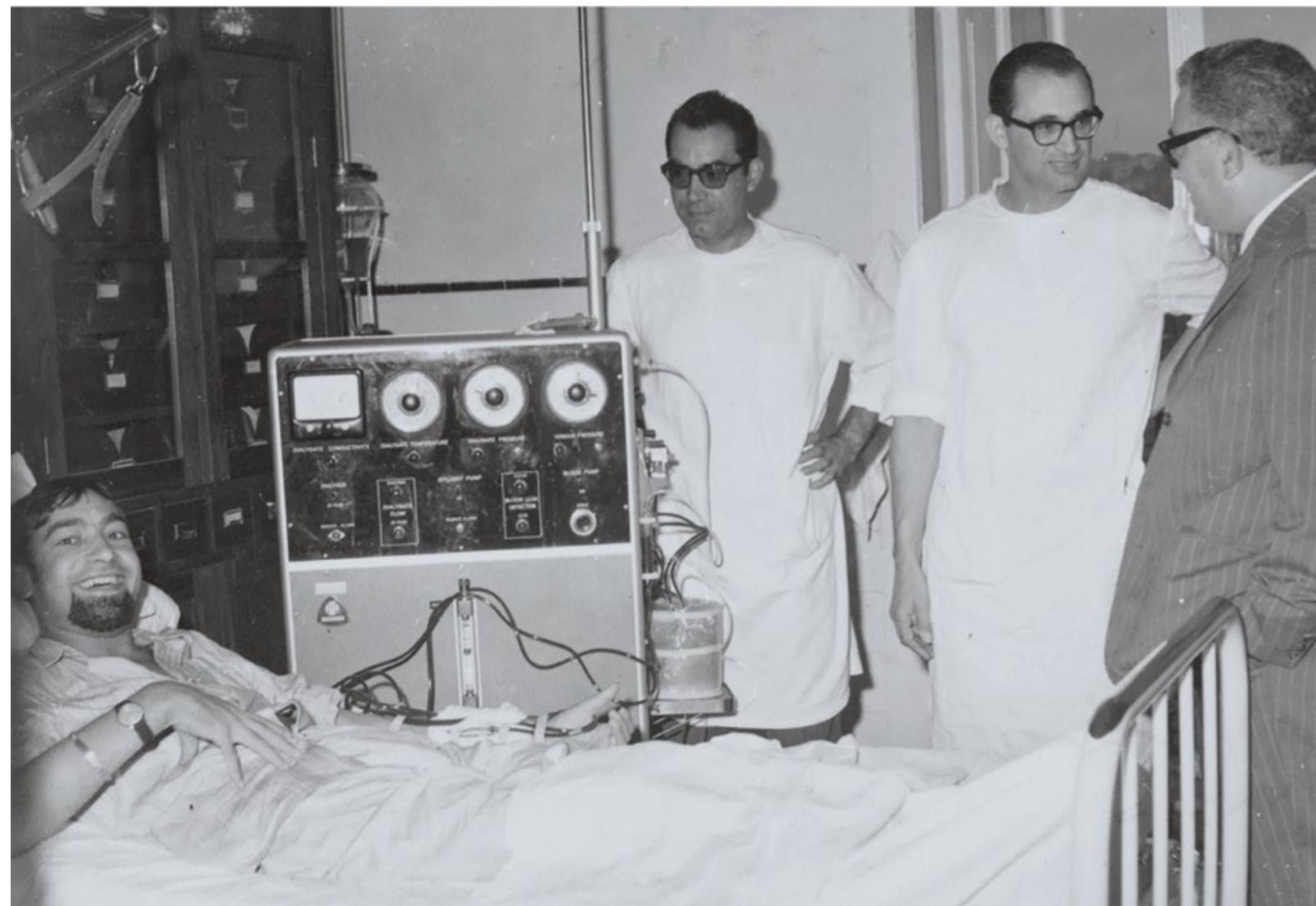
perna gangrenada, que lhe foi amputada e substituída pela de um etíope falecido. Mas, só muitos séculos depois, a fantasia e a imaginação artística vieram a ser confirmadas pela ciência, o que aconteceu no século XX. Logo no início desse século, em 1902, Alexis Carrel, «pai» das anastomoses vasculares, realizou um transplante renal em cães e salientou que: «*Organ transplantation, a simple surgical curiosity today, may one day have a definite practical value.*» Por estes seus trabalhos pioneiros e inovadores, Carrel foi galardoado com o Prémio Nobel da Medicina, em 1912. Nos anos seguintes, até à década de 50, houve várias tentativas sem sucesso. O transplante de órgãos demorou a impor-se, pois é um processo complexo, que envolve várias especialidades e conhecimentos: cirurgia e anestesia, cuidados intensivos, imunologia/histocompatibilidade, imunossupressão (IMS), infeciologia, anatomia patológica e outras relacionadas com o órgão a transplantar. Compreende-se, assim, que para atingir o sucesso em transplantação foi preciso progredir em todas estas áreas, nomeadamente, na imunologia e na IMS. Em 1952, ainda sem IMS, o urologista parisiense René Küss, após várias tentativas de transplante renal, entre as quais uma de mãe para filho, em que, apesar do parentesco imunológico muito próximo, o rim também foi rejeitado pelo doente, concluiu que: «*In the present state of the knowledge, the only rational transplantation would be an exchange between monozygotic twins.*» Foi uma premonição que se confirmou dois anos depois com a realização do primeiro transplante renal com sucesso, em Boston, por Joseph Murray, entre dois irmãos gémeos univitelinos (imunologicamente idênticos). Tendo a noção de que tinha ultrapassado a imunologia por serem dois gémeos

monozigóticos, Murray reconheceu-o: «*We had not solved the problem, we had merely bypassed the problem.*» Por este enorme triunfo, Joseph Murray obteve o Prémio Nobel da Medicina, em 1991. Este primeiro sucesso veio mostrar que os transplantes de órgãos vitais viriam a ser uma terapêutica eficaz, como o demonstram os milhões de doentes que vieram a beneficiar deles. Mas foi só desde 1960 que a transplantação se começou, lentamente, a expandir: por um lado, porque o recurso aos órgãos de dador falecido permitiu o aumento do número de transplantes renais e o início dos de fígado e de coração; e por outro, porque se iniciou a imunossupressão farmacológica. Atento a este significativo progresso da moderna medicina, Linhares Furtado, cientista inquieto e cirurgião de eleição, abraçou este novo desafio da ciência médica, iniciando a preparação do transplante renal. Numa área ainda tão desconhecida como a transplantação, tudo era novo e revolucionário: novos conceitos científicos, uma nova ética médica, cirurgia inovadora, tecnologia sofisticada e terapêutica médica nunca antes experimentada. As dificuldades anteviam-se enormes, agravadas pelo atraso do país, mas nada demoveu Linhares Furtado. A organização de todo este complexo processo exigiu vários passos: o início da hemodiálise em Coimbra, que Linhares Furtado conseguiu graças à oferta de um monitor de hemodiálise aos HUC pela Fundação Gulbenkian; a realização dos estudos de compatibilidade imunológica (antigénios/anticorpos), essenciais em transplantação e que, por serem ainda incipientes no nosso país, foram efetuados em Lyon, França; a inexistência de um suporte legal para colheita, em pessoa viva, de órgão para transplante, que Linhares Furtado superou com o apoio de prestigiados mestres de Direito; a criação de condições para a introdução de cuidados intensivos de antissepsia e de assepsia no bloco operatório e internamento do «velhinho» HUC; a execução de dois delicados atos cirúrgicos (dador e recetor) e seguimento dos respetivos pós-operatórios de alto risco. Esta epopeia, tão complexa como gratificante, teve o seu epílogo feliz com a realização, nesse dia 20 de julho de 1969, do transplante renal de dador vivo nos HUC — o rim foi retirado da irmã (nephrectomia na dadora) e

transplantado no irmão doente, com ambas as cirurgias a serem conduzidas por Linhares Furtado. O sucesso imediato deste transplante durou um mês, findo o qual surgiu uma grave infeção que levou à perda do enxerto renal. Este marco histórico, notabilíssimo, de Linhares Furtado, teve ainda outro grande mérito: o de lançar as sementes da transplantação no nosso país, que se veio a desenvolver e a expandir, a partir de 1980, com os transplantes de órgãos de dador falecido. Foi também Linhares Furtado o iniciador em Portugal deste tipo de transplantes — não só de rim, mas também de fígado, pâncreas e intestino. Isto permitiu um aumento significativo dos transplantes renais, colocando o nosso país nos primeiros lugares do *ranking* europeu. Graças a todo este trabalho iniciado e desenvolvido por Linhares Furtado, a Unidade de Transplantes Renais do Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra lidera os transplantes renais no nosso país, com cerca de 3500 já realizados. O legado do mestre coimbrão, e da sua obra na transplantação, não tem nada de comparável na história da medicina portuguesa. A história de sucesso da transplantação compreender-se-á melhor à luz das palavras do próprio: «A transplantação na espécie humana, concretizou-se em resposta ao inultrapassável instinto de sobrevivência e à infinita inquietação intelectual do homem.» Linhares Furtado foi, sem dúvida, um corajoso intérprete do «Milagre Médico do Século XX». Para caracterizar personalidade tão fascinante, socorro-me de Platão: «Na sua alegoria dos metais, Platão classificava os homens em ouro, prata e chumbo.» Alexandre Linhares Furtado é ouro: na sua educação, na sua ética, na sua cidadania. Ouro como médico, como universitário, como homem de ciência e de cultura, e como criador. Ouro como português.

* Professor jubilado da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra e ex-diretor do Serviço de Urologia e Transplantação Renal do Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra

Imagem: Cortesia de Alfredo Mota





A MEMÓRIA REMOTA DE UM FADO SUBVERSIVO

RUI VIEIRA NERY *

«Há 40 anos (na década de 1850), já se faziam fados especiais, ou para narrar crimes ou algum escândalo amoroso, satirizar homens célebres ou políticos importantes, ou para rebaixar homens altamente colocados, ou para ridicularizar corporações respeitáveis, ou para descompor qualquer sujeito.»¹ César das Neves e Gualdino Campos, os coordenadores do *Cancioneiro de Músicas Populares*, em que haveriam de registar, designadamente, a música de algumas dezenas dos fados mais célebres da época, descreviam deste modo, em 1893, a faceta marcante de crítica política e social que encontramos documentada praticamente desde os inícios da prática do Fado em Lisboa, na viragem para o segundo terço do século XIX.

Esta faceta manifesta-se de duas formas complementares, mas, apesar de tudo, distintas entre si. A primeira decorre da própria emergência do género num contexto de grande exclusão social, em que a luta quotidiana pela sobrevivência se traduz na coexistência, com fronteiras por vezes ténues entre si, de um trabalho assalariado quase sempre pobremente remunerado — quer em profissões tradicionais quer na indústria nascente —, com uma marginalidade mais ou menos radical, associada à prostituição, ao roubo ou a quaisquer outras formas de delinquência. Neste contexto, estabelecem-se, de forma natural, códigos de conduta alternativos que desafiam abertamente os padrões morais da boa burguesia respeitável da capital — códigos esses que transparecem explicitamente, nas letras dos fados, o quotidiano destes bairros proletários. Em 1904, quando Alberto Pimentel procura tipificar as temáticas da lírica fadista, no seu ensaio fundador *A Triste Canção do Sul*, destaca, logo à

cabeça, o tema da vida e morte das prostitutas (as «mal-fadadas») e daquilo que descreve como «o amor, como o fadista é capaz de o sentir; sem delicadeza e sem recato: o amor sensual, que principia por onde nas outras classes acaba.» E acrescenta-lhe, mais abaixo na sua lista, a «expressão de malícias e gaiatices [...] formulada brutalmente numa linguagem obscena»². Esta abordagem frequente da sexualidade à margem de quaisquer preceitos de pudor vitoriano e quase sempre num calão assumidamente desafiador é, por si própria, uma manifestação da identidade alternativa e da autonomia normativa desta comunidade popular — e, enquanto tal, um desafio subversivo à ordem social estabelecida.

Mas Pimentel elenca, ainda, entre as temáticas recorrentes do Fado, «os conflitos políticos e religiosos que provocam discussões na imprensa ou no parlamento», «os grandes crimes e os grandes desastres terrestres ou marítimos que impressionaram a opinião pública» e, sobretudo, «os trabalhos e sofrimentos das classes sociais que estão em contacto com o fadista ou próximas a ele», ou seja, as que decorrem da perceção, pela comunidade fadista, dos acontecimentos da esfera pública que direta ou indiretamente a afetam, e em particular as que expressam a indignação e a revolta desta perante as condições de miséria que, em geral, envolvem o seu trabalho e a sua existência quotidiana. Se na primeira vertente da lírica do Fado oitocentista que enunciei se desafiavam as convenções da moral dominante, nesta segunda, denuncia-se o próprio princípio da distribuição desigual da riqueza na sociedade, numa postura que, à medida que se for enraizando o movimento operário e sindical em Portugal, a partir da década de 1870, se irá igualmente radicalizando.

Já entre os versos que, por tradição oral, se atribuem à autoria do carismático ícone fundador do género que foi Maria Severa (1820-1846), se contam, entre outras, duas quadras de evidente sátira social, alusivas ao enriquecimento ilegítimo e à acumulação de honrarias por parte de alguns sectores da nova elite burguesa do Liberalismo: «Portugal sente-se ufano, / Tem bom dinheiro cunhado, / Mas quem o tem chama-lhe seu / Ou herdou ou tem roubado» ou «No tempo das barb'ras nações / Pregavam os ladrões nas cruces, / Hoje no século das luzes, / Pregam as cruces nos ladrões».³ Mas rapidamente esta sátira mais ingénua dará lugar a versos que revelam já uma intervenção política organizada e cada vez mais radical, em especial na contestação ao

1 César da Neves & Gualdino Campos, coord., *Cancioneiro de Músicas Populares*, Vol. I, p. 31 (Porto: Typographia Occidental, 1893).

2 Alberto Pimentel, *A Triste Canção do Sul* (Lisboa: 1904; reed./Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989), pp. 101-103.

3 Pinto de Carvalho, *História do Fado*, (Lisboa: 1903; reed./Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1984), pp. 180-181.

próprio princípio da Monarquia Constitucional: «Destruir a monarquia / Haver no mundo igualdade, / São dois pontos sublimes / Por que pugna a sociedade». e «De que serve à pátria o rei, / Toda a imbecil nobreza, / Que p'la força da riqueza / E p'la posição são a lei?»⁴

Aos textos de simples intervenção política juntam-se, nas últimas décadas do século XIX, poemas já de envolvimento militante no movimento operário organizado, e dão mesmo testemunho das suas múltiplas tendências político-ideológicas, desde a social-democracia reformista ao anarquismo libertário mais extremo. Um fado da década de 1890 lança um apelo claro à insurreição revolucionária «ao som da *Internacional*», evidenciando bem a difusão em Portugal, à época, do célebre hino. Escrito em 1871, por Eugène Pottier, na sequência dos eventos da Comuna de Paris, e posto em música em 1888 por Pierre Degeyter, em 1889 fora consagrado como hino oficial da Segunda Internacional: «Levanta-te explorado / Quebra os pesados grilhões / Procura a liberdade / No seio das Revoluções» e «É o braço universal, / É a força da vontade, / Procura a luz da verdade / Ao som da *Internacional*».⁵ Outro fado da mesma época convoca igualmente os trabalhadores para a destruição de «fronteiras e propriedades», na linha de Proudhon, e apoia a liderança de José Fontana e Antero de Quental, dois dos nomes mais relevantes da direção do Partido Socialista, fundado em 1875, a propósito da jornada de luta do Primeiro de Maio, que fora institucionalizada em 1890 pelo mesmo partido: «Um de maio, alerta! Alerta! / Soldados da liberdade! / Eia avante, é destruir / Fronteiras e propriedades». / [...] / “Lutemos pelo ideal / Donde o nosso bem dimana, / Sigamos José Fontana / E Antero de Quental».⁶

Durante toda a Primeira República, este papel de agitação política militante — aquilo que o poeta anarquista Avelino de Sousa designaria por «propaganda pela trova» — radicaliza-se ainda mais, perante a desilusão crescente com a incapacidade do novo regime para corresponder às expectativas de justiça social que tinham levado o movimento operário a envolver-se ativamente na sua instauração. O mesmo Avelino expressará este descontentamento, de forma emblemática, num dos seus fados: «Bravos heróis do Progresso, / Avante pelo grande Ideal. / A Republica não basta / P'ra esmagar o Capital». De novo, por sinal, encontramos neste mesmo poema a referência expressa ao ideário anarquista: «Aproveitemos a Luz, / Que o nosso sentir define, / P'la pena de Kropotkine, / E de Nordau, que seduz! De Tolstoi,

que nos conduz, / Ao pensamento liberal».⁷ E quando a entrada de Portugal na Primeira Grande Guerra conduz à chacina trágica das trincheiras da Flandres, serão novamente os versos improvisados pelos soldados na frente de batalha a denunciarem tanto a alegada indiferença dos altos comandos para com o sofrimento da tropa, como a política intervencionista do governo de Afonso Costa: «Se quereis saber o que custa a guerra / Altos Senhores do Estados, / Venham passar um Inverno / Nas trincheiras com os soldados.»⁸ E «Enquanto a tropa vagueia / Entre as homicidas balas, / Nas mais luxuosas salas / O Costa se banqueteia.»⁹

A instituição pela Ditadura Militar, logo a partir de 1927, da censura prévia de todos os textos cantados por fim à livre circulação destes poemas militantes no repertório do Fado e condicionará, assim, severamente, o âmbito temático da lírica fadista — o que será depois caucionado pela própria Constituição de 1933, ao propor-se «impedir preventiva ou repressivamente a perversão da opinião pública na sua função social» (Artigo 8.º). Esta tradição contínua de um Fado subversivo, que se tinha tornado num dos emblemas do género ao longo de mais de meio século, permanecerá na memória dos mais velhos no seio da comunidade fadista, mas deixará de poder ser cantado no espaço público — e ainda menos registado pela imprensa periódica popular.¹⁰ Não deixa de ser significativo que a primeira grande rutura pública — tão grave que a venda do disco chegou a estar proibida durante alguns dias — desta tremenda barreira censória que reformatou, por completo, a natureza da poesia de Fado tenha vindo a surgir, inesperadamente, na voz de Amália Rodrigues, quando, no álbum *Busto*, de 1962, cantou, com música de Alain Oulman, os versos de David Mourão Ferreira alusivos aos presos políticos do forte de Peniche: «Por teu livre pensamento / Foram-te longe encerrar. / Tão longe que o meu lamento / Não te consegue alcançar. / E ao menos ouves o vento. / Ao menos ouves o mar».¹¹ Mas esse é outro fado.

* Musicólogo e diretor do Programa Gulbenkian Cultura

7 Id., p. 68.

8 Joaquim dos Santos Andrade, apud António Telo, «As Forças Armadas ou a República decapitada», in João Medina, ed., *História de Portugal: Dos Tempos Pré-Históricos aos Nossos Dias*. Lisboa: Ediclube, 1995, Vol. XI, pp. 297-298.

9 Apud Pedro de Freitas, *As Minhas Recordações da Grande Guerra* (Lisboa: Tipografia da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, 1935), pp. 312-313.

10 Sobre a temática da lírica fadista de intervenção política cf. Rui Vieira Nery, *Fados para a República* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2012).

11 David Mourão-Ferreira, «Abandono ou Fado Peniche», in *Obra Poética (1948-1995)* (Lisboa: Assírio & Alvim, 2019), p. 219.

4 Id., pp. 199-200.

5 *Os Mais Lindos Fados e Canções (Portuguezes e Brasileiros)*. 23.ª ed./Lisboa: Barateira, s.d., p. 12.

6 Id., p. 30.



IPN, A MAIS ANTIGA INCUBADORA PORTUGUESA, E O SEU PAPEL NA INOVAÇÃO



TERESA MENDES *

OS PRIMEIROS PASSOS

Remontam ao final dos anos 70 do século XX as primeiras Incubadoras de Empresas, sendo que em 1980 apenas 12 operavam nos Estados Unidos da América¹. Já durante a década de 80, registou-se um acréscimo significativo de Incubadoras, também na Europa.

Pouco mais de dois anos após Portugal ter aderido à Comunidade Económica Europeia, o Conselho Europeu aprovava o Programa Específico de Desenvolvimento da Indústria Portuguesa (PEDIP). Foi precisamente nessa altura que a Universidade de Coimbra (UC) criou o Instituto Pedro Nunes (IPN), através do qual apresentou a candidatura ao PEDIP, visando o desenvolvimento de um Centro de Inovação e de Transferência de Tecnologia, incluindo um conjunto de vários Laboratórios de I&DT e uma Incubadora de Empresas, com a missão de promover a interação entre a investigação proveniente do meio académico e o sector empresarial.

Aprovada a candidatura, e construídos e equipados os dois primeiros edifícios, iniciou-se atividade relevante em 1994. Enquanto nos laboratórios de I&DT se intensificava um relacionamento com empresas de vários sectores, na Incubadora a primeira empresa ingressou em 1995.

¹ Elsie Harper-Anderson, David A. Lewis: *What makes Business Incubation work? Measuring the influence of Incubator Quality and Regional Capacity on Incubator Outcomes*, Economic Development Quarterly, vol 32, Issue 1, 2018

A INCUBADORA DE EMPRESAS

Sendo o conceito de Incubação de Empresas novo em Portugal, apostava-se em eventos de sensibilização para o empreendedorismo e, para estimular a criação de empresas, lançavam-se concursos de ideias de negócio dirigidos, sobretudo, aos estudantes da Faculdade de Ciência e Tecnologia da UC. A criação da Critical Software, premiada num desses concursos e primeiro caso de sucesso da Incubadora, teve um efeito de contágio determinante, estimulando a passagem de um espaço inicial de Incubação que albergava cerca de 20 empresas para um novo edifício, em atividade desde 2007, com o dobro da capacidade. Podem apontar-se numerosos casos de sucesso de empresas que nasceram na Incubadora, tais como: Critical Software, Wit Software, CWJ, Crioestaminal, Active Space Technologies, Feezai, Take The Wind, Medicine One, Dognaedis ou, mais recentemente, a Laser Leap, a Stratio e a Perceive 3D.

O IPN acolhe, desde há cinco anos, o ESA BIC Portugal, um dos centros de incubação da Agência Espacial Europeia (ESA) na Europa. Nesta estrutura, são apoiadas *start-ups* que empregam tecnologias espaciais em utilizações não espaciais, tendo sido incubadas já 30 *start-ups*, 16 das quais instaladas na Incubadora do IPN.

Ao longo dos seus 24 anos, a Incubadora contribuiu para a criação de mais de 330 empresas de base tecnológica e inovadora, que apresentaram em 2018 um volume de negócios agregado próximo dos



180 milhões de euros, com uma taxa de exportação a rondar os 60%, e empregam atualmente, de forma direta, mais de 2500 quadros qualificados. Muitas delas têm forte vocação exportadora e capacidade de interação com *players* globais, e estão permanentemente atentas às oportunidades de inovação, apostadas na expansão para novos mercados e habituadas à realização de parcerias, sendo assim importantes catalisadoras da atividade económica.

O impacto destes resultados é notório na região de Coimbra, mas faz-se sentir mais além, já que muitas das empresas referidas são hoje casos de sucesso nacional e até internacional. É importante realçar que mais de metade das empresas que têm passado pela Incubadora são *spin-offs* académicos, que transformam em negócio o conhecimento gerado em instituições de I&DT e aqui fixam quadros qualificados, contribuindo para a transformação e revitalização do tecido empresarial da região.

O excelente desempenho da incubadora num conjunto de indicadores que medem a sua capacidade de autossustentabilidade e o impacto gerado localmente, levaram à obtenção, em 2010, do galardão internacional de Melhor Incubadora de Base Científica (*Best Science Based Incubator Award*), atribuído pela rede de inovação internacional *Technopolicy Network*, e, em 2012, do 2.º lugar no prémio «consistência», atribuído às incubadoras com melhor desempenho acumulado no período 2007-2011, pela mesma instituição. Nos anos mais recentes, tem constado também no top 10 das melhores incubadoras de base universitária do mundo, no novo *ranking* da UBI Global (*University Business Incubation Index*).

Numa altura em que a atividade de Incubação de Empresas regista um acréscimo impressionante, estimando-se a existência de cerca de 7000 incubadoras no mundo, o IPN tem-se sabido posicionar seja através da diversificação do apoio prestado às empresas, seja pela criação do TecBIS — Aceleradora de Empresas, com atividade iniciada em 2014 e, atualmente, com 26 empresas, que congregam perto de 800 colaboradores. É uma infraestrutura que se dirige a empresas em estado de maturidade mais avançado, que já vingaram no mercado e ambicionam um rápido crescimento, a quem são oferecidos serviços diversificados com o objetivo de potenciar as suas capacidades de internacionalização e contribuir para o aumento da sua intensidade tecnológica.

INOVAÇÃO E I&DT

As *start-ups*, especialmente aquelas que resultam de processos de *spin-off* da UC ou dos laboratórios do IPN, têm sido um dos veículos privilegiados para promover o processo de inovação e de transferência de tecnologia, pois é através delas que o conhecimento gerado se transforma em produtos e serviços que chegam ao mercado.

O IPN, além dos serviços de incubação mais típicos, relacionados com o apoio à gestão e capacitação do empreendedor, possui uma marca distintiva por ter laboratórios próprios de I&DT vocacionados para trabalhar com empresas — de base tecnológica, principalmente —, em fase de *start-up* e *scale-up*. Propiciam, com investigadores, sobretudo da UC, uma grande quantidade de projetos de I&DT com empresas de todo o país, ajudando-as a resolver os seus problemas e desafios tecnológicos. O IPN dispõe de outras competências, essenciais para a valorização do conhecimento, como o apoio à proteção da propriedade intelectual e, porque quanto mais disruptiva é a inovação, mais riscos acarreta, o apoio ao financiamento dos projetos de inovação.

Desta forma, tem contribuído para que a inovação tenha vindo a ganhar terreno em Portugal, tanto em sectores tradicionais que se «reinventaram», como em sectores tecnológicos onde cada vez mais se sente a presença do nosso país no mundo. De uma forma geral, têm-se registado progressos no que se refere à ligação universidade-empresa, tendo aumentado significativamente os casos em que ambos percecionam valor e vantagens nessa colaboração. No caso do IPN, existe uma forte ligação à UC, a par das parcerias que foram sendo estabelecidas com outras instituições do ensino superior, organizações de I&DT e empresas, consolidadas através da participação ativa em inúmeras redes nacionais e internacionais.

O IPN configura, assim, um modelo integrado que atua em todas as fases do ciclo de transferência de saber e qualificação do empreendedorismo, gerando sinergias e potenciando complementaridades nas atividades de I&DT, na formação especializada, na valorização do conhecimento gerado, culminando na incubação e aceleração de empresas. É este modelo, fator importante de diferenciação, que tem sido seguido por outras instituições congêneres e reconhecido como caso de estudo por organizações internacionais.

* Diretora do Instituto Pedro Nunes

49

RL #54

RIBALTA

HELENA FREITAS *

As alterações climáticas representam uma ameaça ambiental, um desafio à prosperidade social e económica global e, de forma geral, à paz e segurança no mundo. A complexidade do problema exige um claro compromisso entre o maior número possível de países, numa fase de transição energética em que importa reduzir com firmeza a supremacia dos combustíveis fósseis, e buscar soluções alternativas inteligentes e transformadoras, apostando nas energias renováveis. O incentivo político é essencial e os compromissos globais podem fazer a diferença. Todos beneficiam com esta aposta: a indústria, a economia, o emprego, e, seguramente, o Planeta e o ambiente. Pode dizer-se que é hoje consensual a perceção da necessidade de mobilizar, de forma progressiva e concertada, o que de melhor podem fazer a ciência, a tecnologia, a indústria, a inovação, e a sociedade em geral, em prol de um caminho que se deseja ecológico, inclusivo e próspero. Os sucessivos acordos internacionais, em particular o Acordo de Paris, em 2015, comprometeram os países signatários no combate às alterações climáticas, através de um claro empenho nacional para reduzir as emissões de gases com efeito de estufa (GEE). Este Acordo identificou questões essenciais — mitigação, adaptação, finanças, tecnologias, formação —, tendo ainda contemplado a análise aos desafios geopolíticos e económicos globais. Portugal apoiou sempre as propostas do painel científico da Organização das Nações Unidas, subscrevendo o apelo a cortes significativos nas emissões de GEE.

Estas emissões, e os seus efeitos no aquecimento do Planeta, têm vindo a aumentar de forma consistente desde a era pré-industrial, sobretudo em resultado da expansão demográfica e do crescimento económico. O principal de emissões poluentes, seguida da floresta, da agricultura e do uso do solo, da indústria, e dos sectores dos transportes e da construção. Os potenciais impactos das alterações do clima são conhecidos: a menor produtividade dos ecossistemas e a redução da disponibilidade de água e de alimentos; o movimento migratório imposto às comunidades mais vulneráveis; o agravamento da pobreza; o aumento de tempestades e outros acontecimentos climáticos extremos; a alteração das correntes marinhas e, por consequência, dos padrões climáticos à escala local; o aumento do nível do mar e os seus efeitos sobre a orla costeira.

Nas próximas décadas, o mundo terá de abdicar das fontes de energia fóssil por forma a evitar um aumento da temperatura global acima de 2° C, patamar considerado incomportável. Para tal, as emissões mundiais de CO2

terão de baixar de 40% a 70% até 2050 e chegar a zero até 2100, segundo o IPCC, o painel científico da ONU para as alterações climáticas. Na prática, é o fim anunciado dos combustíveis fósseis, de onde resulta a maior parte das emissões de CO2.

O Acordo de Paris representa o roteiro político indispensável para impulsionar um programa energético global com vista à progressiva descarbonização da economia, assente num conjunto de objetivos: a utilização mais eficiente de energia; o consumo crescente de energia de fonte renovável; a redução da desflorestação e uma aposta na gestão florestal, em novas florestas e práticas agrícolas adaptadas, valorizando o sequestro e o armazenamento de carbono; a promoção de estilos de vida e comportamentos informados para a mudança de paradigma.

Em coerência com os compromissos assumidos, Portugal dispõe de um plano para o combate às alterações climáticas, com linhas de orientação políticas e metas sectoriais de redução de emissões a desenvolver em conjunto com sectores como os transportes, a energia, a agricultura e a floresta. O país deverá reforçar a aposta nas energias renováveis, em especial a solar e a eólica, na mobilidade elétrica, na eficiência energética, na construção sustentável, na gestão da floresta, na inovação de práticas e opções agrícolas e florestais, nos planos de gestão da saúde em particular nas cidades, na prevenção das patologias diversas associadas ao clima, e na educação.

As políticas nacionais de ambiente têm inscrito as respostas do país ao impacto das alterações climáticas, identificando o papel estratégico das políticas públicas para a sua mitigação e adaptação. Lamentavelmente, tem havido alguma incapacidade para assegurar uma aplicação consistente e firme ao longo dos ciclos políticos. No entanto, é preciso reconhecer que no plano internacional também se tem verificado essa atuação intermitente, apesar do reconhecimento unânime dos efeitos potenciais das alterações climáticas na saúde humana e no desenvolvimento das sociedades, afetando a disponibilidade de recursos essenciais, a gestão costeira, ou a biodiversidade, e impondo uma política de ordenamento de território e organização das cidades adaptada a esta nova realidade. A recente COP 25, realizada em Madrid, revelou exatamente esta dificuldade em conciliar os interesses nacionais com o esforço coletivo e urgente que a emergência climática impõe.

Com algumas exceções que não merecem esforço de análise, os líderes mundiais reconhecem hoje a gravidade das

alterações climáticas e os seus impactos nas comunidades humanas, nos recursos naturais e nas infraestruturas. Por outro lado, a globalização vem transformando os modelos económicos, os mercados de trabalho, as relações industriais e os fluxos migratórios, sendo que milhões de pessoas trabalham hoje numa economia facilitada pela tecnologia digital e apoiada nos avanços da robótica e da inteligência artificial. Ora, esta conjugação representa uma extraordinária oportunidade para todas as regiões, enquadrada no objetivo de descarbonizar a economia até 2050 — um compromisso coletivo para alcançar a meta de limitar o aumento de temperatura global do planeta. Precisamos de inspirar cada vez mais cidadãos europeus, apoiando uma transição ecológica que melhorará a nossa vida quotidiana. Uma transição que promoverá novos empregos e uma melhor qualidade de vida, assegurando à Europa uma posição relevante na economia global, e tornando-a impulsionadora de uma agenda global de sustentabilidade, equidade e paz. É essa visão que deve orientar a construção do projeto europeu e esta a visão que parece inspirar o novo acordo ecológico europeu (EU Green Deal).

Há uma crescente afirmação de uma cidadania global que atua e influencia, e há igualmente um reconhecimento por parte das empresas e lideranças locais de que as políticas para um desenvolvimento sustentável e ação climática vão ao encontro dos seus interesses e dos interesses dos consumidores, económica e eleitoralmente. As políticas de promoção da sustentabilidade são as mais transformadoras, mais racionais e mais inteligentes que qualquer organização ou comunidade pode adotar. É o momento para assumir a agenda política que os cidadãos do mundo reclamam: uma aposta ousada e firme numa economia verde, circular e descarbonizada. Os cidadãos europeus que hoje se manifestam nas ruas, de todas as proveniências e idades, estão mais conscientes do que nunca da crise climática. Exigem que os seus líderes percebam o momento crítico da história e que respondam à emergência climática e à crise da biodiversidade, construindo as soluções políticas e atuando em favor da paz, pelo bem-estar e pela justiça dos povos, e pela preservação de um planeta que acolhe uma extraordinária diversidade de formas de vida.

* Professora catedrática do Departamento de Ciências da Vida da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

Alterações climáticas: atuar com rapidez e ousadia



A FAVOR DE TODAS AS EXPECTATIVAS OU A POSSIBILIDADE DO ERRO

CARLOS ANTUNES *

JOÃO GABRIEL SILVA **

MANUEL MACHADO ***

A favor de todas as expectativas, uma bienal em Coimbra cumpre agora a sua terceira edição. «A favor de todas as expectativas» não deve ser interpretado com qualquer ironia, pois dá conta da crescente adesão da cidade e dos que seguem com atenção o universo da arte contemporânea ao projeto Anozero. Ao longo destes quatro breves anos de existência, temos vindo a ter conhecimento de casos concretos da forma como a bienal interferiu positivamente na vida individual dos que a presenciaram, fazendo-as mudar de vida, de profissão, de cidade. Serão ainda um número de casos que se contam pelos dedos de uma mão, mas dão conta do poder transformador que a bienal pode ter, se a cidade assim o entender.

O que há de mais gratificante na edificação de uma bienal com as características do Anozero, na sua distintiva matriz universitária, no seu vínculo urbano, na sua relação com o património edificado, no seu desejo de ativação, releitura e informalização da relação com esse património, é, ano após ano, edição após edição, a possibilidade de o fazer acompanhado por novos interlocutores que nos dão pistas para a perpétua releitura da cidade, e talvez esta seja a resposta que justifique que façamos também em Coimbra uma bienal.

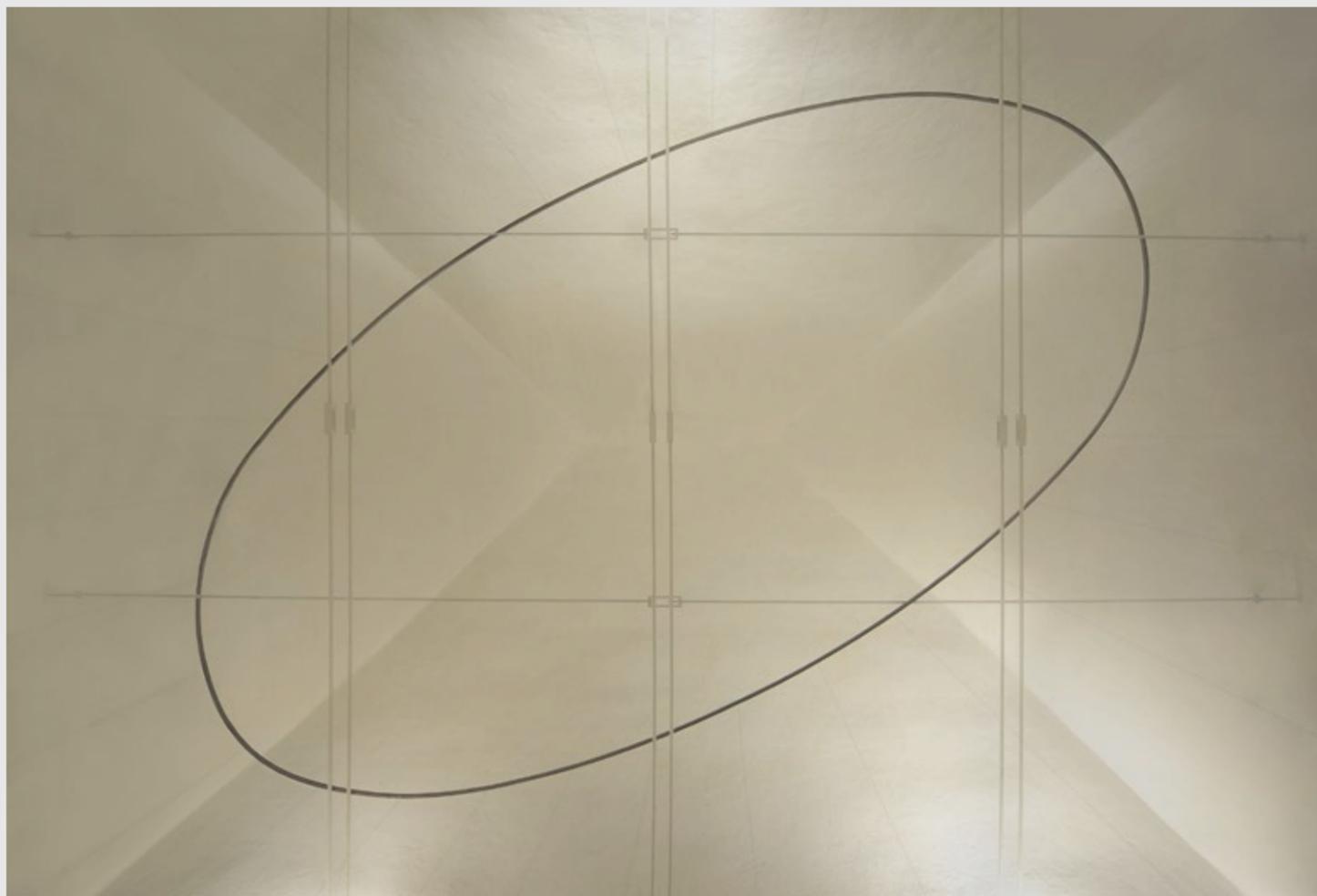
Após o carácter experimental de *Um lance de dados*, a primeira edição em 2015 — que permitiu aferir o não evidente potencial e a margem de progressão desta bienal, feita de dentro para fora —, *Curar e Reparar*, a edição de 2017, aportou à bienal um alargado reconhecimento público nacional, amplamente documentado na imprensa e revistas da especialidade.

São francamente motivadoras para todos nós as declarações da historiadora Raquel Henriques da Silva, bem como as dos curadores Penelope Curtis e de Carlos Quintáns.

Edificou-se a 1.ª e a 2.ª edição da bienal, alicerçando a sua seleção de artistas num conjunto muito sólido de nomes maioritariamente inquestionáveis. Tratou-se de uma estratégia consciente de fortalecimento da sua visibilidade e legitimidade. Para alcançar este objetivo, foi especialmente relevante o trabalho curatorial da segunda edição, que conferiu à bienal um alargado reconhecimento público, tão importante para podermos estar hoje a concretizar a 3.ª edição.

Agnaldo Farias, curador-geral da presente edição — com curadoria-adjunta de Lígia Afonso e Nuno de Brito Rocha —, professor da Universidade de São Paulo e agora professor convidado da Universidade de Coimbra (UC), tem acompanhado de perto as edições anteriores da bienal, inclusive com pequenas colaborações. Não é por mera curiosidade biográfica que aqui se refere a sua condição de professor. É assim que se apresenta e é nessa condição que se entende curador, como um desdobramento da sua atividade docente. Enquanto professor de 1.º ano, sente ter o privilégio de ensinar uma plateia de alunos muito jovens e ávidos de receber o que ele tem para lhes ensinar.

Para Agnaldo Farias, toda a arte é política. E é, antes de mais, uma operação da linguagem, o que precede tudo, algo tem que ver com o 1.º sujeito que, na caverna, pela 1.ª vez, tentou magicamente reter o animal pela





representação do animal. A arte é o fundamento a partir do qual nos podemos entender, conversar sobre as nossas diferenças e chegar a um acordo.

Temos repetidamente referido que a bienal considera o território ibero-americano, em particular Espanha e Brasil, como um espaço privilegiado para a sua internacionalização, recuperando e fortalecendo ligações matriciais da nossa identidade. É também neste contexto que surge o convite ao curador. A sua ligação à literatura, em particular à literatura de língua portuguesa, é visível na forma como nomeia as suas exposições. «Há sempre um copo de mar para um homem navegar» é o título que atribuiu à 29.ª edição da Bienal de São Paulo, da qual foi, com Moacir dos Anjos, curador-geral. Baseado num verso do poeta Jorge de Lima, *«sintetiza a ideia de que a utopia da arte está contida nela mesma, o «copo de mar» de cada artista.* E deste infinito particular, cada um busca modificar o mundo.

Privilegiando o trabalho coletivo, em boa hora Agnaldo Farias convidou a integrar a equipa curatorial Lígia Afonso e Nuno de Brito Rocha, que se revelaram determinantes para a qualidade desta 3.ª edição da bienal. A sua dedicação a esta edição, o rigor do seu trabalho e a sua disponibilidade total para colaborar em todas as áreas da bienal — curadoria, comunicação, programa de ativação e catálogo — merecem o nosso maior reconhecimento.

A Terceira Margem é o título proposto pela equipa curatorial para a 3.ª edição do Anozero, a partir do conto de João Guimarães Rosa «A Terceira Margem do Rio». Escritor universal, Guimarães Rosa é um dos mais ilustres representantes da língua portuguesa, e é especialmente acertado convocá-lo a uma cidade e a uma Universidade que tem na fixação desta língua um dos seus pilares matriciais, elemento determinante para a sua classificação como Património da Humanidade.

O exercício das paridades atuou no programa curatorial da presente edição do Anozero como manifesto político, tornando-se a sua característica principal, quer se trate da paridade de género ou da paridade intergeracional, e equilibrando sem precedentes no Anozero a presença de artistas de grande reconhecimento e visibilidade internacional e artistas emergentes ou artistas improváveis e promissores. A assunção deste risco e a coragem de o assumir é o gesto que permite às bienais serem o terreno fértil que permite aos artistas ter o espaço de que necessitam para a tentativa e erro, o espaço da experimentação mais radical, e para o encontro intergeracional. Este exercício é também uma prova da maturidade do Anozero, sendo consensual afirmar-se que a terceira edição de uma bienal é o momento inicial da sua maturidade plena, a sua prova de fogo.

Na presente edição, o programa da curadoria ocupará oito espaços disseminados pela cidade. São eles os edifícios do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, Sereia e Sede, o Colégio das Artes, o Cine-Teatro Avenida, que assim regressa ao usufruto público, a Sala da Cidade, o Museu da Ciência (Laboratório Chimico e Galeria de História Natural), o Museu Municipal de Coimbra — Edifício Chiado e o Convento de Santa Clara-a-Nova, que volta previsivelmente a ocupar um lugar central nesta edição. Em qualquer uma das três edições, temos sempre conseguido devolver um edifício ou um espaço à cidade. Se 2015 foi o ano da recuperação da Sala da Cidade, através de uma intervenção cirúrgica e transitória de Pedro Cabrita Reis, 2017 permitiu o início de uma discussão pública acerca do destino a dar ao Convento de Santa Clara-a-Nova, tendo constituído o edifício uma peça central da própria exposição e tendo-se revelado uma figura de arquitetura de superior qualidade, desconhecida pela grande maioria da população.

Neste ano, além do supracitado Cine-Teatro Avenida, a Câmara Municipal iniciou, através de uma proposta da bienal, um processo de reabilitação da Fonte do Claustro da Manga, na qual será instalada uma obra sonora da Digitópia — Casa da Música que parte dos Fundos Musicais da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. A proposta, que pertence ao programa convergente da bienal, cria a possibilidade de colaboração com os investigadores do projeto *Mundos e Fundos. Mundos Metodológico e Interpretativo dos Fundos Musicais* e sugere a criação de algo que, além de instalação sonora, possa ser também ferramenta de exploração, improvisação, composição e dinamismo do material recolhido e gravado pelos investigadores do arquivo.

O programa convergente fará uso de cinco espaços, o que perfaz um total treze espaços a ser utilizados na bienal, a saber: Criptopórtico romano de Aeminium, a sala de exposições temporárias do Museu Nacional de Machado de Castro, a Sala de São Bento da Biblioteca Geral da UC, a Galeria Sete e o «Museu», posicionado junto à ponte de Santa Clara.

Após a 1.ª e a 2.ª edição do Anozero, a programação de arquitetura passou a assumir formalmente uma ligação institucional ao Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UC, que passará a programar esta disciplina na bienal. Reforça-se desta forma a singularidade da matriz universitária do Anozero, que procura estabelecer pontes entre a produção académica, o universo da arte e arquitetura e a sociedade civil.



"Duplo Negativo", instalação de Fernanda Fragateiro, refeitório do Mosteiro de Santa Clara a-Nova, 2017.

A arquitetura tem, como poucas disciplinas, a capacidade de construir uma parte substancial da *Res Publica*, da Pólis. Numa época tão marcada pela utilização da arquitetura como elemento de estabelecimento da diferença, da reificação do poder, reclamamos a sua capacidade para construir o espaço coletivo e inclusivo, o lugar de encontro, de celebração da vida e da memória. Para a edição deste ano — com curadoria geral de Désirée Pedro e Luís Miguel Correia —, os conteúdos expositivos são o resultado do trabalho de dois *workshops* de arquitetura — «Grande Teatro do Monda» e «Finita Existência» — e de um trabalho académico da responsabilidade de Jorge Figueira e Bruno Gil, convocando Pedro Pousada para a instalação *Coimbrismo*. Esta possibilidade de trabalhar simultaneamente com alunos e professores convidados os problemas concretos da cidade abre-nos um vasto campo de possibilidades metodológicas a explorar nas próximas edições, e tem o objetivo declarado de poder interferir com o seu destino (da cidade).

A este conjunto de trabalhos, importa acrescentar a edificação da cerca do convento: duas construções informais, dois *hortus conclusus* de características muito diversas, lugares dentro de lugares, espaços de mediação e ligação entre o programa de artes plásticas e o programa de arquitetura, que funcionam também como estratégias de ativação da grande Cerca do Convento de Santa Clara-a-Nova. Se o primeiro resulta de uma operação simples de remoção parcial de uma cobertura, transformando a antiga sala de praças num claustro e aí plantando um conjunto denso de árvores; a segunda operação resulta do empilhamento disciplinado de um grande número de troncos de árvores resultante de recente limpeza e desmatagem da cerca — concretizadas por militares —, recintando um território, criando um lugar dentro do lugar, uma improvável terceira margem.

Num mundo onde cada lugar luta para obter o maior tempo possível de atenção mediática, de viva competição entre cidades, sabendo que por essa via consegue

criar fatores diferenciadores de atratividade turística, muitas vezes forjando de forma acrítica identidades que nunca existiram e fomentando a cultura do Evento, o Anozero procura ser o antievento, uma vez que se centra na contínua revisão crítica da identidade de um lugar — Coimbra — numa perspectiva não laudatória, e que tem na intenção da presença continuada no ritmo da cidade um dos seus objetivos primordiais. Deve ser o agente provocador: procurar com intransigente rigor desenvolver um programa de ação para a cidade e criar conteúdos que sejam o resultado de uma investigação continuada de dois anos e que possam ser mostrados ao público nessa cadência temporal — uma bienal. Dito de outra forma, a atratividade que a bienal possa criar para o grande público não é um objetivo em si mesmo, mas, antes, o resultado do trabalho determinado e da qualidade do que aqui conseguirmos — ou não — produzir. É certamente um caminho mais difícil, mas é o único que nos dispomos a trilhar, e também aqui onexo ou o paralelismo com o método de investigação científica ou académica se evidencia incorporando o risco e a possibilidade do erro.

* Diretor do Círculo de Artes Plásticas de Coimbra

** Reitor da Universidade de Coimbra entre 2011 e 2019

*** Presidente da Câmara Municipal de Coimbra

TEXTO PUBLICADO NO CATÁLOGO DA BIENAL
CUJO TEMA FOI A TERCEIRA MARGEM.

59

RL #54
**CIÊNCIA
REFLETIDA**



Vida
saudável e
envelhecimento
ativo:
a Rede
Ageing@
Coimbra

A convergência entre o decréscimo da natalidade e o aumento da longevidade contribui para posicionar Portugal entre os países da Europa onde o envelhecimento das populações terá maior impacto social e económico. De acordo com o último relatório de envelhecimento, produzido pela Comissão Europeia, Portugal será, em 2070, o país da EU27 com menor rácio de fertilidade (nascimentos por mulher em idade fértil) e, simultaneamente, sujeito ao maior desequilíbrio entre o número de jovens adultos (em idade produtiva) e o número de idosos muito dependentes (> 80).

Neste contexto, a Região Centro sofre um acelerado processo de envelhecimento e vive, já em 2020, alguns dos cenários demográficos da Europa de 2070, com índices de envelhecimento excepcionalmente elevados. Os nossos idosos vivem sós, muitas vezes rodeados e cuidados por outros idosos... Tantas vezes, antecipadamente sós. A antecipação do futuro que se vive na Região Centro de Portugal cria inúmeras tensões sociais e económicas, mas permite antecipar as soluções para o futuro; criando laboratórios vivos locais, antes do tempo da massificação destas tensões por toda a Europa.

A REDE AGEING@COIMBRA

A Universidade de Coimbra (UC), por iniciativa da sua Faculdade de Medicina (FMUC), iniciou o processo de criação de um consórcio regional para a promoção da vida saudável e do envelhecimento ativo. Este processo foi inspirado por dois desígnios: por um lado, posicionar a UC como parceiro competitivo para o Horizonte 2020 (H2020); por outro, federar as principais instituições da Região Centro na criação de uma rede holística e inovadora, aberta à Região e aberta à Europa — o Consórcio Ageing@Coimbra. Esta rede, criada por memorando de entendimento em 17 de janeiro de 2013, posicionou a Região Centro como o primeiro «Reference Site» português (1 de julho de 2013) da Parceria Europeia de Inovação para o Envelhecimento Ativo e Saudável. O Ageing@Coimbra moveu o conceito de «Reference Site» para uma Região Europeia de Referência de duas estrelas (2013), três estrelas (2016), e classificação máxima de quatro estrelas (2019). A qualidade foi acompanhada pelo crescimento e afirmação dupla, regional e europeia, do consórcio. Ao núcleo fundador de cinco instituições juntaram-se, como instituições aderentes, oito dezenas de entidades com impacto inovador na Região Centro. O memorando de entendimento deu lugar a um contrato de consórcio (12 de julho de 2019) subscrito por oito membros do Ageing@Coimbra: UC, Instituto Pedro Nunes (IPN), Câmara Municipal de Coimbra, Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra (CHUC), Administração Regional de Saúde do Centro, Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro (CCDRC), Escola Superior de Enfermagem de Coimbra e Cáritas Diocesana de Coimbra.

A rede Ageing@Coimbra vive da dinâmica colaborativa, interdisciplinar e holística da sua matriz fundacional de hélice quadrupla: produção de conhecimento e inovação (universidades e centros de investigação), transformação do conhecimento e inovação em oportunidades de negócios (incubadoras de empresas, tecido empresarial), melhores serviços prestados por entidades públicas (serviços de saúde e ação social), envolvimento dos cidadãos (grupos de cidadãos, municípios, entre outros). A fertilização cruzada através da rede que emalha a hélice quadrupla cria produtos de alto impacto na Região com elevada atratividade na Europa.

Para o Ageing@Coimbra o envelhecimento é um desafio e uma oportunidade.

INVESTIGAÇÃO EM ENVELHECIMENTO

O reconhecimento, com a atribuição do estatuto de «Reference Site», colocou a rede Ageing@Coimbra e, em particular, a UC numa posição de especial visibilidade para parceiros do H2020. Na sequência de reflexões concertadas entre o Grupo Coordenador do Ageing@Coimbra, a Direção da FMUC e o Instituto de Investigação Interdisciplinar, foi aplicada uma estratégia de consolidação da investigação em envelhecimento. Em resultado desta estratégia, a UC afirmou-se como parceiro em diversos projetos do H2020, tendo assumido a coordenação de projetos como o EuroHealthy (coordenador, Paula Santana), o Grow-Me-Up (coordenador, Jorge Dias), o ERA Chair (ERA@UC; coordenador, o autor) e o Teaming para o Instituto Multidisciplinar do Envelhecimento (MIA-Portugal; coordenador na UC, o autor — coordenador operacional).

O conceito MIA-Portugal nasceu, em 2013, da colaboração empenhada dos parceiros nucleares: UC, Newcastle University (UNEW) e University Medical Center Groningen (UMCG). A rede Teaming é apoiada internacionalmente pelos melhores centros de investigação em envelhecimento, que incluem Copenhagen University e a Mayo Clinic, e na região pelo IPN e pela CCDRC (coordenador estratégico). O MIA-Portugal nasce com a ambição de se constituir como um dos cinco centros europeus de referência na investigação em envelhecimento. Os seus pilares de ação centram-se na produção de investigação de excelência, no ensino avançado, na transferência de saber para a inovação tecnológica e para melhores serviços de assistência em saúde. O MIA-Portugal irá atrair até oito grupos de excelência, moldados por uma matriz de internacionalização e investigação competitiva imprimida pelo primeiro grupo, já instalado, o ERA Chair. Este grupo investiga, com elevado sucesso, os processos biológicos na base do envelhecimento vascular e desenha soluções terapêuticas anti-envelhecimento.

EIT HEALTH

O estatuto de «Reference Site» catapultou a rede Ageing@Coimbra para os centros de decisão onde germinou a Comunidade de Inovação e Conhecimento (KIC) em Vida Saudável e Envelhecimento Ativo; a rede EIT Health. Esta é uma parceria pan-europeia com cerca de centena e meia de membros organizada em torno de seis centros de co-localização e de um anel periférico de regiões inovadoras (InnoStars). A UC, o IPN, o CHUC e a BIAL (posteriormente a Bluepharma) posicionaram-se como o núcleo InnoStars mais competitivo da EIT Health. A UC, inicialmente admitida como membro associado, foi convidada a assumir o estatuto de parceiro nuclear. Em conjunto, os parceiros do nó de Coimbra atraíram financiamento de cerca de dois milhões de euros (em 2019) e realizaram projetos tão relevantes como o «Praça Vida+, Vida+ Móvel, HeaLIQs4Cities», o «SwitHome», o «CARE» o «CALMA», ou a coordenação da escola europeia de doutoramento em envelhecimento («Ageing@EITHealth PhD School»). O EIT Health permite financiamento anual competitivo que leva inovação ao cidadão nos três eixos verticais da parceria: educação, inovação, aceleração. Um triângulo que acelera a cadeia de inovação, a educação de uma nova geração de empreendedores e a adopção de soluções inovadoras para o mercado de saúde e bem-estar, em cocriação com o cidadão.

CONCLUSÃO

A rede Ageing@Coimbra surgiu como um consórcio que gera, catalisa e promove soluções inovadoras e boas práticas para a vida saudável e envelhecimento ativo; valorizando estilos de vida saudáveis, promoção da saúde e prevenção da doença... ao longo de toda a vida. A natureza fundacional da sua hélice quádrupla abre a Universidade à sociedade, criando um consórcio holístico, em constante crescimento, que cria e potencia sinergias e saberes. A rede Ageing@Coimbra abraça os desafios do envelhecimento e entrega novas oportunidades para reter e atrair talentos... para uma sociedade mais inovadora, competitiva e coesa.

A experiência na Europa, a experiência na região, o cont(r)ato com os cidadãos, tanto em meio urbano como em meio rural, demonstram os méritos deste modelo colaborativo. Esta semente germinou. Poderá inspirar novas sementes? Poderá inspirar novas soluções para outros desafios? Os caminhos do novo programa comunitário de apoio, Horizonte Europa, poderão trazer à tona respostas a estas perguntas.

* Investigador coordenador da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra

RL #54
ÁGORA 65





A GÉNESE DE UMA IDEIA

FERNANDO SEABRA SANTOS *

A inscrição da Universidade de Coimbra: Alta e Sofia na lista de Património Mundial da UNESCO no dia 22 de junho de 2013 encerrou com chave de ouro dez anos de intenso trabalho de preparação, iniciado em abril de 2003 e pontuado por momentos-chave dos quais destaco: — em julho de 2003, a edição do primeiro Guião da Candidatura, internamente conhecido pelo «Livro de Capa Preta», com seis textos semanais que traduziam a expressão da vontade e dos argumentos por detrás dela, os quais viriam a resumir os principais eixos de trabalho; — no mesmo mês, a comunicação formal ao Governo Português da intenção da Universidade; — em maio de 2004, o parecer da Comissão Nacional da UNESCO que incluiu a Universidade de Coimbra (UC) na Lista Indicativa de bens susceptíveis de virem a ser propostos como candidatos; — em outubro de 2004, a constituição e início de funções do Gabinete de Candidatura à UNESCO (GCU), constituído por 32 arquitetos, historiadores, historiadores de arte, arqueólogos, engenheiros, informáticos e conservadores-restauradores, ao qual foi atribuída a responsabilidade técnica de preparação do dossiê de candidatura; — em março de 2005, a realização da primeira reunião da Comissão Científica da Candidatura, constituída por 32 professores e investigadores em áreas científicas consideradas relevantes;

— de fevereiro a julho de 2005, a celebração de protocolos com o Episcopado de Coimbra, com a Santa Casa da Misericórdia, com o Instituto Português de Museus (MNM e MMC), com o IPPAR, com o IPPA, com a Região de Turismo do Centro e com a AAC; — em abril de 2006, na UC e por sua iniciativa, a realização do 1.º World Heritage of Portuguese Origin (WHPO); — em janeiro 2008, o apoio público do Presidente da República à candidatura, no decurso do Roteiro para o Património em sessão realizada no Museu da Ciência; — em novembro de 2008, a assinatura de uma declaração dos Reitores e representantes das 50 Universidades brasileiras fundadoras Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras do (GCUB) de apoio expresso à Candidatura da UC; — em julho de 2009, a atribuição do Prémio Europa Nostra /European Union Price for Cultural Heritage, pela intervenção na Via Latina; — em outubro de 2010, a realização do 2.º WHPO; — em dezembro de 2010, a entrega formal ao governo português do dossiê de candidatura.

Ao escrever hoje sobre as origens e as motivações do processo de candidatura da UC a Património da Humanidade, não posso deixar de referir que a iniciativa deve ser considerada em conjunto com vários outros



Fotografia: Henrique Patrício

elementos do programa de reabertura da UC ao mundo, ideia condutora dos meus dois mandatos de Reitor, com os quais ela se articulou e, em conjunto, se enriqueceram, sendo desse programa, naturalmente, a mais visível bandeira e o mais gostoso resultado.

A decisão que tomei em 2003 de candidatar a UC, e não o Centro Histórico, ou a Alta da cidade, ou o Núcleo Histórico, como havia sido respetiva e sucessivamente sugerido em anos anteriores por Matilde Sousa Franco, Mário Nunes e pela Câmara Municipal, teve como enquadramento a necessidade de maximizarmos as hipóteses de sucesso perante as exigências da UNESCO relativamente à excecionalidade do bem e do seu estado de conservação; e teve como sustentação as prolongadas e frutuosas conversas que mantive no outono de 2002 com vários colegas universitários, em particular com António Filipe Pimentel, nas quais encontrei fundamentos para alargar a sugestão inicial de candidatar o Paço das Escolas, conferindo-nos a possibilidade de integrar os critérios de classificação relacionados com o Património em Rede e com o Património Imaterial, bem como de dar visibilidade à instituição no seu conjunto e não apenas a um dos seus, embora de longe o mais emblemático, edifício. Esta opção deu-nos ainda a capacidade, que de outra forma não teríamos, para gerir autonomamente a preparação do dossiê e de todo o processo de candidatura, sem excessivas dependências de outras entidades, nomeadamente a possibilidade de angariar e de alocar os recursos humanos e materiais necessários.

Ao mesmo tempo, na escolha da designação final adoptada de Universidade de Coimbra: Alta e Sofia, houve o cuidado de definir os limites do bem, de forma a que toda a cidade, e não apenas a Universidade, pudesse beneficiar com a classificação.

E é assim que o reconhecimento da UC pela UNESCO como referência intemporal da língua e da cultura portuguesas, e como marca perene e incontornável da presença portuguesa no mundo, não se refere apenas ao passado, mas à constatação de uma realidade atual, a de termos em Coimbra a maior Academia brasileira no estrangeiro, na sequência da constituição do Grupo Coimbra de Universidades brasileiras, formado em 2009 pelas mais importantes universidades daquele país, visando o intercâmbio com a Europa e colocando a UC, no século XXI, no vértice de uma política de aproximação entre as universidades europeias e as universidades brasileiras.

E é assim que a classificação da UC pela UNESCO como uma das fontes históricas do conhecimento europeu e vértice das redes de intercâmbio entre mestres e

estudantes das universidades medievais, encontra igualmente uma referência atual no grupo das mais prestigiadas universidades europeias, que nos honrou ao escolher o nosso nome — *Coimbra Group* — e esteve na base do lançamento do maior programa de mobilidade universitária mundial, o Programa ERASMUS.

E é assim que o reconhecimento da UC pela UNESCO, pela sua atividade em prol da formação e moldando o carácter de um povo que faz da disponibilidade para a compreensão dos outros e para o diálogo inter-civilizacional uma das suas competências mais apreciadas no mundo, não se reporta apenas às nossas responsabilidades, como nação e como universidade, perante o imenso património construído — fortalezas, igrejas, palácios, habitações, estruturas urbanas — que ficou da presença portuguesa em África, na América e na Ásia, mas também à constituição da Rede de Património Mundial de Origem ou Influência Portuguesa, a WHPO, que a UC montou em conjugação com o então IGESPAR, com a Comissão Nacional da UNESCO e com o Comité Português do ICOMOS, cujas primeiras iniciativas reuniram em Coimbra, em 2006 e em 2010, representantes de mais de 20 países e que nos colocam, no século XXI, em posição privilegiada de interface entre a UNESCO e esta extensa rede mundial de bens.

E é assim, finalmente, que ao valorizar a componente imaterial do bem classificado (a formação das elites brasileiras, a vida e a tradição académica, as Repúblicas, a canção de Coimbra...) a UNESCO está igualmente a dizer-nos que Coimbra sempre teve (terá) mais encanto na hora em que se conseguiu (conseguir) despedir dos seus Velhos do Restelo e se reencontrou (reencontrar) com a região, com o País e com o mundo. Trata-se, agora, de merecer a distinção e de aproveitar em benefício da Universidade e da cidade: nos planos da infraestruturação, mas também nos planos da formação, da investigação científica, da transferência e inovação, da cultura, do turismo, dos serviços públicos de transportes, do ordenamento do território e do planeamento urbano, da captação de indústrias criativas, do incentivo à componente tecnológica da nossa economia local, ao comércio, à hotelaria e à restauração. Porque se é verdade que a candidatura partiu da Universidade e que o bem inscrito é a Universidade, não é menos verdade que toda a cidade pode e está a beneficiar com ela.

* Professor catedrático do Departamento de Engenharia Civil da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

UMA NOVA BIBLIOTECA PARA COIMBRA



A Biblioteca Joanina foi concluída em 1728, após 11 anos de obras. O anexo ao antigo Paço Real, ao serviço da Universidade de Coimbra, foi erguido sobre uma prisão medieval, então em ruínas. O piso inferior foi adaptado para Prisão Académica. Pensando que a construção de uma biblioteca sobre uma cadeia poderia ser reeditada, propus em 2005, como Director da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (BGUC), a transformação da velhíssima Penitenciária de Coimbra (abriu em 1901, após 25 anos de obras, tendo hoje condições indignas), numa nova biblioteca da Universidade, da cidade e do país, a que chamei «Casa do Conhecimento». A proposta foi acarinhada pelo Reitor Fernando Seabra Santos (que logo pensou em juntar a Biblioteca e Arquivo universitários na nova «Casa»), e pelo Presidente da Câmara Carlos Encarnação, que não só afirmou aos jornais que a ideia era «excelente», como fez um acordo com o Ministério da Justiça para a cedência de terrenos no Botão, de forma a construir uma nova penitenciária, dispondo-se a ajudar no financiamento. Os serviços da Câmara fizeram um desenho do lote da antiga penitenciária, que incluía um sector destinado a urbanização, preservando, obviamente no centro, a memória histórica do lugar. A ideia não teve, até hoje, seguimento. Os Reitores e edis mudaram e os seguintes deixaram de ter a mesma sensibilidade para as questões da cultura em geral e das bibliotecas em particular. No entanto, havia — e há! — razões de monta para dar a Coimbra um novo equipamento cultural. A BGUC estava — e está — a rebenatar pelas costuras, graças a doações e às contínuas incorporações de depósito legal. O edifício da BGUC foi inaugurado em 1956, após um processo de planeamento e construção que durou 20 anos. O número de

CARLOS FIOLHAIS *

monografias e periódicos em Portugal sofreu, desde então, um aumento brutal, embora ligeiramente mitigado nos últimos anos no suporte de papel. O número de utentes também cresceu extraordinariamente, assim como as respectivas necessidades. Muitos serviços das bibliotecas modernas não têm qualquer viabilidade no edifício actual. A transferência da BGUC para um sítio mesmo ao lado do Pólo I (na prática, o alargamento deste Pólo) resolveria o problema, podendo o antigo espaço servir para Biblioteca da Faculdade de Letras. Por outro lado, a Biblioteca Municipal de Coimbra, com um espólio muito rico, está desde há décadas na hoje muito degradada Casa da Cultura. Não teria de «andar» muito para brilhar com uma nova funcionalidade. Em muitas cidades estrangeiras, há bons exemplos de bibliotecas da Universidade e da cidade. A BGUC e a Biblioteca Municipal, bem articuladas, poderiam formar uma segunda Biblioteca Nacional, tal como em Itália (Florença) e em França (Lyon).

Um concurso arquitectónico internacional permitiria criar em Coimbra um novo equipamento que fosse uma grande âncora cultural e urbana para o século XXI (muito além de 2027), com uso das mais recentes tecnologias. Faria «univers(c)idade» e criaria uma faixa verde de Santa Cruz até ao rio. O Porto tem Serralves e a Casa da Música. Não quererá Coimbra ter alguma ambição?

* Professor catedrático do Departamento de Física
da Faculdade de Ciências e Tecnologia
da Universidade de Coimbra

Este texto foi escrito ao abrigo do antigo
Acordo Ortográfico, por vontade do autor.

OUSAR A PARIDADE

CRISTINA ROBALO CORDEIRO *

O projeto de criação de uma rede francófona de mulheres que ocupam lugares de direção no ensino superior, lançado em 2013, em São Paulo, na 16.ª Assembleia-Geral de Reitores da Agência Universitária da Francofonia (AUF), foi recebido com entusiasmo. A plateia, maioritariamente masculina, vinha confirmar a necessidade de repensar o lugar das mulheres na universidade e a forma como assumem altas responsabilidades na gestão académica, na investigação científica e no governo das instituições a que pertencem.

Estava colocada a primeira pedra de um edifício que não tardou a erguer-se com vigor, à semelhança de outras associações similares, como EWORA¹ e AFDESRI². Uma primeira reunião em Cancún, um ano mais tarde, deu corpo a este ato fundacional e, desde então, numerosas foram as etapas que ajudaram a consolidar o Réseau francophone des femmes responsables dans l'enseignement supérieur et la recherche (RESUFF). Em 2019, era chegado o momento de eleger uma direção que permitisse ao RESUFF assumir uma eficaz dinâmica de ação e intervenção: sob a presidência de Leila Saadé (Líbano), o Bureau é agora constituído por Christine Rivalan Guégo (França), Mahadié Outhman Issa (Gabão), Marie-Monique Rasoazanana (Madagáscar), Marie-Linda Lord (Canadá), e eu própria, eleita secretária-geral.

Internacionalmente, o comprometimento a favor dos direitos das mulheres progrediu de forma indiscutível ao longo das últimas décadas, aparecendo hoje a igualdade M-H como uma evidência de civilização. A adoção pela Organização das Nações Unidas, em

2015, de um novo programa no horizonte 2030 legitima o princípio da igualdade e da autonomização das mulheres como uma condição *sine qua non* para atingir o conjunto dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS 5). Este compromisso é também o da francofonia, que tem proclamado, em cada uma das cimeiras de chefes de Estado, a sua profunda adesão à *causa da igualdade* entre as mulheres e os homens (*L'égalité entre les femmes et les hommes* — EFH) e o do espaço universitário francófono que a AUF defende e constrói com a sua rede de 900 universidades, entre as quais a Universidade de Coimbra.

Já em curso está a criação de um *Observatoire francophone du genre à l'Université* que, pela apresentação, análise e partilha de dados, permitirá defender e desenvolver as políticas de igualdade e paridade no mundo universitário.

Lutando pelo acesso e participação das mulheres no ensino superior e na investigação científica, e contra qualquer forma de discriminação no seio das instituições, o RESUFF procurará agir sobre os bloqueios internos (persistentes desde a estrutura familiar e educação básica) e os obstáculos externos (a lei, a sociedade, os preconceitos e o peso da tradição), inscrevendo a sua intervenção na ideia de audácia, e declinando o verbo OUSAR: com um O de Oportunidade, um U de Unidade, um S de solidariedade, um A de Arrojo e um R de Responsabilidade!

* Secretária-geral do RESUFF

¹ European Women Rectors Association

² Association pour les Femmes Dirigeantes de l'Enseignement Supérieur, de la Recherche et de l'Innovation



A «crise da Universidade»

LUÍS REIS TORGAL ^{1*}

CRISES E MOVIMENTOS ACADÉMICOS DE CONTESTAÇÃO

Falar da «crise da Universidade» é uma espécie de pleonismo, porque a Universidade está sempre em crise e talvez deva estar, pois importa que esteja sempre em movimento, afastando-se de paradigmas e em direcção a outros, ainda que esses outros possam também ser discutíveis e devam ser discutidos. Por isso, no passado ano de 2019, em que se celebrou a famosa «Crise de 69», poderia ter-se debatido o conceito e falar, com um sentido talvez mais preciso, do «movimento estudantil de 69», que pôs em causa (mais uma vez) o Estado Novo, então na sua forma marcelista, e desenvolveu conceitos ideais e até utópicos de Política, Universidade e Educação. Tal também sucedeu com outros movimentos (para não falar de alguns mais antigos) nos anos 20-30, em que os estudantes, alguns professores, jornalistas e vários intelectuais discutiram a Universidade tal como ela existia. De modo diferente e semelhante, virão a surgir movimentos contra o aumento das propinas em 1941, de defesa da democratização da Universidade e do país em 1944-45 e anos seguintes, contra o decreto 40.900 (de tentativa de controlo pelo Estado das associações académicas) em 1956-57, ou o movimento já mais politizado e de defesa dos valores democráticos em 1962, que antecede o mais organizado movimento de 69. Depois do 25 de Abril, encontraremos vários outros.

A CRISE DE HOJE

A Universidade está sempre em crise, embora nem sempre haja movimentos contestatários de estudantes e professores. Hoje, a crise é, há já alguns anos, pautada por lógicas neoliberais, muitas vezes disfarçadas de formas progressistas. É marcada pelo paradigma empresarial e de globalização (resta saber de quê) e da afirmação obsessiva de internacionalização, em prejuízo das ideias de universalismo e ecumenismo que fazem a essência da Universidade. A língua inglesa (pobre Herculano que, na sua amargura de exilado, tanto a desconsiderava!) passou não a ser uma língua de entendimento científico, como outrora foi o latim ou mesmo o francês, e tornou-se quase a única válida ou preferencial nos sistemas de avaliação, substituindo muitas vezes a matéria pela forma. Nesses sistemas, o que importa são os projectos escritos em inglês, os textos escritos nessa língua, a indexação das obras, a quantificação das citações de estudos que podem não ter um particular interesse científico... Nesta medida, o que se impõe é a concorrência, leal e desleal, e os *rankings* das universidades, que procuram, por isso, impor o seu emblema numa espécie de tentativa de vender o produto através de técnicas de *marketing*. A ciência silenciosa deixou de interessar tanto, assim como a ideia de ensino criterioso ou de humanismo e de cultura estudantil, que deveriam fazer a essência da Universidade democrática por que lutaram as várias gerações, como a de 1969.

É uma crise sem movimento estudantil — não me refiro a movimento revolucionário de rua —, quase sem afirmação de espírito crítico, sem o qual a Universidade não existe. A irreverente academia — ou uma parte dela — vive de praxes sem sentido nos dias de hoje, e até de ontem, organiza as «latadas» e a Queima das Fitas como se o mais importante fossem os



festivais de música medíocre. E os professores acomodam-se, em muitos casos, à triste realidade, apenas com o desespero de serem «regulamentados».

UMA UNIVERSIDADE CULTURAL E DEMOCRÁTICA...

Pouco mais poderei avançar numa discussão sem fim. Mas quero finalizar com um grito de revolta contra uma Universidade sem sentido crítico, que é o que a Universidade deveria ser, pois ele é o fundamento da Ciência e da Cultura. Com corpos directivos restritos, extintos ou esvaziados, que foram a sua Assembleia Geral e o Senado, procura ser uma empresa em busca da «eficácia» ou do lucro, expressando-se pelo sensacionalismo da moda ou por uma «cultura de espectáculo». A crítica de professores, estudantes e funcionários — que constituem o seu corpo — ficará, quando muito e muitas vezes, confinada a redes sociais ou até a mensagens sem resposta.

Estou a exagerar ou a caricaturar? Talvez, até porque não esqueço o desenvolvimento científico e tecnológico que as instituições de ensino superior (não apenas as universidades) têm realizado e a importância que ainda têm as suas associações académicas e muitos dos seus órgãos. Mas o que se faz para discutir a essência da sua concepção e da sua prática, que por vezes mais parece um produto que nos têm vendido de fora e que agora procuramos, desesperadamente, vender?

UM TEXTO PARA TODAS AS CRISES

Há textos que, na verdade, ultrapassam o tempo e servem de diagnóstico e sugestão terapêutica para todas as crises. Um deles, no quadro das crises académicas, é o de Ortega y Gasset *Misión de la Universidad*, de 1930, que, não por acaso, foi traduzido e reeditado em Coimbra em 2003, quando a nossa cidade foi considerada «Capital Nacional da Cultura». Outro trata-se de um notável artigo de jornal de 1933, no âmbito de uma polémica que surgiu na Universidade no início do Estado Novo, a que por várias vezes nos temos referido. Foi seu autor Joaquim de Carvalho, da Faculdade de Letras, e então ainda administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra, que em breve seria extinta por Salazar, para só voltar no final do século. O seu título é já sugestivo, «Reflexão outonal sobre a Universidade de todo o ano», e foi publicado no *Diário Liberal*, de Lisboa, em 8 de Novembro. Nesse artigo pode ler-se:

«Percorra-se com espírito equânime o plano de estudos de algumas, senão de todas as Faculdades, e a peçonhenta verdade da carência de tempo livre, para mestres e estudantes, surgirá com profunda evidência. Atirado de uma cadeira para outra cadeira, de um curso

para outro curso, das aulas teóricas para as aulas práticas, o professor é inexoravelmente compelido à burocratização do magistério, ao ensino fácil e à repetição — coisas terríveis para mestres e alunos.

Para mestres, porque lhes cerram o intelecto à imaginação criadora e os convertem em provincianos do Espírito, e para os estudantes, porque lhes geram a sensação de que a aprendizagem não exige o esforço diário e a ciência é como os frutos maduros, que estão acolá à espera de quem os colha.

[...]

Escolar, estudante e estudioso são três palavras diversas, cuja diversidade não impede que toda a gente lhes reconheça o parentesco de membros de uma única família. Ser escolar é adquirir o direito de frequentar as aulas; ser estudante é, pelo menos, cumprir suficientemente os deveres da escolaridade, mas o ideal é que os escolares e os estudantes sejam estudiosos, e ser estudioso na juventude não tem a significação farisaica do jovem limitar as suas vigílias, as suas curiosidades e a sua formação interior — a qual, claro, não é o mesmo que formatura —, aos estudos oficiais da Universidade.

Todo o jovem que transita durante cinco anos por uma Faculdade e viveu à margem dos problemas eternos, dos anelos do seu tempo e não ouviu a tenuíssima voz das gerações, que nos estão dizendo ser ciência difícil e um esforço infatigável e sem descanso, frustrou a sua vida para sempre. Pode ser um técnico útil, mas é uma alma perdida, e a arrepiante verdade é que a organização vigente é uma máquina infernal de perda de almas. Costuma dizer-se que a juventude é a idade heróica, mas é, pelo menos, a única idade da vida que tem o direito absoluto ao desperdício do tempo em holocausto às nobres paixões. A ciência oficial não é toda a ciência e menos ainda toda a cultura, e o grande pecado da organização em vigor é roubar o tempo e supor que propicia ao estudante o viático intelectual para toda a vida pós-escolar.»

Quem — professores e estudantes de hoje, embora os contextos sejam diferentes — não se sente atraído por este texto singular?

* Professor catedrático aposentado do Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e co-autor (com Ângelo Brigato Ésther) do livro *Que Universidade? Interrogações sobre os caminhos da Universidade em Portugal e no Brasil* (Juiz de Fora: Studio Editora UFJF, 2013; Coimbra: Imprensa da Universidade, 2014).



JOÃO RAMALHO-SANTOS *

Os próximos 730 anos da Universidade da Coimbra serão, esperamos, tão interessantes como os primeiros. Para tal, temos de tomar consciência dos desafios que nos aguardam nos mais diversos contextos, com a convicção de que podemos transformar a sua dificuldade em oportunidade, a vontade de desistir na inevitabilidade de agir. Não são, porque nunca foram, desafios isolados ou estáticos, e organizam-se em três patamares distintos.

Nas áreas das Ciências da Vida e da Saúde (para citar apenas a que conheço melhor), algumas metas para um futuro próximo relacionam-se com a possibilidade de compreendermos ainda melhor o funcionamento do nosso organismo, encontrando melhores métodos de diagnóstico e intervenção, quer para condições patológicas, quer para as (inevitáveis?) consequências do envelhecimento. E talvez a previsão mais fácil de fazer é que seremos surpreendidos. Mas são só as ciências a terem um papel neste contexto? A resposta é óbvia: apostas estratégicas não fazem sentido se não forem transversais a todas as áreas; não porque «fica bem», mas porque é necessário. Se a ciência pode ajudar a descodificar mecanismos e encontrar aplicações, tudo isto afeta pessoas, cuja organização, expressões e modos de pensar temos de entender; e cujos direitos e sustentabilidade têm de estar garantidos. Mas esse óbvio tem de ser interiorizado, como o tem de ser para outras áreas, da biodiversidade à sustentabilidade energética, das migrações à inteligência artificial.

Por outro lado, não há apenas um vértice que aponta ao futuro; há vários, interligados, mas distintos. Sendo a inovação e a produção de valor imperativos claros e urgentes, é bom perceber que metas relacionadas com a investigação não se atingem apenas com a valorização

de propriedade intelectual, parcerias com empresas e prestações de serviços. São coisas complementares, mas muito distintas na sua essência. Desse ponto de vista, descurar a investigação básica é um erro clássico cometido por várias instituições que procuraram queimar etapas, e que não devemos emular. Até porque apostar num conhecimento previsível é uma contradição, e muita da chamada investigação «aplicada» não tinha aplicação nenhuma quando surgiu.

Por último, os desafios não estão relacionados apenas com a prática, mas com a disponibilização do conhecimento à sociedade, e com a preparação de ferramentas para esta poder lidar com ele, à sua maneira. O que implica dois vetores complementares, que se querem interligados. Sendo as iniciativas de Ciência Aberta fundamentais para o acesso a informação, se a mesma não for descodificada, será útil apenas para um público especializado restrito. Ciência Aberta e Comunicação de Ciência (que é, em si mesma, uma Ciência) são iniciativas que têm de ser vistas em conjunto, sendo ainda relevante perceber que não se comunica o mesmo, e do mesmo modo, para diferentes segmentos da população — sejam eles especialistas de diferentes áreas, potenciais futuros alunos, associações de doentes, empresas, ou o público em geral. Além disso, diferentes veículos para a difusão do conhecimento implicam, igualmente, estratégias diferenciadas.

É difícil gerir tudo isto? Não é, certamente, impossível. Temos, sobretudo, de o fazer sem a pequenez grandiloquente que muitas vezes nos oprime. Ou outros fá-lo-ão por nós.

* Professor catedrático do Departamento de Ciências da Vida e Centro de Neurociências e Biologia Celular



2010-2020: dez anos de Materialidades da Literatura

MANUEL PORTELA *

Em junho de 2020, o Programa de Doutoramento em Materialidades da Literatura (DML) da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC) completará dez anos de atividade contínua. A conferência inaugural foi proferida por Lev Manovich em 18 de junho de 2010, e a primeira aula foi lecionada em 1 de outubro de 2010. Imaginado inicialmente como um grande projeto de investigação especulativa a partir da pergunta «O que são as Materialidades da Literatura?», não era certo que o Programa se conseguisse afirmar, dado o contexto de crise financeira nacional em que nasceu e dado o modo como a recessão se repercutiu nas Humanidades um pouco por todo o mundo.

Concebido no verão de 2009 como um novo campo de investigação e ensino por um grupo de docentes da FLUC, o Programa foi acreditado pela A3ES em 9 de junho de 2010 e teve a sua primeira edição no ano letivo 2010-2011. Em abril de 2013, foi selecionado por um painel internacional de peritos para financiamento como Programa de Doutoramento FCT no concurso realizado nesse ano. Este financiamento permitiu consolidar progressivamente a nova área de investigação, atraindo um conjunto significativo de jovens investigadores em estudos literários. Além das 25 bolsas de doutoramento FCT atribuídas entre 2014 e 2018 no âmbito do concurso, foram ainda conseguidas três bolsas individuais FCT e três bolsas individuais CAPES, num montante de financiamento que ultrapassa 1,6 milhões de euros.

Aos 31 estudantes integralmente financiados, juntam-se outros 16 estudantes-trabalhadores que suportam o custo da sua formação. Com 47 projetos de doutoramento registados (dos quais 11 já concluídos), o DML tem contribuído para renovar a investigação literária em Portugal e sintonizá-la com novos problemas, objetos e métodos.

Refirmem-se, por exemplo, a introdução de temas de investigação como a poesia sonora ou a gravação de leituras de poesia. Em certos domínios — por exemplo, na análise da literatura digital —, é já considerado um programa de referência internacional, como testemunham a participação na organização do congresso, festival e exposições de 2017 da Electronic Literature Organization (realizado no Porto) e a publicação de cinco entradas por doutorandos do DML no *The Bloomsbury Handbook of Electronic Literature* (2017).

Deve sublinhar-se ainda um aspeto essencial do Programa: a experimentação com formas de organização e de funcionamento, nos planos curricular e extracurricular, que contribuam para diversificar as competências de formação e aumentar a qualidade da investigação realizada. Estruturado sob a forma de grupo de investigação e subdividido em projetos, o DML desenvolveu um conjunto de práticas colaborativas, quer internas ao Programa, quer através de redes externas de intercâmbio que envolveram duas dezenas de instituições na Europa (Espanha, França, Itália, Irlanda, Reino Unido, Alemanha, Noruega, Suécia, Grécia), América do Norte (EUA), América do Sul (Brasil, Chile) e África (Gana). Além de estadas internacionais de investigação dos doutorandos, o DML recebeu sete dezenas de especialistas nacionais e internacionais — académicos e artistas — ao longo da última década para lecionarem seminários ou proferirem conferências. Acolhemos também uma dezena de estudantes internacionais de doutoramento para trabalharem sob orientação de docentes do Programa durante um semestre, e diversos investigadores de pós-doutoramento em tópicos afins aos do Programa (análise literária computacional, narrativa transmédia, poesia experimental).

Organizámos e coorganizámos mais de uma dezena de conferências nacionais e internacionais, entre



Imagem: Joana Monteiro & Paul Hardiman

as quais, «Estranhar Pessoa com as Materialidades da Literatura» (2012), «Estudos Literários Digitais» (2015), «1.º Congresso de Humanidades Digitais em Portugal» (2015), «Variações sobre António: Um Colóquio em torno de António Variações» (2017) e «Ensino da Literatura Digital» (2019). No que se refere a encontros científicos, os doutorandos apresentaram cerca de 200 comunicações em contexto nacional e internacional. Publicaram ainda cerca de 60 artigos (incluindo recensões críticas de novas obras) em 40 revistas académicas. Foram também curadores ou participantes numa dezena de exposições relacionadas com temas de investigação do Programa, em diversas cidades (Coimbra, Porto, Lisboa, Vila Franca de Xira, Évora, Óbidos). Os doutorandos tiveram ainda a seu cargo a concetualização e realização de cursos breves, escolas de verão e oficinas nas quais testaram os resultados da sua investigação através da didatização de novos temas. Destaque-se, por fim, o trabalho editorial numa nova revista científica eletrónica *MATLIT: Materialidades da Literatura* (e-ISSN 2182-8830; 11 números publicados desde 2013, num total de 205 artigos), que tem contribuído para o diálogo internacional com inúmeros investigadores noutros contextos institucionais, disciplinares e geográficos.

Nascido no contexto pós-departmentalização da Faculdade, que determinou a agregação das diversas áreas disciplinares de Línguas, literaturas e culturas (Estudos Clássicos, Línguas Modernas e Português), o novo Programa propunha-se olhar para as práticas literárias a partir da intersecção de três perspetivas: uma perspetiva medial e transmedial, que considera as tecnologias mediais como dispositivos de inscrição literária (imprensa, gravação sonora, computador digital, cinema, etc.); uma perspetiva translinguística e transcultural, cujo foco de abordagem vai além dos tradicionais sintagmas nacionais (literatura inglesa, portuguesa, alemã, etc., mesmo nas versões comparatistas); e uma perspetiva interdisciplinar, que reconfigura a análise e a teoria literárias a partir da intersecção com diversas outras práticas disciplinares como o *design* de comunicação, as humanidades digitais, os estudos fílmicos, os estudos do livro ou a arqueologia dos média.

Uma medida do cumprimento das intenções iniciais do DML e do sucesso desta década de intensa atividade estaria nos percursos pós-doutoramento: investigadora visitante na Universidade de Stanford; três bolsiros de pós-doutoramento (Unicamp, Brasil; Universidade de Bremen, Alemanha, Marie Curie Fellowship; Universidade Fernando Pessoa, Portugal); docente convidado na Universidade de Aveiro; bolseira da Cátedra Cascais Interartes (Fundação D. Luís I);

leitora do Instituto Camões (Universidade de Guadalajara, México); docente do ensino básico e secundário. Outra medida seria a publicação de livros por investigadores do Programa: *Literatura Explicativa: Ensaio sobre Ruy Belo* (Assírio & Alvim, 2015), organizado por Manaíra Aires Athayde; *Digital Media and Textuality: From Creation to Archiving* (transcript verlag, 2017), organizado por Daniela Côrtes Maduro; Almada Negreiros, *Orpheu 1915-1965* (Vittoria Iguazu, 2017), traduzido para italiano por Giorgia Casara; ou Herberto Helder, *Em Minúsculas* (Porto Editora, 2018), coorganizado por Raquel Gonçalves. Ou ainda: a atribuição do Prémio Mário Quartin Graça 2018 da Casa da América Latina, na categoria de melhor tese em Ciências Sociais e Humanas, a uma tese em Materialidades da Literatura.

Retrospectivamente, o DML pode descrever-se como a conjugação de três processos simultâneos e interligados: por um lado, consiste num grande projeto colaborativo (e prolongado no tempo) que tenta responder à mega-pergunta inicial através das perguntas de investigação circunscritas de cada tese de doutoramento (veja-se a série de vídeos «MATLIT em 90 segundos» <https://matlit.wordpress.com/alumni/matlit-em-90-segundos/>); por outro lado, é uma tentativa de construir uma perspetiva de conhecimento humanístico num contexto pós-digital, olhando criticamente para a realocação da experiência literária numa ecologia medial em transformação e, ao mesmo tempo, mostrando a relevância social dessa perspetiva; por outro lado ainda, diz respeito ao desenvolvimento de uma pedagogia projetual em investigação literária avançada, na qual as componentes de investigação científica, criação artística e transferência de conhecimento vão sendo tentativamente exploradas em múltiplas constelações. O MATLIT LAB: Laboratório de Humanidades, criado em 2019, é, de certo modo, uma tentativa de explicitar reflexivamente aquela tripla conjugação: um campo de investigação + uma epistemologia humanista numa ecologia medial em transformação + uma reimaginação dos usos das Humanidades. Isto significa que uma década de desenvolvimento do DML consistiu afinal na formulação, através da prática, de uma outra pergunta que não estava totalmente evidente na ousadia da pergunta inicial: *o que é que um programa de doutoramento em Humanidades pode ser?*

* Professor catedrático do Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

A Ousadia de valorizar pelo desporto



MÁRIO SANTOS *

No ano em que a Universidade de Coimbra (UC) celebra os seus 730 anos de existência, a sua Semana Cultural tem como tema *Ousadia(s)*. Afinal, a capacidade de ousar, de arriscar, é essencial para uma instituição que pretende perdurar numa sociedade competitiva, onde a inovação e a velocidade vertiginosa da informação obrigam, muitas vezes, a soluções apelidadas de disruptivas. A organização dos Jogos Europeus Universitários (JEU) Coimbra 2018 foi um exemplo da capacidade de ousar da UC.

Contando com a participação de estudantes-atletas de várias universidades europeias, os Jogos Europeus Universitários são uma competição multidesportiva e realizam-se de dois em dois anos. Em 2018, tiveram lugar na cidade de Coimbra.

Com a duração de 14 dias, decorreram em 13 modalidades, com a participação de 3293 estudantes atletas de ambos os géneros, representando 291 universidades de 38 países.

Foi um sucesso desportivo e um momento único para a UC, para a Associação Académica de Coimbra (AAC), para a cidade e para o desporto universitário nacional. Ao sucesso organizativo juntou-se o sucesso desportivo, que resultou na classificação da UC em primeiro lugar do medalheiro da Associação Europeia do Desporto Universitário (EUSA), na atribuição da medalha de mérito desportivo por parte do governo português e na distinção, também por parte da EUSA, como a universidade com mais sucesso desportivo em 2018.

Mas não nos podemos esquecer que esta organização só foi possível devido à ousadia de quem sonhou com uma edição dos Jogos em Coimbra, e de quem conseguiu que eles se realizassem, de facto, no terreno. Partindo do desafio da AAC, a UC, a Câmara Municipal de Coimbra (CMC) e a Federação Académica do Desporto Universitário (FADU) ousaram organizar em Coimbra a maior competição multidesportiva alguma vez feita em Portugal, com reconhecido sucesso. Em plena *troika*, e com constrangimentos enormes no que se refere a recursos financeiros e à sua alocação, as entidades acordaram ter uma estrutura híbrida, com um modelo

organizacional que envolveu os estudantes em todas as fases do evento, bem como em todas as decisões. Além disso, a Comissão Organizadora foi constituída em 74% por elementos entre os 20 e 30 anos. Grande parte dos serviços administrativos e valências de conhecimento da UC foram utilizados como recursos estratégicos: desde o alojamento e alimentação, à gestão financeira. Uma estratégia para capacitar os nossos estudantes, os nossos recursos humanos e as nossas instalações e, sobretudo, para que a UC pudesse usufruir de um verdadeiro legado dos JEU.

Na verdade, na sua intervenção e investimento, a UC teve sempre presente a questão do legado, garantindo que os Jogos seriam mais do que um grande acontecimento. Foi tido em mente que todo o investimento iria mudar os níveis de prática desportiva da comunidade académica e reconhecer o desporto como parte do processo educativo e ferramenta essencial para o desenvolvimento humano.

Ao criar uma experiência única para todos os atletas, oficiais e voluntários, consolidou-se também o legado imaterial dos JEU enquanto ferramenta para promover a educação através do desporto, acrescentando valor ao seu *curriculum vitae* e às suas capacidades.

O legado infraestrutural deixado no Estádio Universitário de Coimbra permitiu o aumento da quantidade e qualidade da atividade desportiva, e deu à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da UC os meios necessários para realizar investigação na área do desporto e desenvolver melhor o conhecimento.

É inegável que o desporto e a atividade física, as infraestruturas e o modelo organizacional na UC são completamente diferentes depois dos JEU. Ousar apostar no desporto é arriscar-se a promover os seus valores. Tudo ao serviço do desenvolvimento humano, cumprindo o sonho olímpico de Pierre de Coubertin.

* Coordenador do Gabinete do Desporto da Universidade de Coimbra/
Secretário-geral dos Jogos Europeus Universitários Coimbra 2018



COIMBRA COMO, DESTINO ACADÉMICO INTERNACIONAL DE TOPO

JOAQUIM RAMOS DE CARVALHO *

Abordo o tema «Ousadia» como oportunidade de partilhar ideias que normalmente não partilharia. Vou tentar expressar que Portugal tem potencial para ser um destino de topo académico para talento internacional. Portugal pode ser um dos destinos de eleição, no panorama global, para estudantes, investigadores e professores que procuram uma experiência de vida de qualidade. Nesse cenário de ousadia, Coimbra pode reforçar um estatuto de liderança que já tem. Partilho estas ideias protegido pelo tema da *Rua Larga*, que concede um espaço de divagação utópica.

O primeiro elemento que nos permite pensar ousadamente sobre a nossa capacidade de atrair talento internacional vem do *QS World University Ranking* de 2020. A Universidade de Coimbra (UC) ficou na posição 252 em contexto mundial, no parâmetro «International Students». É melhor do que a Sorbonne (257), Brighton (258) e Brown (261), para referir alguns nomes sonantes. Um pouco menos do que Yale (249). Estamos muito acima das outras instituições portuguesas.

Sempre me fascinaram os vídeos que alguns estudantes de Coimbra publicam no YouTube. Alguns são muito melhor publicidade da instituição do que os vídeos promocionais institucionais e, felizmente, têm muitas mais visualizações. Neles se colhe o impacto de uma experiência feita de uma mistura mágica de cosmopolitismo, oportunidades inesperadas e novas relações com pessoas de todo o mundo.

Esses vídeos têm muito em comum com os publicados por famílias, jovens casais, profissionais de vários tipos que escolheram viver em Portugal, não para escapar a insuperáveis constrangimentos económicos, sociais e políticos nos seus países de origem, mas simplesmente porque vivem melhor. Esse «viver melhor» não se baseia apenas no custo de vida ou em tolerâncias fiscais, mas numa apreciação mais englobante de «qualidade de vida» que inclui a segurança, a qualidade das infraestruturas e dos serviços públicos básicos, o clima, a comida, um ambiente de comparativa paz social e política, o multilinguismo e a abertura, em geral, a outras culturas.

É incontestável que Portugal se tornou um destino de topo mundial não só para turistas, mas para quem quer, num sentido muito abrangente, «viver bem», ter «qualidade de vida».

Todos os fatores que contribuem para a «qualidade de vida» que muitos estrangeiros aqui encontram são relevantes para uma vida académica gratificante. Mas, obviamente, é preciso algo mais do que sol, boa comida e serviços de saúde para termos «qualidade de vida académica».

Uma das tendências da evolução da produção científica e da vida académica em geral, fruto da digitalização e do abaixamento do custo das viagens, é que a relevância do «local» se modificou muito. O movimento de Ciência Aberta, as assinaturas em forma



digital negociadas com o Estado e a abundância de informação científica online, diluíram, em muitas áreas, a importância do local específico onde se investiga na informação a que se tem acesso — uma das principais motivações para «migrações» académicas. As grandes infraestruturas científicas são criadas e geridas por consórcios.

A circulação de pessoas para fins científicos e académicos é cada vez mais barata e aumentaram muito as oportunidades de financiamento para internacionalizar a investigação, em especial na Europa. Claro que os repositórios não digitais locais e os instrumentos científicos são fundamentais, variando de área para área, mas cada vez mais a vida científica é internacional, cada vez mais se trabalha em rede, independentemente do local onde se está.

Assim, a relevância de uma instituição e a sua competitividade internacional, no que toca à atração de talento, dependem progressivamente da «qualidade de vida académica» que proporcionam, ou seja, as suas condições de trabalho e o ambiente académico geral, assim como as suas redes, parcerias e oportunidades globais.

A nossa capacidade de atrair professores de fora do país tem sido baixa e a nossa posição comparativa em *rankings* não pode ser motivo de orgulho. Nesse sentido, partindo do patamar já alto em que a atratividade do país nos coloca, do sucesso em atrair estudantes de outros países, de que precisamos para sermos um destino de topo, não só para estudantes, mas também para professores, investigadores e funcionários?

As tabelas salariais são uma dificuldade muito referida. O acesso a serviços públicos de qualidade e o custo de vida relativamente baixo em contexto europeu relativizam uma parte significativa do baixo valor absoluto dos salários, mas não produzimos essa informação de forma eficaz para eventuais interessados. Os vídeos que referi acima estão repletos de bons argumentos reutilizáveis. A questão da língua é também importante, mas relativizada por dois fatores: as oportunidades de contratação no mundo lusófono e um ambiente académico cada vez mais bilingue, sobretudo nos níveis mais avançados.

Fizemos muitos progressos no que diz respeito à internacionalização da administração e estamos bem relativamente a redes e parcerias internacionais.

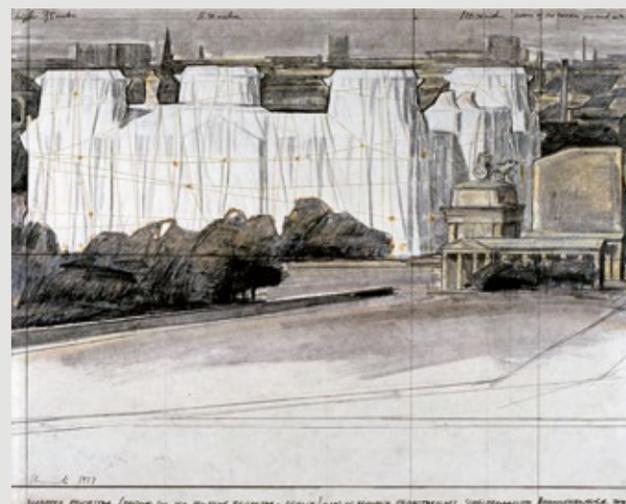
A questão dos espaços de ensino, aprendizagem e investigação coloca desafios muito importantes. Não há qualidade de vida académica, se as pessoas todos os dias vão estudar, investigar ou trabalhar em espaços que não são estimulantes e adequados. Isso passa mais por modernizar o que existe do que construir muitos edifícios novos. É ainda mais importante que os investigadores que conseguem projetos relevantes tenham acesso a espaços adequados para os desenvolver e que esse estímulo/recompensa seja parte de uma estratégia sustentável. Temos alguns bons exemplos de ambas as coisas na UC, mas poucos.

Temos também uma falta enorme de espaço público de qualidade nos três polos da universidade, quase sem oferta para usufruir um intervalo no estudo ou trabalho, num dos muitos dias de sol que a situação privilegiada do nosso país nos proporciona. A qualidade do espaço público é um componente muito importante da perceção da qualidade de vida, e teremos de conseguir superar a pressão da preservação, do estacionamento e do fluxo turístico, e conseguir qualificar os espaços de forma sistémica.

Necessitamos, sobretudo, de um investimento importante na forma como se promovem fora de fronteiras as oportunidades de ingressar na universidade como professor, investigador ou funcionário. Tal como se fez relativamente à atração de estudantes, é necessário definir os grupos-alvo, construir as mensagens adequadas e publicar de forma eficiente, sistemática e com meios adequados. Mudar internamente o que se oferece dentro das margens do que é viável e tratar o recrutamento internacional de pessoas como uma prioridade estratégica, com meios humanos dedicados. Reduzir a incerteza e o risco para quem se interessa por nós, não esquecendo que se trata de induzir uma decisão pessoal fundamental. Não temos de inventar nada, basta olhar para o que fazem as grandes organizações de vocação global. Assim, a ousadia seria irmos mais longe do que já fomos, tornando Coimbra uma verdadeira universidade global, aproveitando o sucesso de Portugal como destino e o caminho já feito na atração de estudantes de todo o mundo.

* Professor auxiliar do Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

DIZER OS 700+30 ANOS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, PATRIMONIO DO MUNDO ENTRE 7 DE 70 OUSADIAS



Reichstag (1995), Christo Vladimirov Javacheff.
Foto: Wolfgang Volz. Cortesia: Christo V. J.



ANTÓNIO BARROS

O desafio que aqui se infere, nesta *ágora* desenhada no tempo, neste *tempo*, poderá ser o da partilha das experiências vivenciadas numa geografia particular — uma Universidade *ÚniCa*, com a cidade de Coimbra ao fundo. Neste *suporte* poderemos colher sete páginas de um calendário maior resgatado às décadas mais próximas no tempo do *lugar*:

1. Dificilmente se escreve a história da arte contemporânea sem enunciar com firmeza bastante o nome de Christo Vladimirov Javacheff, artista búlgaro que solenemente, e de modo sempre cúmplice com Jeanne-Claude de Guillebon, vestiu/revestiu simbólicos monumentos, património do mundo, após ter recolhido especial interesse da crítica pelos *objetos embrulhados* que expôs em Paris no início dos anos 60, revestindo *objetos* facilmente identificáveis com uma nova pele. Entre as intervenções mais famosas

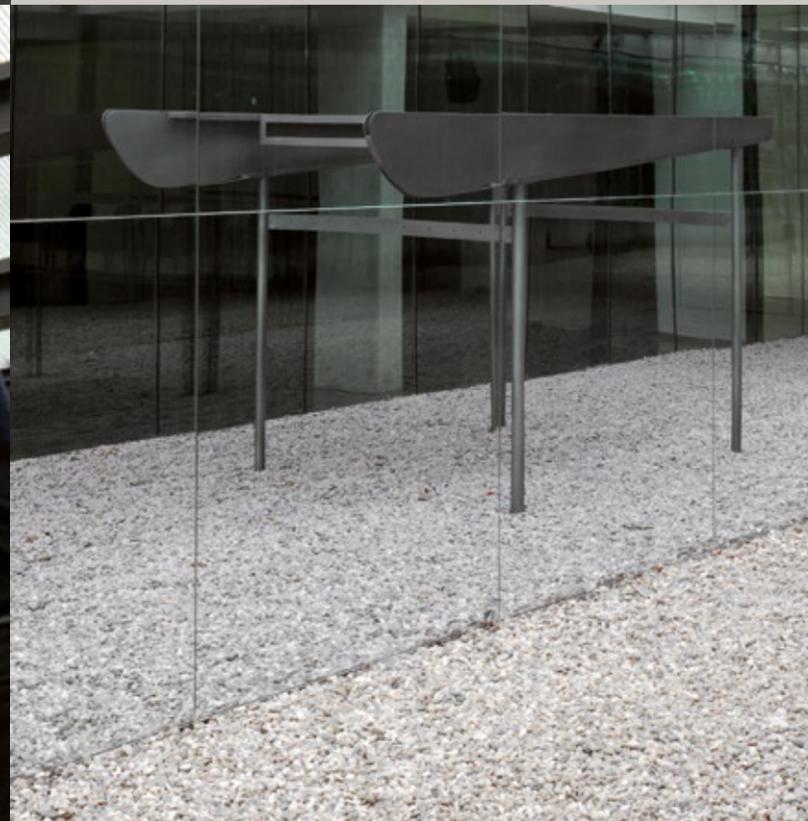
e mediáticas da sua carreira contam-se as realizadas no *Pont Neuf*, Paris, em 1985, e no *Reichstag* de Berlim, em 1995. Se um singular gesto de arte tivesse acontecido também no edificado do Paço das Escolas, a fazer comemorar então os 700 anos da Universidade de Coimbra (UC), teria sido *uma marca dos tempos*. E foi esse o desafio formulado a Christo e Jeanne-Claude, que logo pensaram um projeto de realização. A produção necessitaria, porém, de demasiado tempo, devido aos inúmeros compromissos dos artistas em outros lugares do mundo na mesma agenda. Este desígnio de *mundialização*, se nesta data não ganhou física realização, foi contudo um *progesto*, e poderá ter trabalhado consciências contribuindo para uma visionária solenização do *bem* que haveria de ser, em 2013, elevado a Património Mundial da Humanidade, UNESCO (37.ª Sessão), leia-se: «Universidade de Coimbra: Alta e Sofia» (sublinhado por *memorial em espaço público* residente na Via Latina).

2. Reativar a centenária revista da Academia, de nome *Via Latina* (VL), e nesse contexto, entre muitas outras *artitudes*, fazer surgir um convite à designer Ana Salazar (AS) para criar um novo *figurino* para o traje estudantil da UC, foi gesto *ousado*. Educativo. AS desenhou, a VL publicou ⁽¹⁾, e vale a pena visitar essa genuína *galeria* de estudos. A VL, nessa série *objeto_revista* (para guardar na estante da música juntando-a aos discos de vinil formato LP 33 rpm), foi uma publicação que surgiu a revelar obra diversa — da arquitetura à poesia, das artes plásticas à fotografia e à história, com contributos de centenas de relevantes autores — de Eduardo Lourenço a João Miguel Fernandes Jorge ou Jorge Molder —, valores nacionais, excelsas referências com obra além do seu tempo, sempre sem nunca deixar a revista de exaltar a vertical singularidade patrimonial da Academia de Coimbra — tanto do seu brio, valores, seus ideais e ideias. A VL foi obra revitalizada a partir do centenário da Associação Académica de Coimbra (AAC), em 1987, tudo para mais tarde merecer a AAC a assinatura: *Para além da utopia*.

3. Numa curadoria para o Círculo de Artes Plásticas da Academia de Coimbra (CAPC), no alinhamento da exposição *Alternativa Zero*, 1977, Galeria Nacional de Arte Moderna (GNAM), Lisboa, num desafio de José Ernesto de Sousa, surge a vinda do coletivo The Living Theatre — singular teatro dos *desempenhos do corpo* e de vertical *intervenção sociológica e política*, com direção de Julian Beck e Judith Malina — ao Paço das Escolas, na UC. Aí foi apresentada a irreverente obra teatral: *O Legado de Caim — 7 Meditações Sobre o Sado-Masoquismo Político*. A polícia tentou impedir, sem sucesso, pois o reitor de então bem zelou pela *ousada* realização *histórica*. Beck, para a comunidade do CAPC — e como Ernesto de Sousa fez questão de relatar nos seus livros — gerou ainda um *happening* com a poesia de Allen Ginsberg ao fundo, na então *sala-fórum* onde o CAPC veio depois a receber, para uma *master class*, a compositora Meredith Monk⁽²⁾ e Wolf Vostell, um dos mais significativos artistas do Movimento Artístico Internacional *Fluxus*, que então contemplou com uma parte sensível da sua obra a *coleção de arte* do CAPC, para pública fruição futura.



Fui tirado de dentro mim (2000), **Rui Chafes**, Alquimias, Dos Pensamentos das Artes, Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra.



4. *Fui tirado de dentro de mim*, peça inédita de Rui Chafes, escultura gerada para resultar como *elegia* ao estudo das ciências farmacêuticas (25 anos da Associação Nacional das Farmácias) é obra-património da Faculdade de Farmácia da UC⁽³⁾. No mesmo evento outros três autores foram convidados à ousadia de exporem nas águas do rio Mondego fazendo por o interpretar, em *Mãos dançam no Teatro da Água* (Miguel Palma, António Olaio e Pedro Proença). Também neste desafio a uma *outra* condição de cidade veio a resultar a mais significativa antologia expositiva em Coimbra da obra *maior* de Alberto Carneiro, com peças apresentadas em lugares singulares, desde o altar da igreja de São João de Almedina, rosto do livro: *Alquimias*⁽⁴⁾, ao Museu Nacional de Machado de Castro (MNMCC)⁽⁵⁾, e ao hoje Centro de Artes Visuais (CAV)⁽⁶⁾.



Um campo depois da colheita para deleite estético do nosso corpo (1973-76—2000), Alberto Carneiro, Alquimias, Dos Pensamentos das Artes, Museu Nacional de Machado de Castro.



O suporte promotor foi: *Alquimias, Dos Pensamentos das Artes*_Encontros de Arte Coimbra 2000, *espaço-tempo* revelador, mormente da arte da então geração emergente, onde se apresentaram à cidade de Coimbra 86 artistas, em 15 lugares da cidade, no sétimo mês do século XXI. Muitas das revelações tornaram-se referências, como, entre muitos outros: Susana Chiocca, Ricardo Jacinto, Vasco Araújo, Leonor Antunes, Paulo Mendes, João Pedro Vale, Susana Mendes Silva, Berta Ehrlich, Nuno Ramalho, João Sousa Cardoso ou Rute Rosas. Habitaram alternativos *lugares-palco* da cidade Paulo Ribeiro e a sua Companhia, com a obra *Ao Vivo* (Jardim da Sereia), e Anabela Duarte a cantar a poesia de Francis Ponge, com *Objogo* (no alvo do lago no Jardim da Sereia). *Alquimias* foi um *manifesto* (ver: *Reler Alquimias — Assim que passem quinze anos*⁽⁷⁾), desafio e convite para a cidade fazer gerar na sua geografia — da Academia à Cidade — a realização futura de uns *Encontros de Arte*. E foi o propósito consequente.

5. Reabrir o Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV), após obra de requalificação durante vários anos, pediu ousadia. Aí, dinamizaram-se os seus primeiros *Serviços Educativos* fazendo-os expandir com *oficinas*⁽⁸⁾ para o jardim da AAC; ousou-se gerar um perecível *Teatro Bar* no palco, um *Café Leitura, Arquivo e Centro de Documentação*, e uma *Galeria de Arte* com eventos plurais

— da poesia de al-Mu'Tamid à arte de Pedro Cabrita Reis ou Manuel Graça Dias; conduziu-se uma companhia de teatro residente a gerar *O Grande Cerimonial*, de Fernando Arrabal, encenação de Paulo Castro, com extensão ao Centro Cultural de Belém⁽⁹⁾; formulou-se convite a Manuel Hermínio Monteiro a abrir no TAGV uma livraria de Arte Assírio & Alvim, editor que logo se deslocou ao TAGV a estudar a ideia; esquiçou-se o projeto do *Elevador panorâmico* pretendendo surgir subtil entre as árvores da Praça da República e o Teatro, tudo para resultar em maior inclusão de públicos com condicionamento motor — e assim desenharam-se, a seu tempo, *ousados dias*. A Livraria e o Elevador foram contudo projetos adiados, pois a prioridade Reitoral, então, foi a também ousadia de reativar a Imprensa da Universidade de Coimbra (1998) (convocando-me aí, também, para múltiplos empenhos em diferentes disciplinas).

6. Para a então Fundação Cultural da UC foi arquitetado um projeto educativo, oficial, e de experientiação, pretendendo transformar o território botânico e o edificado envolvente do Palácio de São Marcos num Centro Internacional para a Pedagogia e as Artes — propósito que procurou fazer-se gerar no alinhamento de um trabalho de estudo estrutural então iniciado com o MATADERO, Centro de Creación Contemporânea, Madrid; o MVM_Museo Vostell

Malpartida, e o MUSAC_Museo de Arte Contemporâneo de Castilla y León. Pretendia o projeto rendibilizar, ainda, experiências locais testadas, como a adquirida no programa educativo desenvolvido no âmbito do simpósio *Projectos & Progestos_Tendências Polémicas nas Linguagens Artísticas Contemporâneas (Artitude:01 + Teatro Estúdio CITAC_1980-1984)* —realização internacional a revelar significativos estudos de dezenas de autores, de James Coleman ao Station House Opera⁽¹⁰⁾, e ainda a investigação gerada na *Oficina de Interação Criativa* (CAPC + CITAC) a partir da singular obra pedagógica de Alberto Carneiro.

7. Com uma proposta dirigida ao então Reitor, Fernando Rebelo, que logo acolheu a ideia — a de criar uma *revista cultural e informativa* editada pela Reitoria —, gerou-se o que no Reitorado seguinte surgiu como publicação com a marca nominal: *Rua Larga_Revista da Reitoria da Universidade de Coimbra*. Hoje temos presente uma revista temática, agora anual, com edição em papel e eletrónica, número #54_ *Ousadia(s)*. *Rua Larga* — uma ousadia em si, *vital, vitalícia*, sempre merecedora de centenas de prestigiados colaboradores, e um constante empenho numa aprazível imagem. Mas não apenas. Revelação de projetos alternativos de intervenção socioeducativa é possível também encontrar nesta publicação, num

espírito de *Ágora* constante. Exemplo foi o programa: *A Universidade vai à Baixa* (RL#36). A aplicação deste *modelo expositivo urbano*, fazendo por dignificar o lugar e os *espaços comerciais constrangidos* da baixa cidadina, aí zelando pela sua terapeutização, foi estudo primeiro, parte integrante de um programa de sensibilização para a requalificação de uma galeria, essa a querer ser um *Museu Académico* para a Universidade/Cidade de Coimbra. *Modelo* que também foi pensado para o Programa Cultural dos *EUG2018_European Universities Games* (RL#52/53), legado a inscrever no domínio museológico de um BRIGOS_Museu [*brioso* museu do brio na Academia].

Os sete momentos aqui sumariados são parte integrante do *performativo* objeto-livro: *Insulae — 70 (o)usados* desígnios para Coimbra na sua Universidade — com a *escultura social* de mesmo nome ao fundo⁽¹¹⁾, para leitura pública. Exemplo de que a Cultura nos delega construir um legado a transmitir às gerações seguintes, e é esse convulsivo sinal de elevação um desígnio, marca da *educação* e de *amor* a procurarem ser sinónimos, pois tantas vezes *educar* é como *amar*, e como nos dizia Jacques Lacan, *amar é dar o que não se tem a alguém que não o quer*. Ousei. Sigo ousando, fazendo por acontecer, sempre zelando pelo bom nome e imagem da UC — *Uma Universidade Única*.

(1) Publicada na revista *Via Latina*, foi educativa esta *ousadia* de Ana Salazar em Coimbra, matéria de estudo em *semiótica do objeto cultural* na Universidad Autónoma de Madrid, e na Universidade Nova de Lisboa, FCSH: Departamento de Ciências da Comunicação. Para este mesmo programa - o da criação de um traje alternativo para a *Academia de Coimbra* — foram convidadas também na mesma data as estilistas Manuela Tojal e Manuela Gonçalves.

(2) Bienal Universitária de Coimbra (BUC); difusão: Rádio Universidade de Coimbra (RUC) _ *Círculo Branco num Quadro Negro, uma pintura de Malevitch; Círculo Negro num Quadrado Branco, um programa de rádio* (CAPC). O livro: *John Cage, música Fluxus e outros gestos da música aleatória em Jorge Lima Barreto* testemunha a identidade do programa.

(3) *Universidade de Coimbra: O Tangível e o Intangível*, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

(4) Obra de Alberto Carneiro apresentada na igreja de São João de Almedina em *Alquimias: A memória do corpo sobre a terra*, 1985/86 (Coleção: Ministério da Cultura, IAC).

(5) Obras de Alberto Carneiro apresentadas no MNMC em *Alquimias: Um campo depois da colheita para deleite estético do nosso corpo*, 1973-76; *Flor e Fruto para Brancusi*, 1982-84; *18 citações tiradas da memória do corpo sobre a terra*, 1985-86; *Sobre os rios II*, 1997-98.

(6) Obras de Alberto Carneiro apresentadas no CAV em *Alquimias: O laranja - natureza envolvente*, 1969; *Operação estética em Vilar do Paraíso*, 1973; *Os sete rituais estéticos sobre um feixe de vimes, na paisagem*, 1975; *Trajecto de um corpo*, 1976-78; *Marcas do corpo apagado pelo mar*, 1978.

(7) No Arquivo Digital da Literatura Experimental Portuguesa, po-ex.net/ e em <https://issuu.com/antoniobarros7/docs/pdf>.

(8) Foram então estabelecidos protocolos de trabalho conjugado com os Serviços Educativos do Centro Cultural de Belém_Fundação das Descobertas e Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa; e com a Fundação de Serralves e o Centro Português de Fotografia, no Porto.

(9) Observatório de perceção formal — *Espaço ilusório de Ames* — volante suporte habitável para o espaço cénico de *O Grande Cerimonial*, integrou a seleção do número temático: *Cenografias*, coordenação de João Mendes Ribeiro, para a revista *Architecti*, #44, 1998.

(10) Do *Teatro sem atores* (*Les Lèvres Nues*; Guy Debord) a *Katzelmacher* (R. W. Fassbinder), no projeto de edição da mostra: *Ousadias do Teatro Universitário — Projectos & Progestos* (P&P), Semana Cultural da UC, 2020 _*Ousadia(s). P&P*, publicado no livro *Esta danada caixa preta...*, Imprensa da Universidade de Coimbra (IUC), foi enunciado no objeto-livro: *Artitude:01_razão para Projectos & Progestos* (LIPA_Laboratório de Investigação e Práticas Artísticas, Universidade de Coimbra) e inscreve diversos estudos académicos, com destaque para *CITAC: Estudo de caso de um Grupo de Teatro Univer-sitário*, tese de doutoramento de Ricardo Seíça Salgado, Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE); e *Percursos do Teatro Universitário em Portugal (1974/1994)* de Graça Margarida Pereira Adónis Torres – Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC), 2016.

(11) *INSULAE*, 2009, em *Progestos_Obgestos, 1972-2012*, António Barros, Casa da Escrita, Coimbra, *Nas Escritas PoEx*, 2012, Curadoria: Jorge Pais de Sousa.



Slow Life (1981), *Station House Opera*, Projectos & Progestos (P&P)_Teatro Estúdio CITAC.
Na imagem extensão de P&P ao Teatro da Graça, Lisboa.

Luxos de outros tempos

JOÃO PEDRO PEREIRA *

Quão longínquo é o ano de 2003? Começemos por recordar que, nessa altura, os estudantes procuravam quartos em anúncios classificados nos jornais. Naqueles tempos, os telemóveis tinham teclas e minúsculos ecrãs. Ter Internet em casa estava longe de ser comum. Os trabalhos da faculdade entregavam-se muitas vezes numa disquete. Faltavam anos para o primeiro telemóvel inteligente se estrear nas mãos dos consumidores (foi o *iPhone*, em 2007, mas só para uma mão-cheia de privilegiados). Só verdadeiros visionários poderiam antever a revolução do acesso à informação que se seguiu e que viria a dar azo a uma miríade de serviços digitais que surgiram em catadupa nos anos mais recentes.

Em 2003, traziam-se debaixo do braço as notícias do dia anterior para serem lidas nas esplanadas do Académico ou do Tropical, onde ninguém se auto-fotografava, fazia publicações em redes sociais ou entrecortava a conversa com um *scroll* pelo Instagram.

A massificação do acesso à Internet começava a dar-se em Portugal por esses anos e a Universidade de Coimbra avançava, então, com a ideia de disponibilizar Internet sem fios no *campus*. O jornal universitário *A Cabra* saía quinzenalmente.

Foi nesse 2003 que, n'*A Cabra*, decidimos lançar um site que fosse mais do que uma réplica da edição impressa. Queríamos um site sempre actualizado, dar notícias de última hora e chegar aos estudantes que começavam a trazer os computadores portáteis para os mesmos cafés onde ainda se liam jornais em papel. Não foi exactamente um rasgo.

É fácil perceber que os desafios que tínhamos com o projecto a que chamámos *A Cabra ponto net* não eram muito diferentes daqueles com que a imprensa profissional se deparava quando começava a despontar a evidência de que (frase repetida à exaustão no sector) «a Internet é o futuro». Ainda assim, lançámos o site, inchados por fazermos aquilo que os jornais da cidade não conseguiam. Em retrospectiva, é muito claro que tínhamos enormes vantagens: a liberdade de experimentação que a academia coimbrã proporciona e a completa despreocupação quanto à sustentabilidade financeira. Nos anos seguintes, a Internet fez esboroar o modelo de negócio dos jornais. *A Cabra* também tinha contas para pagar e muitas delas com um atraso crónico — mas o jornal tinha o luxo de não ser um negócio.

Havia, porém, um outro luxo que todos partilhávamos na altura — dos profissionais com décadas de experiência aos aspirantes a jornalistas numa pequena sala da Associação Académica de Coimbra: o mundo da informação era muito mais simples. O fluxo das notícias não era controlado por gigantescas plataformas online que vendem anúncios ultradireccionados. Os tempos de atenção não eram manipulados por multinacionais tecnológicas. As *fake news* não condicionavam o funcionamento de democracias. No que à informação diz respeito, 2003 pertence a outra era. Hoje, o desafio é muito maior.

* Jornalista do Público e ex-diretor do jornal universitário *A Cabra*

Este texto foi escrito ao abrigo do antigo Acordo Ortográfico, por vontade do autor.



101

RL #54

PATRIMÓNIOS



Museu da Ciência: um grande museu, uma nova estratégia

A Universidade de Coimbra (UC) é detentora de um importante património científico e tecnológico e, em alguns casos, único e ímpar, no contexto nacional do património científico, que foi acumulando ao longo dos séculos. Assumem particular relevância mundial as coleções de instrumentos científicos e objetos de história natural do séc. XVIII, que documentam, de forma exemplar, o empreendimento iluminista de conhecer, descrever e compreender o mundo natural, que envolveu os espíritos mais cultos e empreendedores da Europa da época.

O importante papel de Portugal nas ligações ao Brasil e a África permitiu reunir na UC, e em particular, neste museu, objetos e documentos essenciais para o conhecimento da evolução da ciência no espaço lusófono.

O Museu da Ciência da Universidade de Coimbra, criado em 2006, é a estrutura da UC criada para salvaguardar, preservar e gerir o acervo museológico científico desta Universidade, conseguido na reforma pombalina, com a criação dos Gabinetes de Física e de História Natural, do *Laboratório Chimico*, do Observatório Astronómico e do Jardim Botânico, e que se prolonga até à atualidade, podendo vir a integrar todo o tipo de acervos de raiz científica ou tecnológica.

Representa, hoje, um dos principais repositórios nacional de acervos que permitem estudar e preservar a história do conhecimento científico, etnográfico e cultural de importantes espaços da lusofonia, como Brasil, Angola, etc.

O Museu da Ciência da UC está a reorganizar-se como um projeto polinucleado, ocupando preferencialmente edifícios com elevado valor patrimonial, sendo distintivo em Portugal pela preferencial exposição dos objetos museológicos *in situ* a partir de coleções históricas, utilizando, quando necessário, tecnologias expositivas atuais. A exposição destas coleções será feita com uma linguagem contemporânea de forma a permitir compreender a importância da UC na História da Ciência e na da Educação.

Tem também como objetivo central tornar acessível a toda a sociedade o importante acervo que foi sendo recolhido e estudado ao longo dos últimos séculos, disponibilizando-o a todos os investigadores que estejam interessados em estudá-lo.

LUÍS SIMÕES DA SILVA *

PAULO TRINCÃO **

Como elemento orientador, foi criado um documento estruturante onde se articula o essencial do futuro discurso expositivo, de forma a utilizar as novas tecnologias para realçar a componente histórica dos espaços e das coleções. Esta organização polimodal vai ser faseada, com a abertura de novas salas, a um ritmo ideal de pelo menos uma por ano. Estas novas propostas serão criadas em harmonia e equilíbrio com as diversas ocupações dos espaços, no edifício central do Museu, o Colégio de Jesus.

O grande projeto para 2020 é um Gabinete de Curiosidades, que representará a pré-museologia de ciência, mostrando ao público a enorme riqueza e variedade do espólio que a Universidade possui nesta área.

Em Coimbra, não são conhecidos gabinetes de curiosidades do séc. XVII/I, semelhantes aos que, por essa altura, existiam em Lisboa, propriedade de alguma nobreza culta, como por exemplo o 4.º Conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Meneses (1673-1743). O terramoto de 1755 destruiu uma grande quantidade de palácios nessa zona, tendo sido perdidos todos os gabinetes existentes.

Estes factos são responsáveis por, na atualidade, em Portugal, não existir nenhum espaço que, mesmo de uma forma indireta, transporte o visitante para este universo de «câmara das maravilhas» — *Wunderkammer*, na versão alemã destes gabinetes.

Não pretendendo elaborar uma reconstrução histórica realista de um gabinete de curiosidades do séc. XVIII, a UC tem tudo para criar um espaço onde «todo o mundo» seja apresentado num só local, cheio de objetos antigos, organizados de uma forma assumidamente influenciada por este espírito, que faça o visitante sentir-se imerso num ambiente quase mágico. Neste espaço, cada objeto — devidamente trabalhado por uma correta iluminação cénica — abrirá portas para a vontade de conhecer e sentir o universo do seu exotismo e da sua beleza, através da conjugação de imagens do mundo.

Com esta nova sala, será disponibilizada ao público uma nova valência, criando dinamismo na oferta museológica e traçando o caminho do futuro.

* Vice-Reitor da Universidade de Coimbra para a Inovação e o Empreendedorismo

** Diretor-adjunto do Museu da Ciência

Património[s] da UC: conhecer o passado. Construir o futuro.



SÓNIA FILIPE *

A Universidade de Coimbra (UC) é titular de um impressionante, vasto e muito qualificado acervo patrimonial, reflexo e herança de uma multissecular permanência na urbe do Mondego. O território que vem acolhendo a instalação dos diferentes edifícios e equipamentos universitários ao longo dos últimos sete séculos constituía-se já como chão habitado desde época pré-romana. Não conseguiremos compreender a história longa e complexa de Coimbra sem a sua Universidade. Não compreenderemos a Universidade portuguesa sem conhecer e compreender a evolução da cidade onde se instalou. Parte significativa deste conjunto patrimonial de excelência, plural em tipologia, dimensão, cronologia e função, foi justa e devidamente classificado como Património Mundial pela UNESCO, em junho de 2013, passando a integrar o reduzido lote de cinco universidades com estatuto semelhante.

O processo de candidatar a Universidade de Coimbra: Alta e Sofia a Património Mundial, constituiu-se como um singular e importantíssimo momento para a Universidade e para a Cidade. A classificação veio reforçar a necessidade de um olhar (mais) atento, permanente e (ainda mais) empenhado sobre este território, local privilegiado do cruzamento de património(s) de distintas materialidades. Habitamos um espaço físico poliestratificado, moldado por séculos de ocupações sucessivas, povoado das mais variadas construções, incluindo inevitáveis e consequentes reduções e adições, não esquecendo os vazios urbanos e a ruína aparente, que são também paisagem urbana, compondo, no final, um mosaico edificado singular e com características verdadeiramente excecionais. De igual modo, este permanece como território vivo e em uso, onde a vertente escolar, de pesquisa e investigação aturadas e permanentes, a par da fruição turística e cultural de parte dos seus

espaços mais emblemáticos procuram coabitar, numa procura quotidiana dos equilíbrios possíveis, nem sempre desejáveis.

A UC é um espaço de ensino-aprendizagem de excelência, ao que acumula ser um espaço monumental de excelência, visitado por largos milhares de pessoas por ano. O reconhecimento do valor excepcional do património em presença na UC (tangível e intangível), conduz, necessariamente, a um especial sentimento de dever e proteção para com este(s) legado(s), procurando garantir que seja(m) transmitido(s) às gerações vindouras, de forma íntegra e devidamente salvaguardada. Este, certamente, pode ser entendido como um dos grandes desafios na gestão e programação das intervenções futuras no Património da UC, em particular no edificado. Tal realidade, ainda que tenha uma expressão mais significativa na área e conjunto de edifícios classificados como Património da Humanidade, estende-se naturalmente a outros imóveis e espaços, independentemente do seu estatuto de proteção legal como Monumentos Nacionais, como, a título de exemplo, o Palácio de São Marcos, ou, bem assim, de construções aparentemente mais singelas, mas imbuídas de forte carga simbólica e valor patrimonial, como a Capela de Santa Comba, sita no Pólo III da UC. Tal desiderato não conhecerá bom porto sem um claro e profundo conhecimento dos bens em presença, suas características e singularidades, aliado à consolidação e permanente aplicação das melhores práticas na intervenção em património. Os desafios são permanentes, multifacetados e, naturalmente, complexos.

As intervenções no Património da UC, atuais e futuras, procuram responder a inúmeras e constantes necessidades, que percorrem um amplo espectro de atuação, desde a mera manutenção dos espaços, atividade basilar para a boa saúde mesmos, a reparação imediata decorrente de



ações de emergência, até à refuncionalização de edifícios ou sectores de edifícios, por forma a acolher necessidades da academia. Estes processos constituem importantes momentos de reflexão sobre um dado edifício, sua história, evolução e preexistências, proporcionando uma janela de oportunidade para a salvaguarda patrimonial do mesmo. Manter os espaços habitados afigura-se como decisivo para o sucesso da sua manutenção e preservação. Ao mesmo tempo, encontrar as melhores estratégias e procedimentos para garantir a salvaguarda, integridade e autenticidade dos espaços a interencionar é desafio robusto, que carece de múltiplos olhares, disciplinas e saberes, qualificados e atentos, empenhados na procura das melhores soluções técnicas.

Naturalmente, a atividade desenvolvida neste domínio faz-se por um grupo vasto de pessoas, de muitas áreas disciplinares. Para que esta possa atuar verdadeiramente como ferramenta de apoio à gestão nos edifícios da UC, é fundamental a participação da mais qualificada e comprometida forma de projetar estes espaços e edifícios e sobre estes espaços e edifícios, no domínio da arquitetura e da engenharia; é essencial o olhar do historiador, do historiador de arte, do arqueólogo, do conservador-restaurador, do antropólogo; é vantajoso incluir, sempre que justificado e possível, o contributo dos investigadores das denominadas ciências exatas; é, no fundo, agregar diferentes saberes e pô-los ao serviço do conhecimento do complexo de edifícios que compõem a Universidade, das mais variadas cronologias e funções. Nem sempre os constrangimentos próprios ao processo de programação, conceção e execução de intervenções neste património permitem um tão amplo encontro, seja por questões de calendário de conceção/execução, seja por questões financeiras, de segurança ou outras. Sempre que tal se revelou possível no passado, resultou numa inequívoca melhoria da intervenção, bem como do conhecimento produzido a partir dos dados revelados pelo acompanhamento próximo dessas mesmas intervenções de reabilitação de espaços emblemáticos, como, por exemplo, a intervenção modelar do Restauo da Torre da Universidade.

Neste momento, encontram-se programadas/projetadas inúmeras intervenções de reabilitação, manutenção e conservação em edifícios universitários, incluindo na área classificada e, de modo muito particular, naquele que se pode considerar o mais emblemático edifício da UC, que, em boa verdade, é um complexo edificado: o Paço das Escolas.

Procura-se assegurar que as intervenções a acontecer permitam constituir-se como um contributo significativo para a salvaguarda patrimonial; garante da preservação da memória dos espaços e edifícios em presença; por último, mas não de somenos importância, procura-se que sejam capazes de aportar conhecimento adicional sobre parcelas da cidade ou edifícios cujo estado de conhecimento é ainda precário ou obscuro. Procura-se, assim, garantir que estas ações não constituam apenas um olhar contemplativo perante o passado. Ao procurar conhecer as origens dos testemunhos do Homem no lugar escolhido para instalar a Universidade; ao procurar conhecer as origens e testemunhos daqueles tantos que precederam a universidade na apropriação e ocupação do solo coimbrão, procura-se alcançar um desígnio maior. Como, de forma certa e bela, alerta o Professor Jorge de Alarcão: «Por muito repetida que seja (ou tenha sido) a fórmula “um futuro para o passado” continua justa. Mas adequado é também dizer-se que o futuro necessita de origens, ou que o planeamento do futuro não dispensa o conhecimento do passado e o aproveitamento do que dele permanece, construído. É necessário fabricar concórdia entre passado e futuro.» (Alarcão, 2008: 12) (destacado nosso).

Não é, pois, possível, no nosso entender, refletir sobre Património sem invocar os valores da permanência, da memória e da apropriação pela relação afetiva, que se transforma em (necessária) proteção efetiva. É mais uma vez Jorge de Alarcão quem, de forma aparentemente simples, aponta de forma desarmante: «Não se conhece bem senão o que se ama» (Lopes e Vilaça, 2004: 33). Na UC, particularmente nos seus espaços mais emblemáticos, matriciais e fundacionais, sente-se o Espírito do Lugar. Cada novo processo de intervenção sobre o edificado da UC abre um vasto campo de possibilidades para a compreensão deste território complexo, que se foi fazendo cidade e universidade.

BIBLIOGRAFIA

Alarcão, Jorge de (2008), *Coimbra – a montagem do cenário urbano*. Imprensa da Universidade de Coimbra. Coimbra

Lopes, Maria Conceição; Vilaça, Raquel (coord.) (2004), *O Passado em cena: narrativas e fragmentos*. CEAUCP. Coimbra e Porto



109
RL #54
AO LARGO



GONÇALOS QUADROS PRÉMIO UC 2019

MARTA POIARES

O PRÉMIO UC RECOMPENSA
O BRILHO INTENSO DE UM
COLETIVO CHAMADO CRITICAL

Considerado por muitos como um dos pioneiros mais importantes do empreendedorismo tecnológico em Portugal, Gonçalo Quadros é um dos três membros fundadores da Critical Software (CS). Ousadia, golpe de sorte e ambição estiveram no princípio desta empresa de Coimbra que, com 22 anos, 1000 colaboradores e cerca de 50 milhões de euros de faturação, tem o nome nos ouvidos do mundo e passo certo nas áreas de software e sistemas de informação. O ex-CEO (agora chairman) da CS garante que, hoje, Portugal tem tudo para se tornar no centro de engenharia da Europa, reforçando a necessidade de políticas públicas que apostem na descentralização e de as empresas pensarem na ética antes do negócio. No Prémio Universidade de Coimbra (UC), que venceu em 2019, vê a força de um coletivo, mais do que o carisma individual, e o percurso de um projeto que planeia fazer crescer de olhos postos na comunidade.*

Quando venceu o Prémio UC, disse que o prémio era da CS. O coletivo é uma força?

Absolutamente. O coletivo é «a» força. Este prémio recompensa o brilho intenso de um coletivo chamado Critical Software: um conjunto de pessoas notáveis, com que tenho o orgulho e o privilégio de estar envolvido.

Hoje em dia, diz, aliás, que interessa mais solidificar a sua equipa do que vender.

Digo isso por duas razões: por um lado, porque Portugal e a sua geografia tornaram-se particularmente competitivos no âmbito dos serviços que nós fornecemos. Há uma procura muito grande por boa engenharia, designadamente engenharia de *software*, e os mercados mais maduros da Europa (central, como o alemão, mas também da Europa do norte, como o Reino Unido ou os países nórdicos) querem muito este tipo de competências. E nós temos tido a arte e o engenho de formar essa boa engenharia: temos boas universidades — como a UC, que se destaca —, logo, temos a vida facilitada desse ponto de vista. Se conseguirmos ser um projeto capaz de entregar valor, não haverá dificuldade em fazê-lo crescer. E para fazê-lo, precisamos de equipas sólidas e de boas comunidades: antes de sermos uma empresa, somos uma comunidade, e só se esta funcionar de forma eficaz é que a empresa pode funcionar bem. Esta necessidade de construirmos algo muito sólido, de termos uma equipa particularmente empenhada, com sentido de pertença, com um lado de solidariedade, cumplicidade, etc., esse, sim, é o grande desafio e o que temos de abraçar com maior determinação.

João Carreira, um dos seus sócios, descreve-o como um líder excepcional, que sabe ouvir os outros e falar ao coração das pessoas. Mais do que liderar pessoas, é importante saber liderar com elas?

Claro. Os líderes de hoje têm de saber dar espaço para que outros líderes emirjam. Têm de se deixar inspirar por eles. Essa capacidade de ouvirmos os outros, de os deixar brilhar, e fazer com que o brilho deles possa inspirar os outros é, de facto, um aspeto essencial de qualquer liderança.

E por falar em inspiração e em partilha, sabemos que doou o seu — ou o *vosso* — prémio a uma instituição. Faz parte desse retorno que diz que uma empresa deve ter para com a comunidade onde se insere?

Antes de ter uma empresa, temos de ter uma comunidade. Repito isto vezes sem conta, porque é verdade. Um estímulo particularmente importante é o orgulho:



as comunidades têm de se orgulhar do que são, do que fazem. E nesta interação com as comunidades que nos rodeiam estamos, por um lado, a construir uma comunidade forte e, por outro, a promover a capacidade de nos orgulharmos do que somos, do que fazemos, do que ajudamos a construir à nossa volta. O prémio UC ajudou-nos, precisamente, a consolidar esse caminho.

Recuando um pouco nesse caminho: nos anos 90, quando era apenas um de três grandes fãs do *Espaço 1999* e de Carl Sagan, e a CS era apenas uma ideia louca e um projeto bizarro, estava longe de acreditar que poderia chegar aqui ou as ambições eram tão vastas como o universo?

Acho que, acima de tudo, nenhum de nós tinha uma visão a longo prazo do projeto que estávamos a construir. E se nos dissessem que estávamos a construir este caminho, diria que não acreditávamos que fosse possível. Em qualquer projeto deste género, a primeira coisa que se faz é um plano de negócios. E nós fizemos um. Mas olhávamos para ele como algo que era dificilmente atingível.

A ambição falava mais alto?

Lembro-me de ter essa discussão. De nos perguntarmos se não estaríamos a ser ambiciosos demais. Tínhamos uma visão muito condicionada por estarmos a dar os primeiros passos. Éramos engenheiros, não éramos gestores, não tínhamos conhecimentos nesse tipo de domínio e, como tal, tínhamos alguma dificuldade em posicionar-nos. Na altura, há 20 anos, Portugal não era como hoje. Não havia *start-ups*, designadamente universitárias, não havia exemplos...

Não havia um ecossistema empreendedor.

Não havia referências que nos pudessem ajudar a construir uma visão. Olhávamos para o futuro com algumas limitações. Mas o sonho era esse: criar algo que fosse referencial, diferente, que merecesse essa tal capacidade de nos orgulharmos. Mas estávamos longe de pensar que esse caminho pudesse ser trilhado...

Além disso, não havia sequer *know-how* no domínio do sector espacial.

Essa é uma bizzarria que referimos muitas vezes. A CS nasce da ideia bizzarra de lançar um projeto bizzarro no sector espacial, que era o nosso mercado natural — os sistemas críticos, *mission critical* e afins. Era um tipo de serviços que estávamos a promover para um mercado aeroespacial numa altura em que não havia nenhum tipo de atividade nesse sector em Portugal. Nem sequer pertencíamos, ainda, à Agência Espacial Europeia e, obviamente, não havia agência espacial portuguesa. Aliás, foram-nos pedidas referências para esta última. Hoje, tudo é diferente: já há Agência Espacial Portuguesa, pertencemos à Agência Espacial Europeia e já temos atividade no sector Espaço. Era uma bizzarria — para não dizer uma estupidez — lançar um projeto onde não havia nenhuma possibilidade de haver um mercado interno.

Como foi desbravar caminhos nunca antes desbravados? Acabou por ser algo muito natural, porque tivemos um golpe de sorte: cruzarmo-nos com a Jet Propulsion Lab, da NASA, que nos abriu um caminho muito particular.

Foi o momento-chave?

Foi determinante. Por um lado, porque trouxe uma ambição e uma energia enormes para o projeto e para nós, os fundadores: três pessoas que estavam empenhadas em tornar algo real. E por outro, porque nos abriu um conjunto de portas que, de outra forma, muito dificilmente se abririam. Celebrámos contrato com as duas ou três agências espaciais mais importantes — a europeia, a chinesa e a japonesa — pelo reconhecimento que adveio de termos tecnologia licenciada pela NASA. Foi um golpe de sorte, mas também arte e engenho.

A sorte entra na equação de qualquer caminho?

Sim, e não temos de ter vergonha de o assumir. É tão importante — e acontece tanto — como o azar. Sermos capazes de tirar partido dos momentos de sorte e de ultrapassar os momentos de azar faz parte.

Na altura, ficaram incrédulos?

Achámos que era uma partida. Tivemos de passar por um período de purgatório até percebermos que era real [risos].

Hoje em dia, a CS é uma referência mundial na área em que se move e, tal como disse o anterior Reitor da UC, João Gabriel Silva, o Gonçalo é visto como «um dos pioneiros mais importantes do empreendedorismo tecnológico em Portugal». Consegue ver-se dessa forma?

Não, de todo. Aliás, como tive oportunidade de referir na entrega do Prémio UC, tenho a sorte e o privilégio de trabalhar com um conjunto de pessoas brilhantes. Sou a antítese do que possa ser um empreendedor: reservado, envergonhado e nada expansivo. Temos essas figuras muito marcantes no nosso país, e o João [Carreira] é um exemplo disso. Dentro da CS, não me vejo assim. E não

digo isto com falsa modéstia, é apenas a verdade. São as minhas características. Talvez isso seja um sinal forte de que um projeto com alguma ambição precisa de competências muito diversas.

Precisa de equilíbrio.

Definitivamente. Não sou a pessoa que consegue sempre pensar fora da caixa, explorar novas opções... Sou muito mais conservador do que isso. Ajudei mais a consolidar os passos ousados que a CS foi dando, do que os novos que teve de dar.

Em 2019, deu um passo atrás e abandonou o cargo de CEO para assumir a posição de *chairman* (presidente não-executivo). Esta dança de cadeiras é essencial para esse equilíbrio?

É muito importante. Principalmente em projetos que são obrigados a mudar muito num mundo que muda muito também. Estamos a trabalhar num domínio tecnológico, que se transforma a uma velocidade fantástica. E isso significa que as empresas, as pessoas e as competências que são necessárias para liderar e para comandar têm de mudar. A CS não só cresceu muito — de 3 para 1000 pessoas —, como as tecnologias, a forma de trabalhar e o tipo de desafios evoluíram rapidamente. Ora, se o líder não consegue mudar as suas características, a única forma de responder a este desafio é renovar as lideranças. Isto faz parte de uma lição que a própria vida nos dá: o princípio biológico, o nascimento, o crescimento, o envelhecimento, a morte, e a constante renovação a que isso obriga faz parte daquilo que somos ao longo do tempo. E isso, nas empresas, é uma verdade natural. Temos de perceber que os projetos dependem da capacidade de trazer sistematicamente uma nova energia para as suas cadeias de comando.

A permanência ou a perpetuação das mesmas pessoas pode levar à estagnação?

Inexoravelmente. E em empresas como a nossa, que crescem muito e que se movem em mercados que evoluem muito rápido, isso ainda é mais óbvio. Portanto, temos de refrescar as lideranças para combater ferozmente a estagnação e para dar o exemplo. Afinal, liderar é isso mesmo.

Nesta nova cadeira, diz que irá dedicar-se à «consolidação da cultura empresarial e à expansão da comunidade Critical». Em que sentido?

A construção de uma comunidade é um desafio. Pode parecer um cliché, mas é verdade: os nossos valores, a maneira como são vividos e partilhados, e a nossa capacidade de nos ligarmos com o que fazemos interna e externamente é o ativo mais importante da empresa. É o que nos move, o que nos faz crescer e poder aspirar a um futuro melhor. Manter um certo tipo de cultura, apesar de um crescimento muito violento, torna-se um desafio por si só. Um ao qual me quero dedicar. E por isso este *focus*.

É um papel que lhe é mais natural?

Sim, encaixa com alguma naturalidade no que são as minhas características, na minha maneira de olhar para o mundo e nas minhas preocupações. Quero, sem dúvida, focar-me nesse aspeto da vida da empresa.

Falando da vida da empresa e focando mais nos seus números: estão a chegar aos 1000 colaboradores, vão faturar 50 milhões de euros no último ano, e a verdade é que todos os anos, a faturação da empresa cresce, tal como a produtividade. O segredo está em ser global ou é muito mais do que isso?

Ser global é uma condição necessária, mas não suficiente. Hoje, um projeto como o nosso tem de ser global: o mercado interno não é interessante em volume e, com a nossa capacidade de crescer, temos de competir com os melhores. E esses estão no mercado global, não estão aqui ao nosso lado. Por isso, temos de ir atrás deles, competir ou ter relações de parceria com eles, para podermos absorver o melhor e aspirar a melhorias que nos façam aumentar o volume de negócios e a nossa produtividade.

Oitenta por cento do que a CS faz está precisamente lá fora, sendo que o volume de negócios evolui muito à custa dos mercados do Reino Unido e da Alemanha. Assustam-vos mudanças como as que chegam à boleia do Brexit?

Não é uma boa notícia. Desde logo, porque representa algo que devíamos combater na Europa. Temos de estar mais perto uns dos outros e evitar as cisões, e o

Brexit é um sinal em sentido contrário. Já no que se refere à nossa empresa, não estamos demasiado preocupados. O nosso empenho no mercado do Reino Unido é muito grande — temos uma equipa e um conjunto de pessoas britânicas que constroem o projeto conosco, absolutamente decisivas. Claro que gostaríamos de ser um bloco europeu, do qual os ingleses fazem parte (e falta), mas isso é um comentário que vai muito além das fronteiras da empresa. Se as considerarmos, penso que vamos continuar a ter o que é necessário para nos mantermos no mercado britânico — não apenas para desenvolver o nosso negócio, mas também para atrair o talento de que precisamos para um projeto sólido e competitivo.

Os bons resultados que já referimos assentam não apenas nos sectores tradicionais (Espaço, aeronáutica, defesa e transportes), mas também em sectores como o da energia ou o financeiro. Quanto mais se arrisca, mais se petisca?

Sim, temos de ser capazes de diversificar. Até porque, hoje, as soluções baseadas em *software* estão presentes um pouco por todo o lado. O que significa que alargar as nossas competências e servir um conjunto diverso de mercados melhora a nossa capacidade de gerir o risco numa economia global.

Ao longo dos últimos anos, a CS recebeu inúmeras propostas de interesse, mas disse sempre não. O «sim» implicaria a limitação do projeto?

Claro. O nosso projeto é um projeto que se mantém em desenvolvimento: há uma visão e uma vontade de construir um ecossistema capaz de produzir tecnologia em Portugal, que seja substancial à escala global. E para fazermos esse caminho, temos de depender, essencialmente, de nós próprios. Se abrissemos o nosso capital a outro tipo de interesses, o caminho ficaria muito condicionado.

Nesse caminho, remaram muito contra a maré, rejeitando a ideia de tornar a CS numa boutique tecnológica, e tornando-a mais um polo de atração, promoção de talentos e desenvolvimento de ideias. Foi difícil não ceder a um sucesso mais imediato?

Tivemos algumas propostas que nos fizeram pensar, mas nunca passámos por um momento em que fosse claro que estava chegada a altura de fazer algo assim. Houve sempre ideias, objetivos e uma ambição muito grande para desenvolver aspetos que ainda não estavam concretizados. Foi isso que alimentou o nosso sonho, não tornando demasiado apetecível qualquer proposta que tenha estado em cima da mesa.



Há, no entanto, propostas de parcerias estratégicas, como a criação de uma empresa com a BMW, que visa a «construção do carro do futuro»...

Sim, e está a correr muito bem. Demos agora os primeiros passos, mas *so far so good*. A Critical TechWorks, essa *joint venture*, está a crescer e já terá à volta de 800 engenheiros. É mais um exemplo de um projeto que é lançado a partir da [Critical] Software, e que nos orgulha muito.

Estes reforços da marca são essenciais para pôr a CS noutro plano de mercado?

Diria mesmo que o momento que estamos a viver com a BMW é comparável ao que aconteceu com a NASA, no início. Dá-nos destaque, põe-nos num patamar de credibilidade e reconhecimento à escala global — que nos associa com «o» sector de engenharia da BMW —, e atraí parceiros que nos são muito úteis na capacidade de construção de uma marca forte, concisa e coletiva.

Algumas dessas parcerias, anunciadas no último ano, estão ligadas à indústria de dispositivos médicos, como *pacemakers* e máquinas de suporte de vida. Era um projeto ambicionado?

Já há algum tempo. E agora, com a saída do mercado automóvel — porque estamos a fazer o projeto BMW através da Critical TechWorks —, estava na altura de nos abirmos a outro.

Outro que combina com a importância de retribuir?

Vamos ter de fazer esse caminho, ainda. Mas, sim, essa é também uma maneira de devolver o valor à comunidade.

Que falta a Portugal para «ser o centro da engenharia da Europa»? Disse, em várias entrevistas, não bastar uma aposta no ensino superior... Acha que este tem falhado?

Não, nós temos escolas de engenharia de excelência. De outra maneira, um conjunto de projetos — desde logo, o nosso — não poderia triunfar. E, hoje, temos um ecossistema de empreendedorismo, o que significa uma menor aversão ao risco do que a que existia quando a CS nasceu. Aliás, na altura, quando éramos convidados para falar um pouco do nosso percurso, nas universidades e nos núcleos de estudantes, as salas estavam vazias. Havia muito pouco interesse e apetência para esse tipo de projetos. Hoje é o oposto: temos uma Web Summit em Portugal e um conjunto de *start-ups*, de empresas-unicórnio, que provam que estamos a fazer um caminho. Mas é preciso fortalecê-lo.

Nem tudo está bem, então.

Bem, uma crítica que se pode fazer às universidades é a quantidade de licenciados que lançamos, todos os anos, para o desemprego, e de cursos que não têm qualquer adesão para o tipo de competências que temos. As universidades têm de olhar para isso com outros olhos e de apostar em áreas onde são necessárias mais pessoas. Claro que não podemos abandonar os cursos tradicionais, sobretudo na área das humanísticas. Mas temos de ser capazes de encontrar um equilíbrio. O ensino superior, juntamente com as empresas, tem de se envolver nesse tipo de desafios. E não tenho dúvidas: Portugal tem condições para ser o centro da engenharia da Europa.

Seria a grande alavanca para a nossa economia, a par do turismo?

Já é. Mas devemos ambicionar ir muito mais longe, porque temos condições para tal. Só temos de procurar massa crítica para servir uma Europa sedenta deste tipo de competências. Aproveitar o momento.

Defende que o Estado não deve intervir no mundo empresarial, mas que há políticas e visões que devem ser definidas por ele. Quais são elas?

Existe, em Portugal, um centralismo muito grande que prejudica o desenvolvimento económico. Não podemos estar todos concentrados num ponto. Não é sustentável, e retira-nos capacidade de resposta e ambição. Aí, as políticas públicas têm um papel muito importante.

Qual seria a solução para que Lisboa deixasse de ser o «buraco-negro» que diz que é?

Vontade política para apostar no resto do país. Eu não era muito adepto da regionalização — achava que, enquanto país pequeno, Portugal não teria essa necessidade —, mas é necessária uma medida mais radical, no que diz respeito ao ordenamento do território, para que Lisboa deixe de ser esse buraco-negro. Há uma saturação gigante e um círculo vicioso: mais pessoas justificam mais investimento; mais investimento cria condições para atrair mais pessoas.

Mais do que melhores políticas, precisamos de mais empresas-comunidade?

O nosso futuro depende dessas empresas: as que se empenham no exercício da cidadania, olhando para os nossos problemas como sendo capazes de os ajudar a resolver.

Essa é a visão que tenho do tipo de preocupações e desafios que uma empresa deve estar disponível para enfrentar. Estamos a evoluir no caminho certo, mas é preciso...

Acelerar?

Promover um sentido de urgência, sim, para que se possa fazer tudo melhor.

Como quer ver a CS quando olhar para trás (ou para a frente)? Um projeto onde a ambição seja manifestação coletiva?

Gostava de olhar para um projeto como o nosso e vê-lo reconhecido por todos como um exemplo de uma empresa-cidadã. Ou seja, uma empresa que dá lucro, que é sustentável, mas que, mais do que isso, se preocupa em resolver um conjunto de problemas à sua volta. Uma empresa que é estrita e rigorosa em relação à ética, à honestidade e à transparência. Que constrói a sociedade, a cidade e a comunidade, através do que faz. É isso que procuro quando olho para a frente — e é isso que espero ver mais à frente, quando olhar para trás.

Diz que, na CS, querem ser felizes e fazer os outros felizes. Estão no caminho certo?

A felicidade é um sentimento fugidio, relativo. Ninguém pode ser feliz sempre, por definição. Temos de saber ser infelizes para podermos usufruir do sentimento da felicidade. Esse é um *statement* perigoso, tem de ser lido dessa forma. Mas, sim, como objetivo nobre, gostaria que fossemos uma comunidade de pessoas felizes — que gostam do que são, do que fazem, e que, por isso mesmo, têm momentos de felicidade muito intensa.

* dados relativos a 2019



CINQUENTA ANOS DE UMA MARAVILHOSA OUSADIA NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA (1970-2020)

JOÃO GOUVEIA MONTEIRO *

A

A Universidade de Coimbra (UC) entrou na minha vida muito cedo, para nunca mais sair. Foi no dia 19 de fevereiro de 1970, tinha eu 11 anos e meio, que testemunhei um dos acontecimentos mais relevantes do último meio século de história da corporação fundada por D. Dinis em 1290.

O Professor Marcelo José das Neves Alves Caetano ocupava então, desde finais de setembro de 1968, a presidência do Conselho de Ministros. Curiosamente, lembro-me como se fosse hoje de escutar, na Emissora Nacional, a notícia noturna da nomeação do ilustre lente da Faculdade de Direito de Lisboa, a quem devemos estudos histórico-jurídicos tão importantes, como sucessor do Professor Oliveira Salazar.

Em Coimbra, o primeiro ano do marcelismo não foi nada tranquilo, pois, em 17 de abril de 1969, eclodiu a Crise Académica

que abalou o Estado Novo e que se prolongaria durante largos meses. Na sequência deste acontecimento, em 1970, o então ministro da Educação Nacional, Dr. José Hermano Saraiva, foi substituído por um ministro muito jovem (não tinha ainda 41 anos) e perfil bastante diferente: José Veiga Simão, doutorado em Física Nuclear pela Universidade de Cambridge, era, há quase uma década, professor catedrático da Faculdade de Ciências da UC e fora o primeiro Reitor dos Estudos Gerais Universitários de Moçambique (1962-1970).

Veiga Simão planeava uma reforma profunda do sistema universitário português e, logo após a investidura, a sua equipa procurou informar-se da situação existente nas quatro «universidades metropolitanas», cujas estruturas se mostravam obsoletas. Assim, reuniu com os Reitores e os diretores das escolas integradas naquelas universidades, vindo depois a tomar uma série de decisões relevantes. Do ponto de vista político, saliento a ordem de arquivamento de todos os inquéritos e processos disciplinares em curso na Universidade de Lisboa e na

Universidade Técnica, com o objetivo — assim rezava o comunicado ministerial de 26-01-1970 — de «restituir a Universidade ao ambiente de paz e serenidade, condição primeira de um trabalho fecundo e dignificante».

Vivia-se então o período final da «primavera marcelista» e não admira que a escolha de um novo Reitor para a UC fosse desejada por muitos. A verdade é que, em Coimbra, subsistiam graves problemas resultantes da Crise do ano anterior, não apenas relacionados com estudantes, mas também com o normal funcionamento da Associação Académica. Do alto dos meus 12 anos incompletos, e com as imagens do ano anterior gravadas nos meus olhos (em especial os jipes com grades de arame farpado na frente e os cavalos da Guarda Nacional Republicana a ocuparem a alta universitária, da Praça da República à Sé Velha, passando pelo D. Dinis e pelas «Escadas Monumentais»), comecei a interessar-me pelo assunto e a fazer perguntas difíceis em casa...

A verdade é que, em 27 de janeiro de 1970, um outro despacho do novo ministro da Educação tornava pública

a mudança de autoridades académicas em Coimbra: cessaria funções o Professor António Jorge Andrade de Gouveia (professor catedrático de Química e Reitor entre 1963-1970) e seria investido como novo Reitor da UC um professor catedrático de Medicina ainda relativamente jovem (n. 1922) chamado... José de Gouveia Monteiro.

Não preciso de enfatizar o sobressalto que esta mudança provocou na nossa casa de família (p. ex., o meu irmão mais velho, José António, aluno deveras brilhante e que já estava na Universidade, teve de ir estudar para a Faculdade de Medicina do Porto). O testemunho que quero deixar, agora que passam precisamente 50 anos sobre o acontecimento, tem — isso sim — que ver com a tremenda ousadia deste jovem catedrático de Medicina em aceitar um cargo tão espinhoso, num contexto político tão complexo e num ambiente académico (ainda) tão explosivo. Se aceitou o desafio, foi porque acreditava genuinamente na possibilidade de «reconstruir» a UC, não apenas devolvendo a paz e a justiça à corporação, mas também potenciando o seu desenvolvimento

futuro, numa perspetiva moderna e atualizada. Seria uma caminhada difícil, é certo, mas o indigitado Reitor sabia que, nesta aventura tão ousada, poderia contar com o apoio precioso de uma grande senhora da cultura portuguesa do século XX: a Professora Maria Helena da Rocha Pereira, que o Ministro Veiga Simão aceitou nomear como Vice-Reitora.

A tomada de posse do meu Pai teve lugar no dia 19 de fevereiro de 1970. E basta recordar a forma como decorreu para perceber a dimensão da ousadia daqueles dois ilustres universitários de Coimbra. Logo no seu discurso de investidura (que lhe foi conferida, em nome do Claustro Pleno, pelo decano Professor Lopes de Almeida, lente da Faculdade de Letras), o Professor José de Gouveia Monteiro fez saber ao que vinha:

«Porque acredito que a hora é propícia? Porque as longas e franquíssimas conversas que tive com o Senhor Ministro da Educação Nacional, entre o convite com que me honrou e a aceitação que não lhe pude negar, me convenceram inteiramente da sua perfeita isenção, dos seus altos ideais universitários, do seu espírito aberto e progressivo. Porque deduzo que um Chefe de Governo, universitário ele próprio, que convidava aquele homem para aquele lugar, depois das declarações que tinha feito e das medidas que havia tomado como Reitor de uma Universidade, não pode faltar-lhe com o seu apoio. Porque acredito que a imensa maioria de docentes desta casa está perfeitamente consciente da necessidade de uma reforma e devotadamente disposta a nela colaborar. Porque creio na pureza e na capacidade da grande massa dos nossos estudantes, vítimas maiores da situação vigente (se alguns o não esquecessem, saberiam compreender a razão profunda de certas reacções suas, só aparentemente malignas). Porque conto, finalmente, com a dedicação de todo um funcionalismo, tantas vezes sacrificado, na obscuridade das suas todavia valiosas tarefas.

Qual é o meu programa? Em primeiro lugar, promover um vasto movimento de pacificação, indispensável à abertura de um clima de trabalho frutuoso, no presente e para o futuro. Passaram-se nesta Universidade dez meses negros, em que aos defeitos de base veio acrescentar-se o gravame de atitudes lamentáveis e inoportunas, com enorme prejuízo para professores e alunos, para a instituição, para a cidade, para o país. Dez meses durante os quais se fez uma horrível sementeira de ódios, que só por milagre não brotou em destruição total. Não tenho a ingenuidade de supor que tamanha convulsão seja passível de amainar facilmente e sem deixar sequelas. Mas quero acreditar que as consequências podem e devem ser reduzidas ao mínimo. Daqui lanço o apelo mais veemente a governantes, mestres e alunos para que procurem remediar e esquecer o que se passou. Esquecer afectivamente, entenda-se, porque intelectualmente precisamos é de estar bem lembrados, para não cairmos nos mesmos erros e para termos a previdência de criar estruturas capazes de impedir nova deflagração. (...)

O que naturalmente se pode adiantar desde já é que haverá medidas de emergência, a adoptar urgentemente — v.g. a revisão do regime de trabalho dos Assistentes e a normalização da vida associativa estudantil. Por outro lado, teremos de encarar a reforma de fundo, tanto no campo técnico, como no plano institucional, em cuja problemática se terão de incluir, por exemplo a atribuição de genuína representatividade aos corpos dirigentes, o alargamento dos quadros docentes, a modificação das técnicas pedagógicas, a democratização do ensino e a colaboração activa da Universidade com a Nação, no estudo e resolução dos seus problemas técnicos e culturais.

Programa imenso, que não pode executar-se, nem mesmo equacionar-se, de repente, e que irá obrigar a uma tremenda mobilização de inteligências e de cabedais.

E o nosso esforço não pode ficar isolado, porque sozinho carece de viabilidade. Haverá de ser acompanhado por outras reformas também prementes, mormente nos restantes graus de ensino, e por todo um conjunto de medidas que promovam a elevação social, económica e cultural da Nação inteira. (...).

Alguns dias antes da tomada de posse, um grupo de estudantes contactara o Reitor indigitado no sentido de saber se ele estaria disposto, após a cerimónia na Sala Grande dos Actos, a repetir o seu discurso em plenos «Gerais», mas agora dirigido aos estudantes! Entristecido pela ausência anunciada dos alunos na cerimónia de investidura, o Professor José de Gouveia Monteiro anuiu de imediato. E assim aconteceu, sendo essa a recordação mais viva, mais emocionante e mais educativa que eu conservo acerca do que é, verdadeiramente, «ousar» na vida ao serviço de uma causa pública e, em concreto, da universidade portuguesa.

Ao chegar à Via Latina, o (agora) Reitor encontrou uma mole imensa de estudantes que se apinhavam no Pátio das Escolas, e ali mesmo repetiu o seu discurso, com a ajuda de um megafone e para incómodo de certas autoridades... Assisti pessoalmente a esta «ousadia», na companhia da minha Mãe (esteio fidelíssimo de toda a vida do meu Pai) e dos meus irmãos, e, embora ainda muito jovem, pude aperceber-me do clima de alegria e de confiança que existia entre os estudantes e o seu novo Reitor, de quem diziam — apropriando-se do refrão de uma canção brasileira então em voga — que era «o Reitor da gente».

A fatura chegou depressa. No mesmo dia, o Magnífico ficou a saber que a censura queria fazer grandes cortes no seu discurso. De imediato, informou pelo telefone o ministro da Educação de que pediria a demissão, caso fosse cortada uma só vírgula do seu texto. O Professor Veiga Simão compreendeu e o discurso acabou por sair intacto. Pouco depois, chegaria uma mensagem

amarga do presidente do Conselho de Ministros, com data de 20 de fevereiro de 1970, lembrando ao recém-investido magistrado da UC que — contrariamente ao que ele sugerira no seu discurso de posse — «(...) o Reitor de uma Universidade é, nos termos do Estatuto Universitário vigente, o representante de Ministro da Educação Nacional que o nomeia (e do Governo, portanto) perante a Universidade, elo de ligação entre o Poder central e o corpo universitário que, naturalmente, representa também junto do Governo». No mesmo dia, o Professor Veiga Simão fez seguir uma missiva semelhante para o Reitor que ele próprio escolhera: «(...) o que nunca pode negar-se é que o Reitor é o representante do Ministro»...

Os dados estavam lançados; seguiu-se uma aventura de pouco mais de um ano e meio, que terminaria com um pedido de demissão do próprio Reitor e da sua solidária colaboradora, Professora Rocha Pereira. A primavera marcelista murchara de vez e a Universidade estava de novo capturada pelo Ministério do Interior. Não havia condições para prosseguir a maravilhosa ousadia iniciada em fevereiro de 1970. Para as suas *Memórias*, concluídas escassos dias antes de falecer (julho de 1994), o «Reitor da gente» escolheu como título: *Vinte Meses de Inferno*. Vale a pena ler esse texto (de onde extraí as citações que aqui deixo e cuja edição está a cargo da Imprensa da UC), pois ele configura um documento precioso e inspirador do que foi um exemplo sublime de capacidade de «ousar» na UC, há exatamente meio século. Aqui deixo esta breve evocação, sentida e, sem dúvida alguma, bastante merecida.

* Professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

MANN'S THOUGHT

You never know.

(pause)

You just never know.

(beat)

You just go along figuring some things don't change.

*Ever. Like being able to drive on a public highway
without somebody trying to murder you.*

— Do guião de *Duel*, de Steven Spielberg.



Serão

ANTÓNIO GREGÓRIO *

Por acaso reparei no carro a fazer-se, do outro lado da Nacional, à Nacional, quando deste lado nos fazíamos também a ela, azul escuro como o nosso e nada de extraordinário nisso, que carros azuis escuros não faltam, no entanto o mesmo modelo do nosso, um modelo debalde não ser uma raridade extrema não tão vulgar assim, vivendo agora aliás os anos do limbo entre o carro apenas velho que o juízo aconselharia trocar e o clássico, o bom desenho da época começando de facto a dar nas vistas e eu para o meu amor «Olha um carro igual ao nosso», mas entrar na Nacional absorvia-nos, quero dizer, absorvia o meu amor, eu olhando um lado, olhando o outro, o trânsito pouco e lento a puxar-me à displicência contra o meu amor cheio de cuidados, segurando-me o braço, «Agora não, que vem lá um», o João Pedro lá atrás «Plim plim plim» com o xilofone que trouxe do almoço aos avós e o meu estômago acusando uma pontada de enfartamento, eu para o meu amor «Ainda vem longe, dá para entrar» e entretanto outro a vir do outro lado pela mesma lentidão, o meu amor irreduzível «Espera» e eu «Assim nunca mais saímos daqui», o carro igual ao nosso entrando, do outro lado da Nacional, na Nacional, tímido, do mesmo engonhanço que nós e eu que «Deve ser um velho», o João Pedro lá atrás «Plim plim plim» e o meu amor «Espera», eu para o João Pedro «Cala-te um bocadinho», tentando ver dentro do habitáculo do carro igual ao nosso se era mesmo um velho que guiava, mas o vislumbre cego por causa do sol baixo do dia demasiado aceso de Inverno, que ao invés de me iluminar o objecto lhe faiscou cegamente no pára-brisas, o encandeamento indispondo-me mais o estômago e por afinidade a cabeça, de mim para mim «Tão coisinho a entrar numa estrada vazia, só pode ser um velho», «Plim plim plim» lá atrás e eu «João Pedro, porra», o meu amor «Não digas palavões ao garoto», eu que «Porra não é palavrão», de primeira engatada e a mão direita livre da alavanca dando voltas massagistas de relógio na barriga, o meu amor «O que foi?, o que tens?» e para o «Plim plim plim» lá atrás «João Pedro, deixa ouvir o papá», só a minha tez engelhada na resposta e o meu amor que «Foram as almôndegas», sublinhando «De certeza que foram as almôndegas», eu que «Também as comeste e não te sentes mal, nem tu nem o João Pedro», o João Pedro lá atrás em pausa de plim plim plim de língua de fora imitando o vômito, o meu amor para ele «João Pedro, não sejas desagradável» e para mim «Ele comeu duas, eu comi quatro e tu comeste meia travessa delas», o João Pedro de volta ao «Plim plim plim» e o meu amor «Fora o puré, fora o vinho, ah, o vinho, e se te mandam parar?», desembraiaando enfim, o carro de uma vez em andamento a fazer-se à Nacional mas o meu amor ainda «Pára», o meu amor ainda «Espera» e eu «Não vem nenhum», o João Pedro lá atrás fortíssimo no «Plim plim plim», «E um tabefe nesse focinho, João Pedro?» e o meu amor «Não xingues o garoto», eu apontando-lhe o velho «Vês?, entrou primeiro que nós», o meu amor «Não importa, espera», mas eu com meio carro enfiado na faixa de rodagem concluindo o processo, contrariadíssimo pelo velho definitivo à nossa frente tresandando a quem não tem outra função que engonhar, eu para o meu amor «Dez quilómetros atrás desta lesma» e o meu amor que «Não há mal nenhum em ir devagar», o João Pedro numa pausa de plim plim plim porque o xilofone era uma nave espacial, acintoso procurando-me os olhos no retrovisor e simulando que ma ia pousar na calva, eu pelo retrovisor «João Pedro, pára com isso» e o João Pedro de volta ao «Plim plim plim», eu para o meu amor que «O problema destes condutores não é irem devagar, mas resumirem toda a prudência a esse item», o velho entrevisto calvo como eu, a esposa ao lado e atrás volta e meia emergindo o cocuruto um garoto da idade do nosso, provavelmente o neto, eu para o meu amor, em continuação, que «Estes velhos, porque vão devagar, julgam-se dispensados de qualquer outra atenção», ou seja, «Plim plim plim», «Travam por nada, mudam de faixa sem o pisca, não param nas passadeiras, distraem-se com o que lhes venha à margem do caminho», o meu amor que «É dar-lhes a distância de segurança», «Plim plim plim» e eu abrandando escandalosamente para o meu amor ver o impraticável da prática, um carro aparecido atrás de nós a apitar e o meu amor «Não gosto quando abrandas à passagem destas reentrâncias da mata», três homens no retrovisor e três esgares de apoucamento, o João Pedro calado olhando directamente para eles e eu «João Pedro, olha para a frente e toca o teu xilofone», o meu amor que «Parece que é para apreciares as prostitutas», eu «Não digas prostitutas à frente do garoto» e que «Não sou eu que estou a abrandar, é o velho», encostando-me um pouco à direita para que os mal-encarados atrás de nós pudessem também ver o velho, os mal-encarados ao regresso da intermitência do traço da estrada ultrapassando-nos, no entanto demorando o emparelhamento, os três a par comendo-nos de gozo o habitáculo, o de trás fazendo corninhos de dedos e o João Pedro embasbacado a olhar para eles, o meu amor «João Pedro, olha para a frente e toca o teu xilofone», a ultrapassagem graças a deus acabada e o meu amor «Deixa-os ir», eu que deixo mas «Vou-me livrar do velho», preparando-me para o ultrapassar, acelerando, o meu amor a puxar-me o braço «Vai devagar», o João Pedro

pleno no «Plim plim plim» e mais carros a ultrapassar-nos, eu para o meu amor, apontando-os, «Estes vão mais depressa que nós e não vão depressa», mas o meu amor «Deixá-los», o velho abrandando de repente e eu quase a enfiar-lhe a traseira dentro, o meu amor «Faz atenção», o João Pedro «Plim plim plim» e eu «Que se lixe, ultrapasso», o meu amor que «Pode vir um de frente», eu que «Não vem ninguém», fazendo-me à faixa esquerda, mal a pisando por causa da buzina contínua do camião que já nos ultrapassava, o meu amor branco «Cuidado» e, «Plim plim plim», histórico largando um estaladão arbitrário para o banco de trás, perguntando-me «Queres matar-nos?», o João Pedro a chorar e eu «Dou cabo do canastro ao velho», o João Pedro aos gritos, pontapeando o xilofone que entretanto atirara ao chão e o meu amor que «Os teus pais só lhe dão coisinhas de fazer barulho», as almôndegas revoltas dentro do estômago, eu que «O meu pai gosta de percussão, tocava caixa na banda do exército» e o meu amor que «O teu pai não gosta é de mim», meio vidro aberto a ver se o ar me aliviava, «João Pedro, cala-te», mas o João Pedro doidamente gritando, o meu amor «O teu pai quer desestabilizar-nos» e eu «Sacana do garoto mais quem o pariu», o meu amor «Então?» e eu «Peço desculpa, não me estou a sentir bem», o meu amor «Comesses menos almôndegas», em ladainha que «Mato o velho» e o velho, como se me ouvisse, acelerando, eu atrás dele, o meu amor «Devagar», eu «Mato o velho, mato o velho, mato o velho», a buzinar ao velho, o João Pedro calando-se à velocidade, o meu amor «Pára para vomitar» e o velho agora abrandando, o velho agora encostando, eu para o meu amor «Sem pisca, sem nada», parando alguns metros atrás dele, saindo do carro, «Já venho», o velho da mesma forma abrindo a porta e os metros que nos separavam esticando-se, ondeando como uma náusea, o caminho até ao carro do velho interminável, confuso debalde uma clareira de mata sem acidentes, só uma ribanceira lateral onde me lembro vagamente de espreitar, um bocadinho de lucidez a acudir-me e o carro do velho sólido a meia dúzia de passos, de mim para mim «E se não for um velho, mas um bruto na flor da idade?», a lembrança do garoto no banco de trás acalmando-me, em todo o caso eu a um passo da porta entretanto só encostada, tarde demais para recuos, é ir com ímpeto, eu abrindo-lhe a porta toda num repente e as minhas mãos à procura do lugar do pescoço do velho — no entanto, dando com o lugar dele vazio, no lugar do lado o meu amor quase amável perguntando-me «Vomitaste?», eu «Hum?», olhando espantado o João Pedro no banco de trás, o João Pedro da mesma maneira para mim, o meu amor «Estás branco» e outra vez «Vomitaste?», eu «Hum?», levantando a cabeça e sondando os arredores, mas não havia mais carro nenhum ali, só o do velho com o meu amor e o meu filho lá dentro afectando que aquele é que era o nosso, o sorriso do meu amor indefinido entre a ternura ao convalescente e o cinismo pela presa caindo no laço, eu de qualquer forma metendo-me naquele carro e saindo dali, a chegada a casa sem sobressaltos, os sons normais chegando-me da cozinha mais a novidade do «Plim plim plim» em normalização rápida do meu filho João Pedro, no entanto não me larga esta angústia, a sensação de que vim com dois estranhos para a casa, que esperam na sala que eu ganhe confiança, saia do casulo do escritório para o sofá do serão, que a modorra da lareira e da telenovela me chegue e eu adormeça para depois me fazerem sei lá o quê.

^{*} António Gregório nasceu em Leiria, em 1970.

Uma História de Desamor Treze Vezes foi o seu primeiro livro, editado em 2005. Publicou a coletânea de poemas *American Scientist* (reeditada e acrescentada em 2019, num volume com o nome *Documentário*) e a novela *O Condómino*. Publicou nas revistas *Criatura e Granta*.

Este texto foi escrito ao abrigo do antigo Acordo Ortográfico, por vontade do autor.

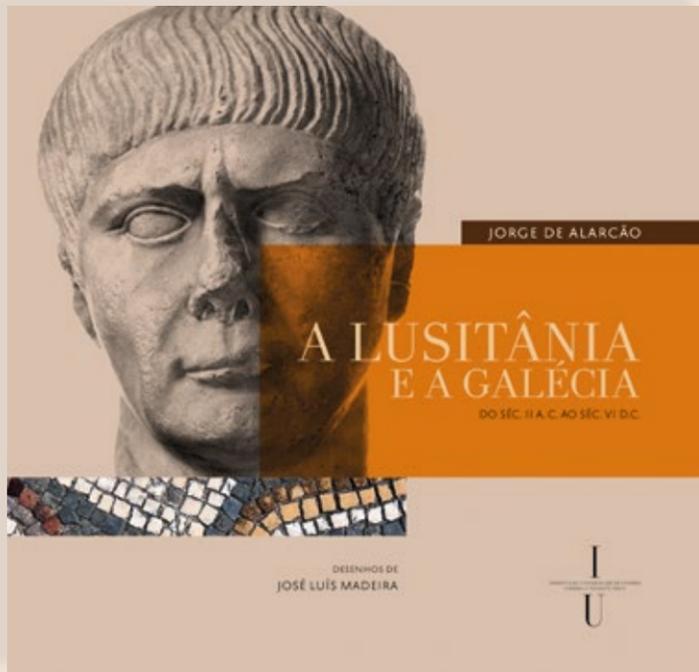
Cap. 9. n. 7.

COMMENTARII
COLLEGII
CONIMBRICENSIS
E SOCIETATE IESV.
IN VNIVERSAM DIALECTICAM
Aristotelis Stagiritæ.



*Hand. e. Mexu
Do Collegio de - S. I. de
de Carmelitas de...*

C O N I M B R I C A E,
Ex Officina Didaci Gomez Loureyro Vniuersitatis Ar-
chitypographi. Anno Domini MDCVI.
Cum Priuilegio Regis, & Facultate Superiorum.



PRÉMIO JOAQUIM DE CARVALHO 2019

Título: *A Lusitânia e a Galécia. Do séc. II a.C. ao séc. VI d.C.*
Autor: Jorge de Alarcão¹
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Ano: 2018

O júri da 10.^a edição do Prémio Joaquim de Carvalho atribuiu, por unanimidade, o galardão deste ano (2019) à obra de Jorge de Alarcão, *A Lusitânia e a Galécia. Do séc. II a.C. ao séc. VI d.C.*

Esta impressionante obra revela um profundo e maturo trabalho de pesquisa sobre o Portugal que emerge das duas antigas províncias romanas da *Lusitania* e da *Gallaecia*, seguindo o decurso das transformações operadas no processo de romanização, para ponderar, finalmente, quanto dessa *Romanitas* nos foi legada como herança civilizacional.

Como explica o autor no prefácio ao livro, «Portugal, cujas fronteiras ficaram definidas nos meados do séc. XIII (e desde então não foram significativamente alteradas), constituiu-se, pois, com partes da *Lusitania* e da *Gallaecia* romanas — e não podemos procurar nas divisões administrativas romanas a origem da raia que hoje separa Portugal da Espanha.» [p. 11]. E mais adiante esclarece: «A presente obra é, na sua conceção, diferente das anteriores sínteses que apresentámos (...) [e] adotámos nestas um discurso por temas ou matérias: a história política;

DELFIN LEÃO *

as cidades; as *villae*, a vida económica; a religião; a arte. Agora, entremetendo uns assuntos nos outros, seguimos um fio cronológico que nos parece mais esclarecedor do que existia quando os Romanos chegaram, do que foi acontecendo ou das transformações que se foram operando, e do que ainda ficou depois do sucedido. Na Conclusão, tentaremos responder à pergunta: que ficou? Que herança nos deixaram os Romanos, para além da língua? Que raízes temos nessa época?» [p. 14].

Escrito numa linguagem segura e clara, própria dos grandes mestres, e ainda notavelmente ilustrado por José Luís Madeira, este volume torna-se, assim, na grande obra de referência para compreender Portugal na sua relação matricial com o universo romano. Além do mais, o seu espírito crítico — essa permanente curiosidade investigativa e necessidade de questionar a nossa interpretação do conhecimento, de olhar os factos por diferentes prismas — enquadra-se brilhantemente nos objetivos da génese do Prémio Joaquim de Carvalho em 2010.

*Diretor da Imprensa da Universidade de Coimbra

1. Jorge de Alarcão é professor catedrático jubilado da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Doutor *Honoris Causa* pelas Universidades de Bordéus (1985) e Santiago de Compostela (1996). A sua atividade docente notabilizou-se em diversos ramos da Arqueologia Clássica, História Antiga, Pré-História e Proto-História. Como investigador, o seu campo de eleição tem sido a Arqueologia Romana em Portugal e, mais recentemente, a Teoria da Arqueologia. Nesta área do saber, é uma inequívoca autoridade de reconhecida projeção internacional, com uma extensa bibliografia, recebendo, entre outros, o prémio Raoul Duseigneur da Académie des Inscriptions et Belles Lettres (Paris) pela obra *Les villas romaines de São Cucufate, Portugal* (de colab. com R. Étienne e F. Mayet).

LIVROS :

Título: *O Curso Aristotélico Jesuíta Conimbricense*
Autor: Mário Santiago Carvalho
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Portugaliae Monumenta Neolatina*
Ano: 2019

Título: *As Luzes do Príncipe*
Autor: João Ramalho-Santos e Rui Tavares
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra e Ciência Viva
Série: *Outros Títulos*
Ano: 2019

Título: *Rios de Portugal*
Autora: Maria João Feio e Verónica Ferreira (ed.)
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Investigação*
Ano: 2019

Título: *A Mobilidade Académica e a Emigração Portuguesa Qualificada*
Autor: Rui Adelino Machado Gomes
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Investigação*
Ano: 2019

Título: *Higher Education After Bologna. Challenges and Perspectives*
Autora: Cristina Pinto Albuquerque (coord.)
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Pessoas e Contextos*
Ano: 2019

Título: *Conceitos e Dispositivos de Criação em Artes Performativas*
Autor: Fernando Matos de Oliveira (ed.)
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra, Teatro Académico de Gil Vicente, entre outros
Série: *Dramaturgia*
Ano: 2019

Título: *Tanto Ella Assume Novitate al Fianco*
Autora: Isabel Mota
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Investigação*
Ano: 2019

Título: *O Multilateralismo: conceitos e práticas no séc. XXI*
Autora: Licínia Simão e Sandra Fernandes
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Investigação*
Ano: 2019

Título: *European Public Sector Accounting*
Autor: Andrew Martin Wynne, Susana Jorge, Peter C. Lorson e Ellen Hustein
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Ensino*
Ano: 2019

Título: *As 'Fake News' e a Nova Ordem (Des)Informativa na Era da Pós-Verdade*
Autor: João Figueira, Sílvio Santos
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Investigação*
Ano: 2019

Título: *O PSS e a Coordenação de Segurança na Construção*
Autor: Telmo Dias Pereira
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Ensino*
Ano: 2019

Título: *Manual do Cuidador*
Autor: Anabela Mota Pinto, Manuel Veríssimo e João Malva
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Outros Títulos*
Ano: 2019

Título: *Caminhantes*
Autor: Marcelino Agís Villaverde
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Ideia*
Ano: 2019

Título: *Literatura e Emoções*
Autora: Leonor Simas-Almeida
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Investigação*
Ano: 2019

Título: *A Guerra e as Guerras Coloniais*
Autor: José Luís Lima Garcia
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *História Contemporânea*
Ano: 2019

Título: *Os Palácios da Memória*
Autor: Luiz Fagundes Duarte
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Investigação*
Ano: 2019

Título: *Eça Naturalista*
Autor: António Apolinário Lourenço
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Documentos*
Ano: 2019

Título: *Uma História Pessoal. Os Mitos Gregos*
Autor: Pauline Schmitt Pantel
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Outros Títulos*
Ano: 2019

Título: *Natal Verde. 30 Anos de Postais de Jorge Paiva*
Autor: Paulo Trincão, Lídia Pereira e Ana Rita Paiva (coords.)
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Outros Títulos*
Ano: 2019

Título: *Se Eu Vivesse Tu Morrias e Outros Textos*
Autor: Miguel Castro Caldas
Edição: Imprensa da Universidade de Coimbra
Série: *Dramaturgia*
Ano: 2019

A escola filosófica de Coimbra

MÁRIO SANTIAGO DE CARVALHO *

A história da filosofia costuma reconhecer várias escolas, mas ignora a «escola de Coimbra». Contra esta ignorância trabalha agora a iniciativa *Conimbricenses.org* (www.conimbricenses.org). Com Pedro da Fonseca, a nossa escola identificou-se por um «regresso às fontes» (uma *Aristotelian turn*) e, sob essa bitola, trabalhou o *Curso Aristotélico Jesuíta Conimbricense*. A autoridade da escola foi reconhecida por Descartes, Locke, Malebranche, Leibniz, Pierre Bayle, Jacob Brucker, o jovem Karl Marx ou Charles S. Peirce. O seu impacto (como agora se diz) também chegou aos *curricula* filosóficos de Roma, Groeningen, Estrasburgo, Halle ou Jena. Entre 1592 e 1730, publicava-se na Europa uma média de um título por ano dos vários que constituíam o *Curso*, e os principais editores não disfarçavam a cobiça: Horácio Cardon e João Pillheotte (Lyon), Lázaro Zetzner (Colónia), André Baba (Veneza), e João Albin (Mainz). A marca «conimbricense» vendia tão bem que a editora Froeben publicou uma contrafacção em 1604 e, nas ilhas Britânicas, saía, em 1627, o *Breve Compêndio da Lógica Conimbricense*. Não conhecemos nos séculos XX e XXI nenhum caso paralelo de tão bem sucedido impacto coimbrão. Outros reflexos se reconhecerão em Moscovo, na Lituânia, em Pequim, no moderno Líbano. A escola de Coimbra ousara gerar um manual enciclopédico que se revelava perfeitamente adequado ao seu tempo, a formação de especialistas ao serviço de uma internacional com a dimensão do globo.

* Investigador do Instituto de Estudos Filosóficos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Concluídas as obras pioneiras da cultura portuguesa

CARLOS FIOLHAIS *
JOSÉ EDUARDO FRANCO **

Com a publicação, no final de 2019, pelo Círculo de Leitores dos últimos volumes da colecção *Obras Pioneiras da Cultura Portuguesa*, foi concluído com sucesso um projecto editorial de grande interesse nacional que a muitos parecia, de início, impossível. Reunidas as condições para preparar com critérios científicos do maior rigor, designadamente o apoio mecenático, as *Obras* foram saindo com regularidade ao longo de pouco mais de dois anos. A meta era identificar, editar, comentar e entregar ao público as primeiras obras escritas de raiz em língua portuguesa nos mais diversos domínios do saber. Nos 30 volumes que formam a colecção completa, encontram-se 82 obras, pois a generalidade dos volumes contém vários livros (no total, encontram-se 218 textos, acrescendo 122 cantigas e 14 pequenos textos dos primeiros tempos da língua portuguesa). Ficaram cobertos 700 anos de história de formação da língua portuguesa e que fixaram conhecimento, pela primeira vez, em 30 áreas de saber.

O projecto, feito sob a égide das Universidades de Coimbra e Aberta, e que contou com o alto Patrocínio do Senhor Presidente da República, envolveu uma equipa de 272 especialistas, investigadores e consultores das universidades portuguesas e algumas estrangeiras. A colecção valeu, em 2018, aos coordenadores — José Eduardo Franco e Carlos Fiolhais — o Prémio José Mariano Gago da Sociedade Portuguesa de Autores, atribuído ao melhor trabalho de divulgação científica em língua portuguesa.

Os promotores propõem-se agora publicar *online* as fontes e preparar as traduções de alguns volumes nalgumas das línguas mundiais de maior impacte.

* Professor catedrático do Departamento de Física da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

** Professor catedrático convidado da Universidade Aberta

Este texto foi escrito ao abrigo do antigo Acordo Ortográfico, por vontade dos autores.



ciclo de teatro
e artes performativas

M I M E S I S

Mimesis, figura de retórica que se baseia no emprego do discurso direto e do gesto, voz e palavras de outrem. Imitação verosímil da natureza que constitui, segundo a estética aristotélica e clássica, o fundamento de toda a arte.

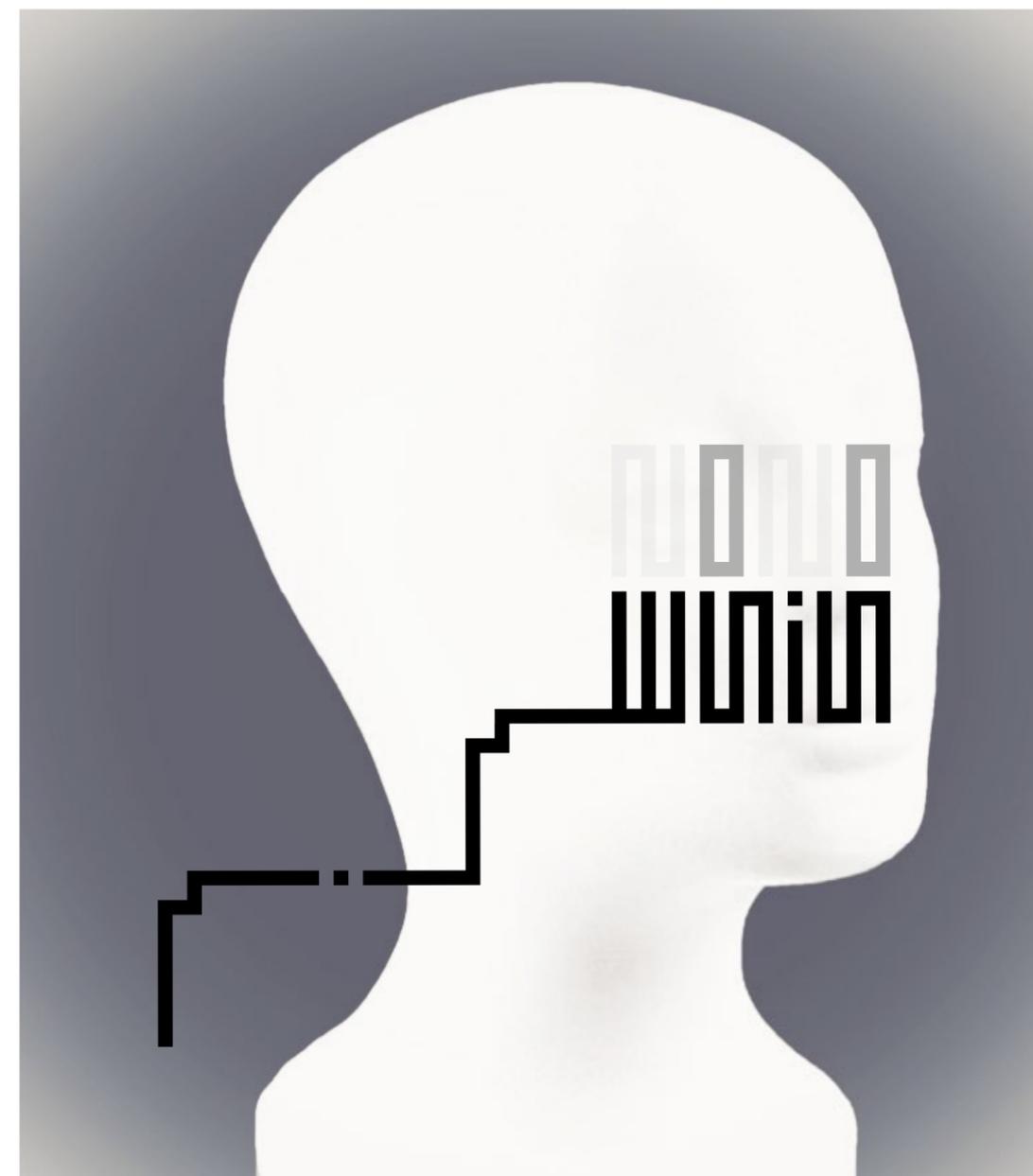
Para Platão, *mimesis* era «a mais completa discussão acerca da natureza da arte que recebemos do mundo antigo», porém não consegue aí um sentido fixo para a palavra.

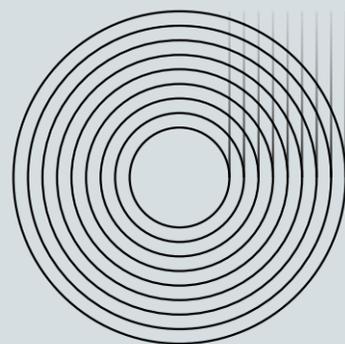
Aristóteles em *A Arte Poética* irá tratar como temática principal de sua obra, e atribui a mimese dois significados: o da imitação e o da emulação.

Mas o conceito e a consciência de *mimesis* continua em procura no mundo e nos tempos mais presentes onde Erich Auerbach vem a jogar empenhos diversos, caminhos até para as hoje convulsivas performatividades que o dizer da arte convoca.

Assim, na busca de uma identidade visual e seu objeto distintivo, procurou-se resolver condições de *representação* (para convocar teatralização) e de *experienciação* (para fazer inscrever as artes da *performance do eu*), tudo a tentar cumprir a condição de *metáfora=transferência* de sentido; e a *projeção*.

Os referentes icônicos explorados zelaram por trabalhar, ainda numa semiótica do objeto cultural, o comportamento residente no *lugar* e no espaço.



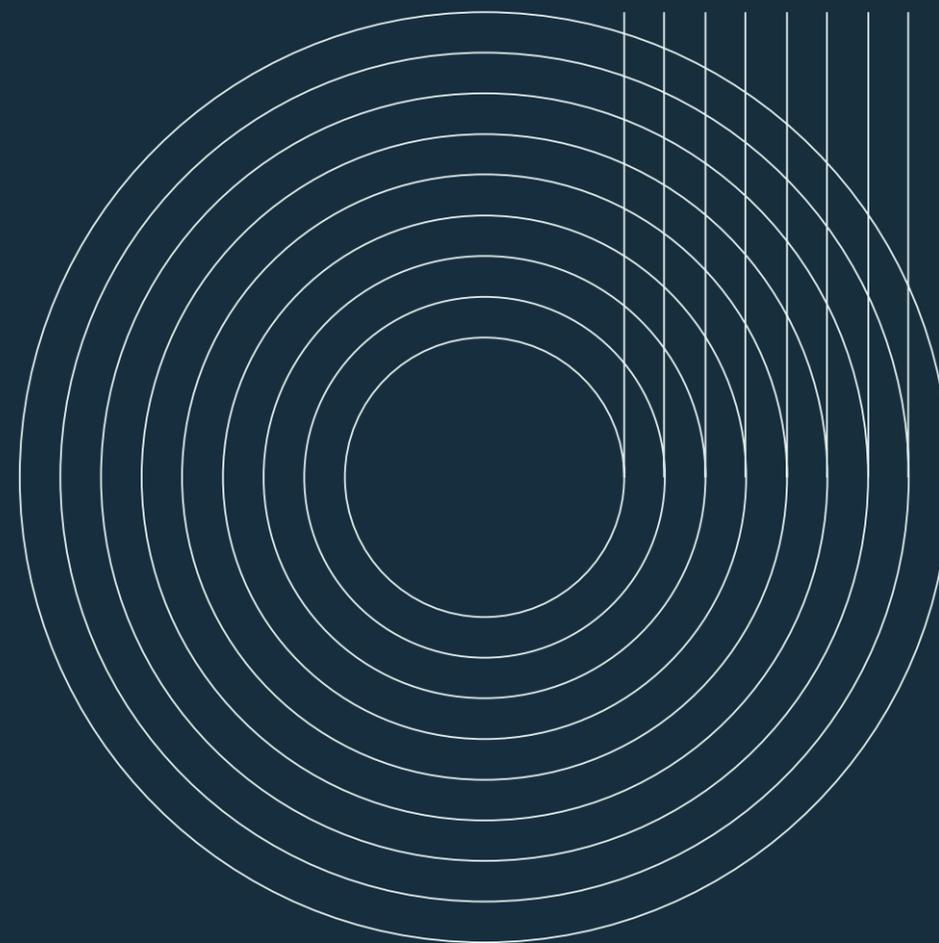


Orphika

CICLO DE MÚSICA

Na Mitologia Grega, Orfeu é o símbolo por excelência das artes poéticas e musicais. A viagem que faz ao Além, em busca da amada Eurídice, representa a própria dimensão iniciática da Música, uma potência divina destilada por humanos corações.  Orphika é tudo isso: um universo intenso de emoções.

• o r p h i k a •



Universidade
de Coimbra

University
of Coimbra

uc.pt



1 de março
a 5 de
novembro

1st March to
5th November

à Frente do
seu tempo

Espectáculos
Exposições
Shows
Exhibitions

Debates
Inovações
Talks
Innovations

Desafios
Disrupções
Challenges
Disruptions

ahead of its time

1290 – 2020



1 2 9 0

UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



WCC
WORLD CULTURAL COUNCIL

MECENAS



PARCERIAS

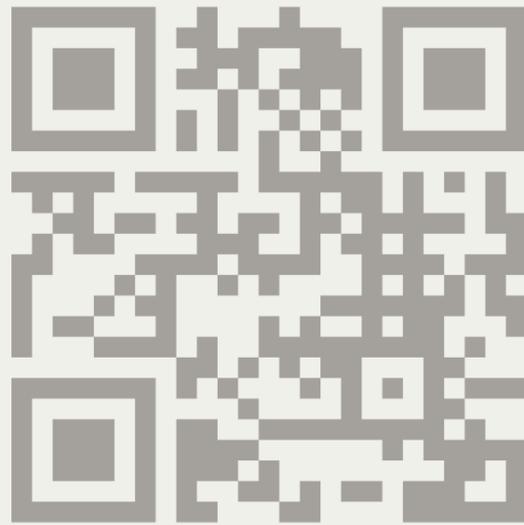


APOIO



RUA LARGA

REVISTA DA REITORIA
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
NÚMERO 54
MARÇO 2020



A *Rua Larga* está aberta ao trânsito das ideias que circulam na Universidade de Coimbra (UC) desde junho de 2003.

O nome foi tomado de empréstimo à via que atualmente assegura a ligação do Largo D. Dinis à emblemática Porta Férrea. Rua que, antes da construção da cidade universitária como hoje a conhecemos, era já uma das mais importantes da Alta. Hoje, a Rua Larga é uma ponte entre passado e futuro, feita de pedra e ar, desenhada por Gonçalo Byrne.

A *Rua Larga*, revista, é esse espaço ao mesmo tempo simbólico e efetivo por onde passa o que se vai passando na Universidade.

Assine a *Rua Larga* e permaneça em contacto com a UC.

Assinaturas em www.uc.pt/rualarga

Mais informação rualarga@uc.pt

Consultar números antigos www.uc.pt/rualarga

Os preços incluem IVA e portes de correio nacionais.

* A assinatura pode ter lugar em qualquer altura do ano,

passando a anuidade a contar a partir desse momento, independentemente do ano civil.

22.ª SEMANA CULTURAL UNIVERSIDADE DE COIMBRA . 2020

1 MARÇO | 21H30
UNIVERSIS: 730 ANOS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
CONCERTO TAGV
ORG.: ORQUESTRA ACADÉMICA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

2 MARÇO | 10H30 [ATÉ 7 MARÇO]
A OUSADIA DA PRIMAVERA
TEATRO Jardim Botânico
ORG.: MARIONET – ASSOCIAÇÃO CULTURAL

2 MARÇO | 15H [ATÉ 14 MARÇO]
OUSADIAS DA INTERPRETAÇÃO DA NATUREZA – A BOTÂNICA PELAS ARTES
INSTALAÇÃO ARTÍSTICA
Jardim Botânico
ORG.: JARDIM BOTÂNICO

2 MARÇO | 16H [ATÉ 15 MARÇO]
LABIRINT(EUS)
INSTALAÇÃO ARTÍSTICA
Átrio frente ao Auditório da Reitoria da UC
ORG.: ANTÓNIO AZENHA

2 MARÇO | 17H [ATÉ 6 MARÇO]
UM PLANO FORA DE ÓRBITA
MOSTRA EXPOSITIVA
DPTO de Arquitetura da FCTUC
ORG.: DPTO DE ARQUITETURA DA FCTUC

2 MARÇO | 17H [ATÉ 15 MARÇO]
PAISAGEM PROVISÓRIA
INSTALAÇÃO ARTÍSTICA
Claustro do Colégio das Artes
ORG.: COLÉGIO DAS ARTES

03 MARÇO | 16H [ATÉ 6 MARÇO]
CIDADE: UM LIVRO EM BRANCO
OFICINA, CONVERSAS, EXPOSIÇÃO
Sala B do TAGV ORG.: HÁ BAIXA

3, 5 E 12 MARÇO | 21H30
PORTUGAL DE MUITXS
CICLO DE CINEMA
Sala de Seminários do CES
ORG.: CES

4 MARÇO | 15H
CREATOUR: À DESCOBERTA DO TURISMO CRIATIVO
ESPECTÁCULO MULTIMÉDIA
Sala Carvão – Casa das Caldeiras
ORG.: CES – CREATOUR

4 MARÇO | 16H [ATÉ 15 MARÇO]
O QUE AS JANELAS DA UC MOSTRAM
MOSTRA EXPOSITIVA FLUC
ORG.: AQUARELA BRASILEIRA

4 MARÇO | 17H30 [ATÉ 30 ABRIL]
ODETTE FERREIRA – CONSTRUIR FUTUROS
EXPOSIÇÃO Museu da Ciência da Universidade de Coimbra
ORG.: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DAS FARMÁCIAS/ MUSEU DA FARMÁCIA

4 MARÇO | 21H30 [ATÉ 25 MARÇO]
CINEMA PORTUGUÊS: UMA HISTÓRIA DE OUSADIA
CINEMA Mini-Auditório Salgado Zenha (Edifício AAC)
ORG.: CENTRO DE ESTUDOS CINEMATOGRAFICOS – AAC

5 MARÇO | 17H [ATÉ 30 ABRIL]
OUŠAR DUVIDAR: «NÃO SEI POR ONDE VOU, NÃO SEI PARA ONDE VOU, SEI QUE NÃO VOU POR AI» – EVOCAÇÃO DOS 50 ANOS SOBRE A MORTE DE JOSÉ RÉGIO
EXPOSIÇÃO Sala de São Pedro, Biblioteca Geral da UC
ORG.: BIBLIOTECA GERAL DA UC

5 – 31 MARÇO | 21H
ENTES PRESENTES – ORGULHO DE FALAR PORTUGUÊS
EXPOSIÇÃO Liquidambar
ORG.: AQUARELA BRASILEIRA MULTIMÉDIA

5 MARÇO | 21H30
PORTUGAL DE MUITXS
CICLO DE CINEMA
Sala de Seminários do CES
ORG.: CES

5 MARÇO | 21H30
ATLAS DO CORPO E DA IMAGINAÇÃO AO VIVO, DE GONÇALO M. TAVARES & OS ESPACIALISTAS
CONFERÊNCIA-PERFORMANCE TAGV
ORG.: TAGV

6 MARÇO | 21H30
ESTEIRA CHEIA. HOMENAGEM DE CABO VERDE AOS 730 ANOS DA UC PELA ORQUESTRA DA TAUC E COM A PARTICIPAÇÃO ESPECIAL DE NANCY VIEIRA & NISSAH BARRETO
CONCERTO TAGV
ORG.: ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES CABO-VERDIANOS DE COIMBRA

7 MARÇO | 21H30
TUDO É OUSADO PARA QUEM NADA SE ATREVE
MÚSICA E DANÇA
Centro Cultural D. Dinis
ORG.: CASA DO PESSOAL DA UC

7 MARÇO | 21H30
CONCERTO DE ANIVERSÁRIO DA RUC
MÚSICA TAGV
ORG.: RÁDIO UNIVERSIDADE DE COIMBRA

9 MARÇO | 20H30
ARTE: UM UNIVERSO SEM LIMITES
CONCERTO, INSTALAÇÃO ARTÍSTICA, SESSÃO DE LEITURA EXPRESSIVA E OBSERVAÇÃO ASTRONÓMICA
Seminário Maior de Coimbra
ORG.: CORO MISTO DA UC

10 MARÇO | 17H
QUANDO FOI A ÚLTIMA VEZ QUE OUSASTE SER FELIZ?
WORKSHOP Centro Cultural Dom Dinis
ORG.: SOS ESTUDANTE – AAC

10 MARÇO | 18H30
CARLOS SEIXAS REINVENTADO
CONCERTO Capela da Universidade
ORG.: PAULO BERNARDINO

12 – 15 MARÇO | DIVERSOS HORÁRIOS
OFICINA DE IMPRUDÊNCIAS
PERFORMANCE Liquidambar (12/03, 21h-23h) Ateneu de Coimbra (13 e 14/03, 10h-13h/15h-19h + 15/03, 10h-13h) Salão Brazil (15/03 das 14h-18h)
ORG.: REPÚBLICA SOLAR DOS KAPANGAS E REPÚBLICA NINHO DA MATULÓNIA

12 MARÇO | 21H30
PORTUGAL DE MUITXS
CICLO DE CINEMA
Sala de Seminários do Centro de Estudos Sociais
ORG.: CES

12 MARÇO | 21H30
OUSADIAS
TEATRO
Teatro de Bolso do TEUC – AAC
ORG.: TEUC

13 MARÇO | 16H
O RAP EM DEBATE
WORKSHOP
Café do TAGV
ORG.: TAGV

13 MARÇO | 18H
MULHER NA RAP (CURTA-METRAGEM)
CINEMA TAGV
ORG.: TAGV

13 MARÇO | 21H30
OUVIR, VER, EMANCIPAR RAP NO FEMININO.
CONCERTO COM MYNDA GUEVARA (COVA DA MOURA), PI (ABRANTES/COIMBRA), MULECA XIII (RIO DE JANEIRO), BLINK (LISBOA).
TAGV
CURADORIA DE SORAIA SIMÕES DE ANDRADE

14 MARÇO | 16H
COMPOSITORES OUSADOS DO BRASIL
RECITAL DE PIANO POR FERNANDA CANAUD
Museu Nacional Machado de Castro
ORG.: MÚSICA NO MUSEU

14 MARÇO | 21H30
OUSADIAS 2020
CONCERTO TAGV
ORG.: ORQUESTRA CLÁSSICA DO CENTRO

